



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**NOEME TOMAZ DA SILVA**

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE ROTAS DE LUTA E DE COMÉRCIO NO ALTO  
SERTÃO: “EXPERIÊNCIAS DOS TROPEIROS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB  
(1940-1950)”.**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2017**

**NOEME TOMAZ DA SILVA**

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE ROTAS DE LUTA E DE COMÉRCIO NO ALTO  
SERTÃO: “EXPERIÊNCIAS DOS TROPEIROS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB  
(1940-1950)”.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* Cajazeiras como requisito de avaliação parcial para conclusão do curso de História. Sob a orientação da Professora Dra Silvana Vieira de Sousa.

**CAJAZEIRAS – PB**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

S586h Silva, Noeme Tomaz da Silva  
História e memórias de rotas de luta e de comércio no alto sertão:  
“experiências dos tropeiros de São José de Piranhas-PC (1940-1950)” /  
Noeme Tomaz da Silva. - Cajazeiras, 2017.  
128p. :il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Cavalaria. 2. Tropeiros-história. 3. Rotas comerciais. 4. Memória-tropeiros. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –357

**NOEME TOMAZ DA SILVA**

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE ROTAS DE LUTA E DE COMÉRCIO NO ALTO  
SERTÃO: “EXPERIÊNCIAS DOS TROPEIROS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB  
(1940-1950)”.**

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvana Vieira de Sousa.  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho  
(Examinadora)

---

Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira  
(Examinador)

---

(Suplente)  
Prof. Rubismar Marques Galvão

**CAJAZEIRAS – PB  
2017**

## AGRADECIMENTOS

É tempo de agradecer primeiramente a Deus pelo dom da vida, pela graça da realização de um sonho.

Agradeço de maneira especial a minha professora e orientadora Dra. Silvana Vieira de Sousa, por sua paciência. Sou-lhe eternamente grata pela disponibilidade de tempo a mim prestada e todo o conhecimento que me possibilitou adquirir ao longo do curso e em especial durante esta pesquisa, pois sem a sua orientação esse momento não seria possível.

A minha família, mas principalmente a mãe Tereza por tolerar os meus estresses durante todo o curso e principalmente nesse processo de escrita do trabalho. Mãe obrigada de coração. Saiba que a senhora é tudo na minha vida. A senhora tem o seu jeito rude de ser, mas tem um coração de ouro. Sim! Vou continuar estressada, pois não pretendo parar e sim seguir a diante. O caminho é longo e obstáculos terei muitos, mas eu creio no Deus que pode todas as coisas.

Aos meus amados professores e porque não dizer mestres do Curso de Licenciatura Plena em História, com os quais tive a oportunidade de conviver durante todo o curso e aos quais serei eternamente grata por todo o conhecimento que me foi passado. Conhecimento esse que contribuiu de maneira significativa para o meu engrandecimento intelectual, pessoal e principalmente profissional. Em especial a o nosso “Santo Expedito da UFCG” professor Dr. Isamarque Lobo, por socorre a todos nas horas de aflição e desespero.

De maneira especial, agradeço aos meus entrevistados, pela humildade, hospitalidade de me receber e principalmente pela sua colaboração com informações de grande valia para esta pesquisa. Pessoas que aceitaram de maneira gentil e carinhosa compartilhar suas vivências e experiências de vida.

Agradeço a todos os meus colegas de curso que ao longo desses cinco e porque não seis ou sete anos (risos), me permitiram fazer parte de suas histórias de vida. Saibam que vocês tem um lugar muito importante no capítulo da minha vida chamada “CURSO DE HISTÓRIA NA UFCG”, e que as experiências que compartilhamos me fizeram crescer em muitos pontos da vida.

Gostaria também de agradecer a essas pessoas maravilhosas que nas horas de apuros chameis seus nomes por uma diversidade de vezes e não só fui ouvida, mas também aconselhada a persistir e não desistir. São vocês: Mércia Ferreira de Assis, minha “tia do coração” a quem devo muito do que sou e em quem me espelho para ser melhor. Saiba que

seus incentivos formam cruciais para que eu pudesse estar vivendo esse momento e outros que virão.

Agradeço ao meu amigo e colega de curso Alexandre Ferreira, pelas suas palavras de incentivo nos momentos de angustia. Saiba que tenho um grande carinho e admiração por você enquanto ser humano. Agradeço a minha amiga Cátia Mariano, por esta sempre ao meu lado ouvindo minhas lamurias em momentos de angustia e me incentivando a acreditar mais e mais em mim mesma. Amiga obrigada mesmo.

Agradeço também Luedna Rolin (Luzinha) e Nadivania Alexandre, pela amizade, pelos nossos bons papos e risadas nos corredores em momentos oportunos da UFCG, bem como apoio se sempre, pelas palavras de incentivo. Vocês são do meu coração.

Por fim agradeço aos meus (a)s amigo (a)s de todas as horas: Vivian Gomes, Edilaine Martins, Fátima Lucia, Maria de Fátima Leite de Brito, Dallana Ribeiro, Daniele Marinz, Maria do Carmo, Daiane dos Santos, Jario Ramon, Ionara Pereira e Iara Pereira e Jacilane Silva, pela paciência com meus tiques nervosos e porque não “chiliques” ou até mesmo choros e lamurias.

## **RESUMO**

Esse trabalho acadêmico tem como objetivo abordar a história dos tropeiros do município de São José de Piranhas Estado da Paraíba e sua participação na história social e econômica do município, levando em consideração a atuação desses homens como mecanismo de contribuição para o desenvolvimento do comércio local com outras regiões. Este trabalho fará um recorte temporal entre as décadas de 1940-1950 período de maior destaque dessa atividade no sertão paraibano como também no município de São José de Piranhas em função do comércio do algodão. Procuramos analisar as suas vivências e experiências narradas por eles através do que nos informaram os ex-tropeiros por nós entrevistados quando nos falaram de seus medos, suas superstições, e diversões compartilhadas ao longo das suas viagens. Desta forma, buscamos através dessas informações a identidade do tropeiro suas marcas e sua característica. Por último pensamos como estes são vistos em termos de importância para a sociedade piranhense atualmente. Para tanto, os métodos utilizados por essa pesquisa foram: entrevistas de cunho oral com ex-tropeiros e membros da comunidade conhecedores da história dos mesmos. Como também fez-se uso de fontes bibliográficas como leituras e discussões relacionadas a temática abordada.

**Palavras-chave:** História; Memória; Tropeiros; São José de Piranhas; Rotas comerciais.

## **ABSTRACT**

This paper aims at the history of the tropeiros of the municipality of São José de Piranhas State of Paraíba and their participation in the social and economic history of the municipality, taking into account the performance of men as a contribution mechanism for the development of local commerce with Other regions This work is a temporary reevaluation between the decades of 1940-1950 period of greater prominence this activity in the Serbão of Paraíba as well as in the municipality of São José de Piranhas due to the cotton trade. We try to analyze their experiences and experiences narrated by them through which they did not inform the ex-tropeiros we interviewed when they told us about their fears, their superstitions, and shared amusements throughout their travels. In this way, we search through information an identity of the tropeiro its brands and its characteristic. Finally we think how these are seen in terms of importance for a society of Piranha. To do so, the methods used for this research were: oral interviews with ex-tropeiros and community members who are knowledgeable about their history. As well as the use of bibliographic sources as readings and discussions related to a thematic approach.

**Keywords:** History; Memory; Tropeiros; São José de Piranhas; Commercial routes.



## LISTA DE IMAGENS

IMAGENS 1 e 2: DAS RUINAS DA ANTIGA USINA TIBAGI .....	47
IMAGEM 3: FORMAÇÃO DAS TROPAS DE MUARES EM VIAGENS PELAS ROTAS COMERCIAIS NA PARAÍBA.....	63

## LISTA DE MAPAS

MAPA I: POLÍTICO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS PB .....	33
MAPA II: ROTA DA RAPADURA E DA FARINHA SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-CARIRI CEARENSE .....	43
MAPA III: ROTA DO FUMO E DO GADO ENTRE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS, PIANCÓ, PATOS E CAMPINA GRANDE .....	44
MAPA IV: ROTA DO SAL E DO ALGODÃO ENTRE O MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS E MOSSORÓ-RN.....	45

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I: FORMAÇÃO SOCIAL DO INTERIOR DO BRASIL: PECUÁRIA E ALGODÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 A ocupação do interior do Nordeste.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 A expansão da pecuária e a formação dos primeiros núcleos de povoamento do interior na Paraíba.....</b>	<b>22</b>
<b>1.3 As feiras livres e o comércio pecuarista .....</b>	<b>22</b>
<b>1.4 Modos de vida e trabalho no interior da sociedade pecuarista e algodoeira.....</b>	<b>23</b>
<b>1.5 Os trabalhadores no interior da sociedade.....</b>	<b>24</b>
<b>1.6 O trabalho com o gado no interior: Os vaqueiros.....</b>	<b>24</b>
<b>1.7 O algodão e sua contribuição na formação do interior do Nordeste .....</b>	<b>26</b>
<b>1.8 Duplo comércio: A atividade algodoeira e a pecuária na ocupação da região nordeste .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO II: SÃO JOSÉ DE PIRANHAS: O COMÉRCIO DE ALGODÃO E A ATIVIDADE TROPEIRA .....</b>	<b>32</b>
<b>2.1 São José de Piranhas-PB e as atividades econômicas do município .....</b>	<b>35</b>
<b>2.2 O município de São José de Piranhas-PB e a atividade pecuarista .....</b>	<b>38</b>
<b>2.3 O município de São José de Piranhas e a atividade algodoeira.....</b>	<b>38</b>
<b>2.4 O sistema de transporte e a circulação de mercadorias no município de São José de Piranhas.....</b>	<b>41</b>
<b>2.5 A Rota da Rapadura e da Farinha de São José de Piranhas ao Cariri Cearense .....</b>	<b>42</b>
<b>2.6 A Rota do Fumo e o Caminho do Gado de São José de Piranhas, Patos, Piancó e Campina Grande.....</b>	<b>43</b>
<b>2.7 A Rota do Sal e do Algodão: São José de Piranhas, Mossoró - Rio Grande do Norte e Campina Grande.....</b>	<b>44</b>
<b>2.8 As usinas no município de São José de Piranhas entre os anos de 1920-1957.....</b>	<b>46</b>
<b>CAPÍTULO III: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: EXPERIÊNCIAS DOS EX-TROPEIROS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHA.....</b>	<b>50</b>

<b>3.1 Os tropeiros: Quem eram e para quem trabalhavam .....</b>	<b>53</b>
<b>3.2 Os campos de pouso para os tropeiros como lugar de descanso.....</b>	<b>59</b>
<b>3.3 As formas de atuação e composição das tropas em São José de Piranhas: pessoas e animais .....</b>	<b>61</b>
<b>3.4 Memórias coletivas dos tropeiros de São José de Piranhas .....</b>	<b>65</b>
<b>3.5 Severino Ferreira: Vida de tropeiro e trajeto de tropeiro.....</b>	<b>67</b>
<b>3.6 Silvino Fernandes: Vida de tropeiro e trajeto de tropeiro .....</b>	<b>70</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho historiográfico tem como objetivo analisar a importância social dos tropeiros, suas experiências e suas práticas enquanto trabalhadores na atividade de tropeiro da cidade de São José de Piranhas, e, sobretudo buscar com base em relatos orais de alguns ex-tropeiros residentes no município, com o auxílio de material bibliográfico sobre eles já existente, construir mais um capítulo da história desses homens que desbravaram os sertões fazendo as primeiras rotas comerciais do município, contribuindo desta forma para o seu desenvolvimento.

A escolha dessa temática de pesquisa se deu a partir do contato com a escrita da historiografia local, através da qual percebi ser possível construir uma nova narrativa sobre o município de São José de Piranhas, assim como seus famosos tropeiros. Estudo cujo objetivo é mostrar como os tropeiros, homens considerados fortes e destemidos desbravavam os sertões através da comercialização dos seus produtos entre as localidades vizinhas e regiões distantes. O que veio resultar nesse trabalho monográfico intitulado: **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE ROTAS DE LUTA E DE COMÉRCIO NO ALTO SERTÃO: “EXPERIÊNCIAS DOS TROPEIROS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB (1940-1950)”**.

Acreditamos que este trabalho será de grande relevância, uma vez que levará ao espaço acadêmico o conhecimento da história do município de São José de Piranhas de forma mais aprofundada e assim contribuirá com a historiografia local sobre o muito que ainda precisa ser dito a respeito do município. Assim como a mesma ganha força à medida que não há vestígios de que se tenha trabalhado com tal proposta de análise sobre o assunto, ou seja, os tropeiros.

Como embasamento metodológico para a construção dessa monografia nós utilizamos e priorizamos o que chamamos História Oral, com seus procedimentos metodológicos de pesquisa através da análise qualitativa de entrevistas e histórias de vida dos ex-tropeiros, a exemplo dos senhores: Severino Ferreira Dias e Silvino Fernandes, nossos principais informantes nesse trabalho. Como afirma Meihy (2007), em sua obra intitulada “*Historia Oral: como fazer e como pensar*”, a História oral como metodologia de pesquisa qualitativa envolve portento a “Apreensão de narrativa usando meios eletrônicos e destina-se a recolha de testemunhos, promove análise de processos sociais do presente e facilita o conhecimento do meio emitido”. (MEIHY; 2007; p: 18).

Segundo Lisboa (2016), apud Freitas (2006), em sua obra *“História oral: possibilidades e procedimentos”*, a História Oral é “aquela cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica de entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método” (FREITAS, 2006, p. 18).

Como podemos perceber por meio da discussão acima exposta o método de pesquisa com história oral permite o historiador reconstruir as experiências vivenciadas no passado através da memória. Sendo essa feita a partir do presente com relatos de vida e da história ocorrida no tempo. Alberti (2004), afirma que: “... O passado só “retorna” através de trabalho de síntese de memória: só e possível recuperar o vivido pelo viés do concebido”. Trabalha a história oral é vivenciar a memória através de relatos pessoais buscando descrever o passado para se entender o presente (ALBERTI, 2004,17).

Portanto é por meio desta concepção teórico-metodológica que esse estudo pretende abordar as experiências relacionadas às histórias de vida dos ex-tropeiros no município de São José de Piranhas, no século XX, tendo como ponto principal seus relatos orais e suas experiências descritas pelos mesmos. Trata-se de um percurso que como diz Certeau (2008), deve ser feito não do ponto de chegada, mas do processo que possibilitou chegar a ele. Pela memória o historiador cria uma representação do passado a partir do lugar em que esta inserida “o presente”. (CERTEAU, 2008, 93). Porém Delgado relata que:

Ao se dedicar à análise do passado, o estudioso de História vai de encontro a um outro tempo diferente daquele no qual está integrado. Nessa viagem realiza-se um amalgama peculiar caracterizado pelo encontro de singularidades temporais. Trata-se do encontro da História já vivida com a história pesquisada, estudada, analisada, enfim narrada (DELGADO, 2003, p. 10).

Também o diálogo com a historiografia local e regional que trata sobre os tropeiros, foi de suma importância para esse trabalho à medida que nos deu embasamento para a produção historiográfica a ser construída, tendo como objeto o estudo da atuação dos tropeiros do município de São José de Piranhas- PB. Assim por meio dessa historiografia podemos tomar conhecimentos de discursos construídos sobre estes homens enquanto ser social e compreender como eles se veem como contribuintes para o crescimento do município. Homens fortes, destemidos que como ditos anteriormente desbravaram os sertões gerando uma melhor conveniência entre regiões e que são considerados por Lima (2010), como os “condutores do progresso dessa região.”. (LIMA, 2010; 67). O presente trabalho

monográfico encontra-se dividido em três capítulos: O primeiro capítulo **“FORMAÇÃO SOCIAL DO INTERIOR DO BRASIL: PECUÁRIA E ALGODÃO”**, aborda a historiografia da ocupação territorial da Paraíba a partir da estrutura agrária dos grandes latifundiários que deu origem a economia de base agrícola, sobretudo a canaveira.

Outro ponto em destaque nesse capítulo é o crescimento da economia representado de várias formas a partir do século XV ao século XIX. Outro ponto importante aqui abordado refere-se à ocupação do interior do Nordeste com a chegada da atividade pecuária e a formação das feiras livres, as quais deram origem as vilas e posteriormente a maioria das atuais cidades interioranas do Nordeste. A pecuária por ser uma atividade barata e que ocupava pouca mão de obra o que facilitou sua expansão para o interior da região. Para finalizar o referido capítulo destaca também a importância da atividade algodoeira na consolidação territorial do interior nordestino durante seu auge até a sua decadência no início dos anos 80. Nessa estrutura econômica e dinâmica social desde o início da formação social do interior do Brasil, é notável a importância da atividade e trabalho dos tropeiros.

No segundo capítulo cujo título **“SÃO JOSÉ DE PIRANHAS: O COMÉRCIO DE ALGODÃO E A ATIVIDADE TROPEIRA”**, abordaremos a atividade tropeira tendo como recorte temporal as décadas finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, período de ascensão desta região em virtude da atividade algodoeira. Outro ponto a ser abordado refere-se à fundação e formação do município e a partir desse contexto histórico e cultural de São José de Piranhas destacamos as atividades econômicas tais como: a pecuária, a atividade algodoeira que possibilitaram os circuitos comerciais entre o município de São José de Piranhas e outras localidades com as quais essa passou a manter relações comerciais.

No terceiro e último capítulo intitulado **“MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: EXPERIÊNCIAS DOS EX-TROPEIROS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHA”**, abordamos a história do tropeirismo no município de São José de Piranhas a partir dos relatos de experiências de dois importantes guardiões da memória e da história dos tropeiros da região e da cidade de São José de Piranhas nas pessoas dos senhores Severino Ferreira Dias e Silvino Fernandes, principais colaboradores nesse processo de escrita. Desta forma, esse trabalho buscou relatar as vivências e experiências de homens que empregaram parte de sua vida profissional na atividade de tropeiro como meio de sobrevivência como nos deixaram perceber em seus relatos. A história dos tropeiros de São José de Piranhas não é apenas uma história de heróis construtores do crescimento e do progresso da cidade é também e, sobretudo uma história de luta e renúncias, com capítulos de sofrimento, mas também de alegrias como

nos diz em suas falas. Essa é, pois mais uma homenagem de registro de suas histórias de tropeiros que a eles prestamos nesse trabalho.

No entanto o objetivo desse trabalho é destacar a rica importância da atividade tropeira na formação econômica e social do município de São José de Piranhas, assim como mostrar minimamente a realidade da vida dos tropeiros que muitas vezes transformados em heróis do progresso são esquecidos como sujeitos históricos. Suas memórias nesse trabalho acadêmico foram importantes para construção dessa historia, que pretendemos possa vim a ser mais um lugar de pesquisa para outros que tenha o interesse de se debruçar sobre o assunto aqui abordado.



## **CAPÍTULO I: FORMAÇÃO SOCIAL DO INTERIOR DO BRASIL: PECUÁRIA E ALGODÃO.**

A história da ocupação territorial do atual Estado da Paraíba, não se diferencia das demais regiões do País. As suas raízes econômicas inicialmente estiveram voltadas para o ciclo de exploração do pau-brasil e em seguida para a atividade canavieira começa a ser introduzida, sobretudo, através da produção de açúcar para o comércio de exportação. A estrutura agrária da Paraíba desde a formação inicial do território é composta pelos grandes latifúndios com produção baseada na monocultura e mão de obra escrava dos indígenas e dos negros oriundos das mais diversas regiões do continente africano.

Para Moreira (1991), a organização do espaço agrário paraibano teve a partir do final do século XVI sua ocupação econômica baseada na atividade canavieira mais precisamente na faixa litorânea do Nordeste no sentido Leste-Oeste.

Essa ocupação deu-se, principalmente, no sentido leste-oeste, do Litoral em direção ao Sertão. No Litoral ela baseava-se na produção de cana-de-açúcar. A evolução dessa atividade canavieira teve influência também na ocupação e no povoamento do Sertão e do Agreste (...) a Zona da Mata voltou-se para a produção do açúcar. (MOREIRA; 1991; p.32).

A atividade canavieira tinha como principal produto o açúcar. Toda a produção era voltada para a exportação, tendo como destino o mercado europeu. A cana de açúcar encontrou nas terras férteis do litoral leste do Nordeste condições apropriadas para o desenvolvimento desta cultura agrícola modificando a paisagem natural e causando a substituição das matas por novos canaviais. Além disso, diante da produção da cana de açúcar, o pau-brasil que até aquele momento se inseria como principal produto de exportação deixa de ser o principal foco econômico, ficando em segundo plano.

A partir do desenvolvimento dessa cultura agrícola, o Nordeste do canavial viu surgir no seu espaço territorial os engenhos de tração animal que passaram a ocupar de forma contínua as terras da faixa leste da região numa área que se estendia do leste do atual Estado do Rio Grande do Norte até o sul de Alagoas. De início os plantios de cana de açúcar estavam concentrados nos vales e grotões dos pequenos rios e riachos da região para posteriormente, subir o tabuleiro costeiro da zona da mata nordestina.

A organização do espaço agrário litorâneo, exemplo do que ocorreu em toda fachada oriental do Nordeste, baseou-se na produção açucareira destinada ao mercado externo, na divisão das terras em grandes unidades produtivas

conhecida por Engenho e no trabalho escravo. (MOREIRA, 1991; p.33).

Assim, a principal atividade da economia agroexportadora da Paraíba durante o século XVI até meados do século XIX era a produção canavieira. Essa atividade está representada do ponto de vista de sua organização produtiva pelo engenho moedor localizado em grandes fazendas como elemento concentrador dessa atividade, onde todas e quaisquer relação social girava em torno deste. O poder político, social e financeiro local e representado pelo senhor dono desses engenhos, são estes que vão compor as famílias tradicionais da região.

A base econômica paraibana ao longo dos séculos XVI até meados do século XIX retratada na figura do Engenho de açúcar, uma vez que, esse como afirma Moreira (1991) constituía a base econômica e social de toda a Colônia. “A unidade de produção do sistema açucareiro compreendia tanto a atividade agrícola quanto a atividade industrial.” (MOREIRA; 1991; p: 34).

Era, portanto os donos de Engenho, segundo estudos quem detinha a posse das terras, bem como dos meios de produção e força de trabalho como mencionado anteriormente. A economia local estava devidamente ligada à atividade canavieira. A posse e o poder dos donos das grandes propriedades eram por vez adquirida através do sistema de Sesmarias.

Como afirma Andrade:

(...) a figura do senhor -de - engenho com um prestígio é poder que eram tanto quanto maiores quanto maior fosse a extensão de suas terras, a produção dos seus canaviais ou número de escravos que possuísse. Para salientar a sua posição, construía a casa-grande assombrada ou com calçada alta sobre uma colina ou uma encosta, de onde falava a lavradores, empregados ou escravos. Saía sempre a cavalo de onde continuava a falar do alto aqueles a quem dava ordem. (ANDRADE; 1986; p.72).

Segundo Andrade (1986), o senhor de engenho fazia parte da sociedade aristocrática da época, a qual era dividida em classes sociais. O mesmo ocupava a principal posição porque detinha o poder do capital financeiro representado das mais diversas formas, atrelado as suas posses tanto de terras, quanto de escravos que esse a possuía. Assim como os escravos outras categorias também estavam subordinadas aos senhores de engenhos como os lavradores, os encarregados dos engenhos ou pequenos proprietários e arrendatários.

Desta forma, houve uma concentração populacional em torno dos grandes engenhos açucareiros e com isso a necessidade de produzir alimentos. Esse tipo de produção concentra-se em terras apropriadas e que fosse compatível como o clima e também com o solo.

Segundo Andrade (1961), em virtude do aumento populacional dentro dos territórios

da colônia, em especial das zonas canavieiras no entorno dos engenhos houve a necessidade de produzir alimentos.

Da Europa foram trazidos...animais domésticos – sobretudo bovinos,caprinos,suínos,equinos; da África,vieram vegetais como o sorgo,o inhame,o cara; da Ásia,fruteiras como a bananeira ,a mangueira,a jaqueira e o arroz; e da Oceânia, a fruta-pão e o coqueiro. Muitos vegetais cultivados pelos indígenas – como o algodão, a mandioca e o milho- passam também a ser cultivado pelos colonizadores. (ANDRADE; 1961, p: 100-101).

A produção alimentícia desenvolvida no Nordeste canavieiro marca o período de conflitos entre a cultura cana de açúcar e a agricultura de subsistência o que faz a coroa portuguesa tomar uma atitude de proibir o cultivo de alimento na zona produtora de açúcar a principal fonte de renda na arrecadação de imposto da coroa naquele período. Além da agricultura, posteriormente a produção cana de açúcar passa a enfrentar a concorrência da pecuária por espaço para a sua produção. O desenvolvimento da pecuária introduzida na região canavieira do Nordeste viria a causar conflitos com os plantios de cana de açúcar por ocupar o mesmo espaço territorial

Assim, a pecuária bovina do interior tornou-se a primeira grande atividade econômica do interior e à medida que se desenvolvia, começou a ganhar espaço no contexto econômico da colônia. Desta forma o gado passa a ser um fator preponderante para a ocupação e povoamento do interior do Nordeste.

### **1.1 A ocupação do Interior do Nordeste**

Durante o Brasil colônia o processo de ocupação do Nordeste brasileiro se dá em duas frentes de culturas econômicas vinculadas ao meio rural. Enquanto que no litoral leste da região que corresponde à zona da mata a ocupação se faz por meio da cultura da cana de açúcar, como principal produto econômico, a pecuária inicialmente e logo após o algodão se destacam como as principais fortes econômicas do interior do Nordeste. No entanto ao contrário da zona litorânea leste dessa região, o povoamento se fez lentamente por meio da criação extensiva do gado e pela cultura algodoeira com destaque para o latifundiário comandado por famílias tradicionais, que vão concentrar posse e poder local.

Furtado (1971), em seus estudos sobre a economia e ocupação do interior do Nordeste enfatiza essa importância da fixação da cultura açucareira no litoral para a ocupação das demais áreas da região.

Furtado (1971), afirma que:

A formação de um sistema econômico de alta produtividade e em rápida expansão na faixa litorânea do Nordeste brasileiro teria necessariamente de acarretar consequências diretas e indiretas para as demais regiões do subcontinente que reivindicavam os portugueses. (FURTADO 1971, p. 54).

De acordo com o autor a partir da ocupação da zona canavieira, tem-se a necessidade de ocupar as demais áreas territoriais sobre domínio português. A exploração das áreas interioranas do Nordeste colonial fez desenvolver outras atividades econômicas dentre elas a criação de gado de maneira extensiva nos domínios da caatinga. Por ocupar uma pequena faixa de terra e uma atividade econômica de forte intensidade, a Zona açucareira do Nordeste não permitia a criação de gado em seu espaço pelo fato que está, exigia grande espaço territorial. A criação de gado no espaço territorial canavieiro é permanentemente proibida pelo governo português para evitar um conflito entre as duas culturas. Assim, essa impossibilidade fez surgir na colônia outra atividade econômica no interior do território a criação de gado bovino cuja sua produção de carne, couro e o leite eram fontes de renda para a população do semiárido nordestino.

Segundo Rocha (2010), a expansão do gado bovino para o interior do Nordeste se dar a partir de dois núcleos urbanos instalados no litoral leste da colônia, Olinda/Recife e Salvador. A expansão pernambucana se dá a partir destes dois núcleos urbanos em direção ao Nordeste setentrional, principalmente sobre os domínios da fazenda da Torre dos “Dias d’Avillas”. Enquanto que a expansão baiana integrou o norte da capitania chegando a Sergipe, seguindo o vale do rio Várzea Barris e as margens sul do São Francisco em direção ao oeste baiano e interior das minas atual (Minas Gerais):

O eixo de expansão que surge a partir de Olinda/Recife segue o sentido norte e interior da capitania pernambucana margeando o lado norte do São Francisco. À medida que se afastavam do litoral com sentido aos Tocantins e terras do atual estado do Maranhão, essa expansão dava origem a vilas, pontos estratégicos para o povoamento das terras interioranas e desta forma, melhor fixação da cultura do gado. (ROCHA; 2010, p. 21-22).

Como diz Arraes (2013), as fazendas e currais de gado iniciam a ocupação do interior do Nordeste pelos grotões e vales dos rios, em direção aos sertões das capitanias de Pernambuco e Bahia sobre tudo no curso contrário do Rio São Francisco que passou a ser conhecido como o “rio dos currais”. Ao longo das suas margens os currais foram se fixando em grandes extensões de terras, marcando o início do povoamento dos sertões nordestino.

Esse processo de interiorização da ocupação iniciou-se pelo Agreste, zona de transição localizada entre a Zona da Mata e o Sertão, sobretudo na escarpa oriental da chapada da Borborema. Diferentemente dos tabuleiros litorâneos, essa região comporta um relevo bastante acidentado, não era propícia ao cultivo da cana de açúcar. Mas a atividade agropecuária fica restrita as pequenas fazendas produtoras de leite e agricultura de subsistência, não dando suporte para a criação extensiva de gado e conseqüentemente a não existência de grandes propriedades de terras nessa região. (ARRAES, 2013 p. 17).

Ainda sobre as condições e o meio da cultura pecuária o autor chama atenção para a questão do clima e o relevo como diferencial para disseminação da cultura do gado como atividade econômica no interior, a escassez de chuvas durante um longo período do ano na região semiárida não fazia desta apta a produção da cultura da cana de açúcar. Em torno da pecuária foram surgindo os primeiros núcleos de povoamentos e vilas. O processo de ocupação do interior se deu à medida que o a colonização avançava para o interior do Nordeste. Processo de ocupação do interior esse que se deu paulatinamente embora o clima se fizesse favorável ao desenvolvimento da pecuária, bem como da cana-de-açúcar o Agreste foi povoado de forma tardia.

De acordo com Andrade (1986), ao retratar a região do agreste nordestino destaca que: essa área está quase que totalmente sobre os domínios da Borborema e que apesar de ter clima favorável a criação de gado, essa não se desenvolve nesta área da região.

O Agreste, localizado quase inteiramente sobre a Borborema, apesar de próximo á área açucareira e de dispor de condições climáticas e pastagens favoráveis ao desenvolvimento da pecuária, foi tardiamente povoado. Na realidade, só a sua porção baixa, situada ao sopé da serra e que se estende pelo médio curso do Paraíba do Norte e do Mamanguape, foi ocupada por criadores antes da guerra holandesa. (ANDRADE; 1986, p. 120).

Desta forma, o processo de ocupação e interiorização dos sertões nordestinos não se deu de maneira total em um mesmo instante. Passa por um processo gradativo de deslocamento tendo como viés os cursos dos principais rios do Nordeste, principalmente o Rio São Francisco. Somente a partir das várzeas do “velho Chico” tem-se a ocupação interiorana em duas ramificações rumo ao norte que além do sertão do atual estado de Pernambuco alcançando as terras dos atuais estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará essa região do Nordeste ficou conhecida como (os sertões de fora) e a ramificação ocupacional conhecida como (os sertões de dentro) sentido oeste, sul da capitania baiana e chegando ao interior da região das minas (atual Minas Gerais) se estendendo até ao sul dos atuais estados do Piauí e Maranhão.

Para Furtado (1971), “a condição fundamental de existência e expansão era a distribuição de terras”. A condição fundamental para ocorrência da atividade pastoril e/ou de criação no interior do Nordeste foi à distribuição de terras aos poceiros pela colônia com o intuito de povoar e dessa forma evitar a invasão estrangeira desta região, o que acarretaria em perdas das terras. A partir desta condição, o gado se espalha com rapidez pelos sertões através do São Francisco e alcançam os vales do Rio Tocantins e para o norte, as terras do atual estado do Maranhão, crescendo o número de currais. Por outro lado, na medida em que os currais se afastavam do litoral os custos de manutenção dessa atividade econômica tornaram-se mais caros, exigindo novas iniciativas. (FURTADO 1971, p. 51).

Todavia , esse processo de ocupação do interior via atividade pastoril no Sertão, cultura do gado e agricultura foi marcante na expulsão das comunidades indígenas ali existentes como os cariris, potiguaras e outras como também contribuiu de forma significativa para o alargamento do território colonial. A instalação das fazendas de gado torna-se um marco na economia dessa parte do território nordestino. A produção de carne no Sertão serve como oferta de alimento para os engenhos da zona canavieira nordestina e desta forma também aumenta o trabalho escravo empregado nessa atividade agrícola.

Segundo Alencastro (2000), a produção de gado do Sertão além de fornecer alimento para os engenhos do litoral açucareiro, a produção de couro, atividade de essencial importância na produção mercantil do tabaco, já que o couro era parte importante na exportação deste produto para a Europa.

Mas as fazendas de gado também são puxadas para o mercado atlântico pela subida das exportações do tabaco na década de 1680, visto que o fumo embarcado para o exterior costumava ser encapado com couro, o qual representava 15% do preço final do rolo de tabaco. Na mesma época avultam as exportações de courama de todo tipo. (ALENCASTRO, 2000 p. 341).

A atividade pastoril sertaneja, ao contrário da canavieira não exigir grande concentração de força de trabalho já que a criação dos animais geralmente se dava em grandes espaços territoriais sob a responsabilidade do vaqueiro como principal responsável por essa atividade. Porém, outra forma de exploração de mão de obra tem origem nessa região a de prestação de serviços por troca de moradia e proteção em torno dos proprietários de terras.

(...) geralmente havia em cada fazenda, fora o vaqueiro, alguns mestiços forros, chamados ora “alugados” ora “fabricas”, que faziam serviços auxiliares, recebendo pequena remuneração em espécie, além de casa e

comida. Aqueles que tangiam a pé as boiadas para área úmida, fazendo viagens de muitas léguas eram chamados tangedores ou tangerinos. (ANDRADE; 1986 p. 122).

Desta forma, a atividade pastoril foi um fator determinante para a ocupação populacional no Sertão nordestino. Com essa, surgem às vilas e fazendas abrindo caminho para a consolidação do espaço territorial antes ocupado por tribos indígenas. Desta forma torna-se marcante o latifundiário e o poder que na região canavieira é centrado na figura do senhor de engenho, no Sertão está representado pelo senhor fazendeiro e/ou proprietário de terras e gado. Capistrano de Abreu em sua obra intitulada “Capítulos de História Colonial”, afirma que:

O gado primeiro se desenvolveu nas cercanias da cidade do Salvador; a conquista de Sergipe estendeu-se á margem direita do São Francisco. Na outra margem veio dar menos forte e menos acelerado movimento idêntico partindo de Pernambuco. Ao romper a guerra holandesa estavam inçadas de gado as duas bandas do rio em seu curso interior... O riacho da Terra Nova e o da Brígida facilitaram a marcha para o Ceará... Simultaneamente penetrava a Paraíba. (ABREU. 1998; p.129-130).

Em sua abordagem o autor chama atenção para o tipo de sociedade aglutinada em torno dessa atividade econômica, agropastoril. Também destaca que essa atividade teve início na Capitania de Salvador e posteriormente se espalhou pelas demais regiões do país como Pernambuco e conseqüentemente para a Paraíba tornando-se fonte de renda e riqueza de muitos proprietários de terra. A atividade agropastoril segundo Abreu (1998) tornou-se de fundamental importância tanto para a formação quanto para a ocupação do território à medida que possuía uma melhor desenvoltura nas áreas que ocupava diferente das outras atividades como a cana de açúcar.

Portanto, a criação do gado deu ao Brasil colônia, sobretudo ao interior a possibilidade de desenvolver outra atividade econômica para a colônia, principalmente, no período de decadência do circo do açúcar na zona da mata nordestina. Porém vale se alentar que a criação do gado nos sertões surgiu como uma atividade de subsistência e uma alternativa econômica que vinha no seu início auxiliar a produção canavieira, oferecendo alimento para os engenhos açucareiros e posteriormente como forma de ocupação espacial e de domínio territorial do interior do Brasil colônia.

## **1.2 A expansão da pecuária e a formação dos primeiros núcleos de povoamento do interior na Paraíba**

A concretização da expansão da atividade agropastoril para o interior da colônia fez surgir alguns núcleos e/ou vilas de povoamento que se destacaram como pontos de referência para o espraiamento da cultura bovina nessa região semiárida. Seguindo sempre o curso de rios e riachos esses núcleos funcionavam como subeixos de ramificações regionais de expansão dessa atividade sobre tudo na região nordeste.

Filipeia de Nossa Senhora das Neves, e depois Paraíba, e hoje João Pessoa (1585) Natal (1589)... No Rio Grande do Norte a vila Extremoz do Norte, vizinho a Natal, habitada por indígenas, e Arez, Vila Flor e Nossa Senhora dos Prazeres Goianinha. No Ceará... Fortaleza... Serra de Ibiapaba se desenvolvia a Vila Real de Visoça. (ROCHA; 2010; p: 21-22).

Na capitania baiana, com o afastamento do litoral, surgem as primeiras vilas do interior, Ribeira do Pombal as margens do Rio Itapicuru, Jeremoabo nas margens do rio Várzea Barris foram alguns dos primeiros núcleos de povoamento da capitania baiana. Enquanto que no Nordeste setentrional Pombal, Campina Grande, Mossoró, Crato, Icó e Oeiras entre outros foram às primeiras povoações desta região que surgiram na rota do gado. Após a formação destas vilas surgem outros fluxos e núcleos de povoamento e criação do gado, desta feita de caráter regional. (ROCHA et, al. 2010;P:24).

## **1.3 As feiras livres e o comércio pecuarista**

Nesse contexto da formação sociocultural do interior do nordeste, a partir das vilas as feiras livres desempenharam nestas um papel essencial por ser uma das principais formas de negociação comercial e de crescimento da economia. As vilas e povoados funcionavam como polo concentrador dessa atividade o que facilitava a concretização dos negócios, principalmente a compra e venda do gado entre fazendeiros. O sucesso da pecuária criava dinamismo e aglutinava pessoas nas vilas e cidades que cresciam com o comércio e as feiras.

Segundo Dantas (2008), a origem de grande parte das feiras livres existentes no Nordeste brasileiro deveu-se devido ao intenso comércio de gado durante os séculos XVIII e XIX, o que demonstra a importância da cultura do gado no processo de ocupação e povoamento do Nordeste. A pecuária como atividade econômica contribuiu de forma pioneira com a formação econômica do interior da colônia. Porém, foi também a que mais deixou



marcas no espaço territorial, corroborando com o regionalismo e suas subdivisões.

Sobre essa temática Maia (2006, p.5), nos afirma que, “em todo o território brasileiro as feiras aconteciam como manifestação da atividade comercial, em que pequenos agricultores vendiam os produtos por eles cultivados ou pequenos comerciantes revendiam algumas mercadorias de necessidade imediata”. É a partir destas feiras livres concentradas nas pequenas vilas do interior que a cultura do gado se expande tornando-se mercadoria e sendo comercializados por fazendeiros da região.

#### **1.4 Modos de vida e trabalho no interior da sociedade pecuarista e algodoeira**

No interior da colônia predominava uma sociedade voltada para a atividade agropastoril de criação de gado e agricultura de subsistência. A sociedade da região agropastoril não estava estruturada como ocorria na zona canavieira e isso dificultava à posse desta pela terra, sobretudo a camada mais pobre da sociedade o que lhes faziam rendeiros e/ou dependentes de grandes latifundiários. Seguindo uma condição de hierarquia onde o poder era representado pelo senhor fazendeiro, “o coronel” proprietário de grandes extensões de terra. O centro do poder era representado pela “casa grande” de onde partia as ordens de governança as quais todos os habitantes da fazenda eram submetidos a obedece-las.

A estrutura das fazendas era formada pela casa grande, que também era chamada de casa sede da fazenda, onde morava o fazendeiro, cercada por curral de pedra e/ou madeira para a ordenha do gado leiteiro e apartação, casas de taipa “estrutura de madeira e barro batido e cobertura de palha” onde morava a maioria dos agregados da fazenda que trabalhavam com gado. A produção agrícola era de subsistência, haja visto que o tempo disponível para essa atividade, onde cultivavam mandioca, milho e feijão como itens principais. Os limites destes muitas vezes se confundiam com os limites da própria colônia como era o caso dos domínios territoriais da família Garcia D’Ávilas detentora do maior latifúndio do mundo em domínio particular. Estima-se que a extensão territorial da fazenda da Torre como era denominada se estendia por cerca de duzentas e setenta léguas de terras que se estendiam desde Pernambuco até o Piauí.

Os senhores fazendeiros eram também grandes líderes políticos regionais concentrando o poder local em mãos de grupos familiares. Essa característica é mais evidente na zona do gado inserida no interior do Nordeste. À medida que a cultura do gado subia os sertões através dos rios acumulando grandes extensões de terras, também encontrava as tribos indígenas e em muitos casos, o confronto e guerras contra estas era inevitáveis. Ao adquirir as

terras da coroa o primeiro trabalho era acostumar o gado no pasto, o que exigia bastante mão de obra e só depois era entregue ao vaqueiro que a partir daí, estava responsável pelos cuidados dos animais.

### **1.5 Os trabalhadores no interior da sociedade**

Durante o período colonial e séculos XVI ao XVII grande parte da população da colônia era extremamente pobre e quase sem nenhum direito. No interior para grande parte da população, o trabalho forçado das fazendas de gado e/ou dos engenhos de açúcar era a única forma de sobrevivência e de adquirir o sustento da sua família. O trabalho desenvolvido nas fazendas de gado era extremamente árduo e difícil, já que as jornadas eram longas e sem nenhum tipo de remuneração financeira, desenvolvido por homens e mulheres agregados aos senhores donos de terras. Os “criados” como eram intitulados pelos seus patrões, desenvolviam atividades de luta com gado em auxílio aos vaqueiros e outros serviços como o cuidado com os afazeres de manutenção das fazendas quando se tratava dos homens e atividades domésticas no caso das mulheres que serviam como mão de obra na casa grande. A jornada de trabalho iniciava nas primeiras horas do dia e só teria fim nas últimas horas e/ou depois que todas as tarefas destinadas aquele dia tivessem encerradas.

### **1.6 O trabalho com o gado no interior: Os vaqueiros**

O trabalho com o gado era executado no primeiro instante por nativos indígenas e sobretudo nos primeiros núcleos dessa atividade. Posteriormente, esse trabalho nas fazendas de gado no interior do Nordeste passou a ser executados por mestiços e foragidos que ao cometer crimes em outras regiões, buscavam refúgios nas fazendas dos “coronéis” criadores de gado. A forma adotada para remunerar o trabalho dos agora chamados vaqueiros contribuiu ainda mais para multiplicar o número de fazendas. Após quatro ou cinco anos de trabalho, estes eram pagos com um quarto das crias que nasciam passando a ter condições para desenvolver seu próprio estabelecimento. Em geral, arrendavam as terras necessárias de seus senhores, que por sua vez as haviam recebido do governo colonial.

Segundo Schlesinger (2010), adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. O manuseio necessário aos animais e os cuidados no tratamento do gado como ferrar, amansar, cuidado com doenças, pastagem, desmama, seleção, transporte e

venda, estavam vinculado a sua responsabilidade. O número de vaqueiro a serviço de uma fazenda criadora de gado variava de acordo com seu tamanho e o poder econômico do seu dono e/ou patrão. Quanto maior a quantidade de animais e a extensão da fazenda, maior seria a quantidade de mão de obra a serviço do seu dono.

Os vaqueiros (homens que trabalhavam diretamente com o gado) poderiam com o tempo se tornar pequenos criadores pelo fato de após quatro ou cinco anos de trabalho nas fazendas de gado, adquirir um de cada quatro animais que nascia na fazenda a qual ele trabalhava. Essa forma de pagamento fez surgir pequenos fazendeiros, pelo fato destes (vaqueiros) alugarem pequenas extensões de terra para criar seu gado.

De acordo com Andrade:

O vaqueiro que era o responsável pela fazenda não recebia salário em dinheiro. Sua remuneração correspondia a um quarto da produção da fazenda, pois em cada quatro bezerros que nasciam, um lhe pertencia e os outros três eram do proprietário. (ANDRADE; 1986; p. 122).

Os vaqueiros eram homens que trabalhavam nas fazendas no tratamento do gado como pastagem, alimentação e ordenha. Eles ainda eram responsáveis pelo transporte do gado para consumo o que exigia destes muita dedicação e tempo disponível para ser realizadas. Vestindo roupas de couro, os vaqueiros transportavam o gado pelas trilas abertas nas matas acompanhados de auxiliares até as feiras e centros consumidores. Os deslocamentos de uma “boiada” como eram assim denominados as marombas de gado, poderiam durar vários dias. Em jornadas cansativas e exaustas o gado era levado em caminhada, marchando de dia e noite. Os vaqueiros que os condiziam até as cidades do litoral para serem negociados por mercadorias.

Abreu (1998), em sua abordagem sobre o gado nos revela que depois de quatro ou cinco anos de serviço, começava o vaqueiro a ser pago; de quatro crias cabia-lhe uma; podia assim fundar fazenda por sua conta. A partir daí tinha início um novo núcleo de criação de gado bovino com as mesmas formas de manejos de produção e cuidados, sobretudo no interior do Nordeste colonial. Todavia, a estrutura das fazendas de gado no interior da colônia era marcada por grandes latifúndios sempre geridos pelo poder central de uma família tradicional, a partir dos seus valores e dos seus interesses na manutenção da sua propriedade.

Como foi possível constatar a criação do gado bovino tornou-se de grande relevância para a formação e povoação do interior da região Nordeste, uma vez que, à medida que foram surgindo os currais, os pontos de pouso, tanto para o gado como para o vaqueiro que conduzia

os rebanhos sertões a adentro, novos núcleos de povoação iam surgindo. “A exemplo de algumas vilas como Itabaiana no Agreste baixo do atual Estado da Paraíba e a cidade de Campina Grande na região da Borborema que se destacaram até hoje como cidades comerciais”. (MOREIRA; 1997, p. 80).

Em fins do século XIX e início do século XX uma nova atividade a algodoeira surgiu na região solidificando a fixação dos núcleos de povoamento já existentes elevando vários destes a categoria de vilas e posteriormente cidades e/ou municípios. Desta forma, a cultura do algodão na região interiorana do Nordeste brasileiro tornando-se outra fonte geradora de comércio e emprego para a maioria dos habitantes, sobretudo rurais e fonte geradora de renda para todos os proprietários de terras da região.

### **1.7 O algodão e sua contribuição na formação do interior do Nordeste**

O algodão é utilizado como matéria prima para confecção de produto desde o período colonial brasileiro e se estendeu até as décadas de 1980 do século XX. No entanto, o cultivo dessa cultura durante os séculos XVII e XVIII, passou por momento de estagnação e vindo a se desenvolver posteriormente em função da fabricação de tecidos para vestimentas. Com a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra durante séculos XVIII acarretou no desenvolvimento da indústria têxtil, sua produção voltou a crescer de maneira rápida para atender a demanda. Segundo Andrade (1986, p. 84). Esse produto gerou muitos lucros a coroa portuguesa, uma vez que esse fazia a intermediação entre a colônia e a Inglaterra.

Foi a partir da região Nordeste, mas especificamente o Estado do Maranhão que o algodão se expandiu para as demais regiões fazendo fronteira com outros Estados como a Bahia, Minas Gerais, Piauí e posteriormente com São Paulo e Rio Grande do Sul seguindo sempre o curso do Rio São Francisco. Durante a década 1760, esse Estado era o principal exportador da fibra para os centros comerciais da Europa.

Segundo Yamaoka relata que:

No Brasil, o Maranhão despontou como o primeiro grande produtor dessa cultura, e assim, já em 1760, exportava para a Europa. Do Maranhão expandiu-se para o Nordeste, como nova zona de produção, e paralelamente, a cultura deslocou para região sertaneja que limita com Bahia e Minas Gerais, lado direito do Rio São Francisco. Em seguida, a cultura dispersava-se a oeste do São Francisco até Goiás; pelo Nordeste até Piauí; e no sul, de São Paulo atingia o Rio Grande do Sul (Freire, e outros 1980). (YAMAOKA; 2005; p: 01)

Segundo Moreira (1996), historicamente falando, o algodão em especial o paraibano, mereceu uma atenção mais que especial, uma vez que o mesmo desempenhou durante décadas o desenvolvimento econômico e também social de várias Microrregiões principalmente das sertanejas e agrestianas. Entretanto, foi no final do século XIX e primeiras décadas do século XX que a atividade algodoeira passa a ganhar espaço na economia brasileira em especial na nordestina, uma vez que tornou-se fonte de riqueza de muitos proprietários de terras. Por se tratar de uma cultura barata, devido não necessitar de muita mão de obra o algodão passa a dividir espaço com a agricultura de subsistência e a pecuária, proporcionando, portanto ao agricultor uma fonte de renda e lucratividade por seu cultivo, desta forma acarretando em melhorias de vida deste.

Segundo Moreira (apud: TAKEYA, 1985, p. 27), o algodão enquanto produto de consumo agrícola já era bastante utilizado pela população existente nas colônias desde o período pré-colonial. O mesmo era destinado à produção de tecidos usados pela população de maneira geral. Porém foi no final do século XVIII que esse produto deu um salto na economia brasileira devido a uma série de fatores.

Como afirma Moreira (1997):

(...) nos fins do século XVIII, com o crescimento do progresso técnico da indústria têxtil inglesa e o conseqüente aumento da demanda no mercado internacional, e durante a Guerra de Independência americana, com o afastamento dos Estados Unidos do mercado mundial, foi que o algodão passou a ocupar uma posição de destaque no cenário da economia paraibana. (MOREIRA; 1997; p. 74).

Como é possível constatar uma série de fatores externos impulsionaram para que o algodão viesse a se destacar na economia brasileira e, sobretudo paraibana. Portanto, esse produto já era uma preocupação da coroa portuguesa desde 1789, uma vez que a coroa portuguesa já mostrava interesse na produção do algodão e por sua vez instruíam seus colaboradores, ou seja, o governador a incentivar os produtores e agricultores a aumentar a produção do algodão, sobre as demais culturas como: a canavieira, o tabaco e a pecuária leiteira. (MOREIRA apud: PINTO; 1997:74).

Por meio desse documento e exigência do governo geral, pode-se constatar que entre as principais fontes de riqueza da agricultura paraibana o algodão já era considerado uma das mais importantes. Caminhando ao lado com a cana de açúcar a cultura do algodão foi firmando-se de maneira significativa no século XIX, vindo alguns anos mais tarde a superar o

açúcar na quantidade de exportações para fora do país. Essa superação do algodão em relação ao açúcar se dá em função da crise pela qual o produto estava passando. Crise essa que se deu devido ao barateamento do preço em virtude da substituição do açúcar brasileiro pelo açúcar antilhano no mercado internacional. Já se anunciava na produção do açúcar e assim conjunturalmente e circunstancialmente o algodão em alta e valorizada no mercado torna-se nova fonte de riqueza para os grandes latifundiários da época.

Para Palácios (2002), em seu texto *“Agricultura Camponesa e Plantations Escravistas durante o século XVII”*, afirma que desde 1785 já existia uma preocupação como o avanço na produção do algodão. Pois a dita “febre do algodão” já estava se alastrando pelos principais centros urbanos da região do Nordeste Oriental, a exemplo de Recife no Pernambuco.

Segundo Palacios (2002):

(...) aproximadamente em 1785, instalava-se nos principais centros urbanos da região – sobretudo no Recife- uma intensa Crise de abastecimento alimentar... Provocada pela retirada do mercado da mandioca produzida pelos cultivadores pobres livres, a crise, como não poderia deixar de ser, estava devidamente ligada à produção camponesa de algodão: A ruína da plantação de mandioca nesta Capitania e da mesma data que a introdução da cultura do algodão. (PALACIOS; 2002. p. 48).

Durante as últimas décadas do século XVII e início do século XVIII a região oriental do Nordeste brasileiro que tradicionalmente era uma área de produção canavieira e agricultura de subsistência, enfrentou grave crise de gênero alimentar em virtude dos produtores livres terem optado pelo plantio do algodão e não mais da mandioca. A opção pelo plantio do algodão em detrimento a mandioca pelos produtores se deu devido ao lucro que a nova atividade agrícola estava gerando. Porém, a mandioca era tida como principal produto alimentar da época e sua escassez gerou um desabastecimento do mercado local.

Essa crise desordenada provocou o desabastecimento dos engenhos de açúcar que já afetados pela queda do produto no mercado mundial e pelo crescimento do algodão. Desta forma, o governo imperial se ver obrigado a criar medidas com intuito de proibir o expriamento da atividade algodoeira em terras de plantios de cana de açúcar e agricultura de subsistência. Com o intuito de sanar a crise o governo do Estado criou no final do século XVIII medidas de repressão ordenando as Câmaras Municipais contra os produtores pobres livres, medidas como: “(...) suspender os pequenos plantios de algodão, prender os produtores que resistissem queimar e erradicar os algodoais daqueles que persistissem em empreitar”.

(PALACIOS; 2002; p.49).

Como diz o autor na continuidade do seu estudo, não obtendo êxito, o governo se viu obrigado a pedir ajuda as forças de segurança a exemplo das tropas do exército colonial para auxiliar as Comarcas Municipais no combate aos praticantes desta atividade. Ao fracassar, o governo decidiu retirar da jurisdição a responsabilidade de barrar os produtores livres e passou a responsabilidade para o denominado Capitão-Mor, homem responsável pela segurança das fazendas que tinha como objetivo manter a ordem local.

### **1.8 Duplo comércio: A atividade algodoeira e a pecuária na ocupação da Região Nordeste**

Ao contrário do confronto enfrentado com a atividade canavieira, a atividade algodoeira conviveu em relativa harmonia com a pecuária. O algodão desenvolvido no nordeste setentrional encontra espaço sem ser necessário o confronto com o gado e nem a produção de subsistência em alguns casos dividiam o mesmo espaço territorial. Diferentemente da atividade canavieira, o algodão não formou uma sociedade hierarquizada com divisão de classes sociais. Assim como a cultura do gado, o algodão não necessitava do processo industrial o que facilitava o manejo deste. Desta forma o cultivo foi de fundamental importância para o crescimento do espaço produtivo do algodão que logo ganhou destaque no mercado regional, superando as demais culturas.

A espécie de algodão que se adaptou melhor as condições climáticas do semiárido nordestino foi à semente denominada (mocó) espécie arbórea de fibras longas. A pouca quantidade de chuva e o clima quente da região favorecia o desenvolvimento desta cultura agrícola. Desta forma, o avanço algodoeiro para o interior cresce rapidamente o que vem consolidar a ocupação territorial da colônia.

Alguns historiadores a exemplo de Moreira (1997), afirma que assim como o gado, o algodão também se torna responsável pelo surgimento de vilas e centros urbanos no interior do Nordeste, formando a rota do algodão. As vilas que teriam maior crescimento na segunda metade do século XVIII e início do século XIX em virtude do algodão apresentaram expressivo crescimento populacional e comercial. O exemplo clássico são as vilas de Campina Grande e Pombal na Paraíba, Caruaru e Petrolina em Pernambuco, Mossoró, Pau dos Ferros e Caicó no Rio Grande do Norte e Juazeiro do Norte, Aracati e Sobral no Ceará.

Segundo Andrade (1996):

A expansão dos algodoais e a necessidade de um beneficiamento local do produto provocaram o crescimento populacional e a formação de novos grupos sociais no Sertão; o crescimento dos algodoais contribuiu, em grande parte, para a expansão da escravidão negra nas áreas de pecuária, no início do século XIX (...) (ANDRADE; 1996; p.107).

Ao contrário da pecuária bovina a qual era criado á solta á cultura do algodão careceu de um número elevado de mão de obra, pois os produtores precisavam de muitos trabalhadores tanto para a plantação quanto para o cultivo do produto e posteriormente a sua distribuição.

Finalizando a discussão desse primeiro capítulo procuramos demonstrar seguindo a historiografia da formação social e econômica do Brasil o papel que vai ocupado a cultura do algodão e do gado na ocupação e povoação do interior do Nordeste brasileiro. Essa ocupação não ocorreu de forma homogênea como na zona da mata litorânea região da povoação inicial. No interior por ser uma região extensa e pela importância da água, os primeiros núcleos de povoamento se deram as margens de alguns principais rios como o Piranha-Açu, Várzea Barris, Parnaíba, Jaguaribe e principalmente o São Francisco por onde através das suas margens se expandiram as fazendas de gado. A pecuária se expandiu para o interior da região a partir do confronto com a cultura da cana de açúcar na Zona da Mata nordestina, onde o gado por determinação da coroa, não poderia ocupar o mesmo espaço do canavial.

Andrade (1986), em seu texto intitulado “A pecuária e a produção de alimentos no período colonial”, nos chama atenção do ponto de vista econômico para o comércio proporcionado pela cultura da pecuária principalmente na região Nordeste, já que a mesma possuía um mercado vasto. Como é possível observar na passagem a seguir:

(...) contavam os pecuaristas com um mercado certo na área agrícola, que seria abastecido de carne, de couro e de animais de trabalho;... Formou-se assim, no Sertão – Nordeste semi-árido - uma sociedade pecuarista, dominada por grandes latifundiários, cujos detentores quase sempre viviam e Olinda ou Salvador, delegando a administração da propriedade a empregados (“...”). (ANDRADE, 1986 p. 102 e 103).

A pecuária tornou-se de forma geral, a principal atividade econômica do interior da região Nordeste. A partir de sua prática surge outra atividade secundária que vem ao seu complemento como a função do vaqueiro, tangedores e tropeiros responsáveis pela circulação dos produtos que abasteciam as comunidades, com as feiras que aconteciam nas vilas e povoados do sertão. Sobre essa temática, Linhares (1996), em sua abordagem sobre a expansão do gado para o interior afirma que: “Com o gado do Nordeste avança também o



algodão, e os laços comerciais com os centros de consumo do litoral portuário.” (LINHARES; 1996; P: 120), ou seja, com o avanço proporcionado pela expansão do gado o algodão também passa intensificar ainda mais o comércio já existente com os polos comerciais, assim como se expande e passa a formar novos grupos sociais.

Como afirma Andrade (1961):

A expansão dos algodoais e a necessidade de um beneficiamento local do produto provocaram o crescimento populacional e a formação de novos grupos sociais no Sertão;... Criaram as culturas do milho e do feijão associadas ao algodão e a mandioca. (ANDRADE 1961, p. 105-107).

As feiras de gado e a produção algodoeira foram o marco fundador de algumas vilas e povoados como o atual município de São José de Piranhas no sertão paraibano, onde a pecuária tem um papel muito importante na conjuntura econômica e social do município. A cidade se relacionava com as demais vilas através da atividade de comércio levada a efeito pela figura do tropeiro que através de rotas comerciais em especial a do algodão, eram responsáveis pela circulação e/ou troca de mercadoria entre São José de Piranhas e outras cidades a exemplo de Mossoró- RN, Cajazeiras, Campina Grande e Sousa PB, Crato, Juazeiro do Norte e Missão Velha CE dentre outras.

Um capítulo da história do município de São José de Piranhas como integrante e exemplo da expansão e formação do interior, via atividade comercial proporcionada pela cultura do gado e do algodão será abordado como objeto de estudo no capítulo seguinte cuja narrativa procuraremos mostrar o contexto histórico-cultural da atividade algodoeira, assim como o processo de comercialização do nosso denominado “ouro branco paraibano” nesse município, tendo como principais responsáveis pela condução desse tipo de comércio os tropeiros de São José de Piranhas PB, fonte de pesquisa dessa monografia.

## **CAPÍTULO II: SÃO JOSÉ DE PIRANHAS: O COMÉRCIO DE ALGODÃO E A ATIVIDADE TROPEIRA**

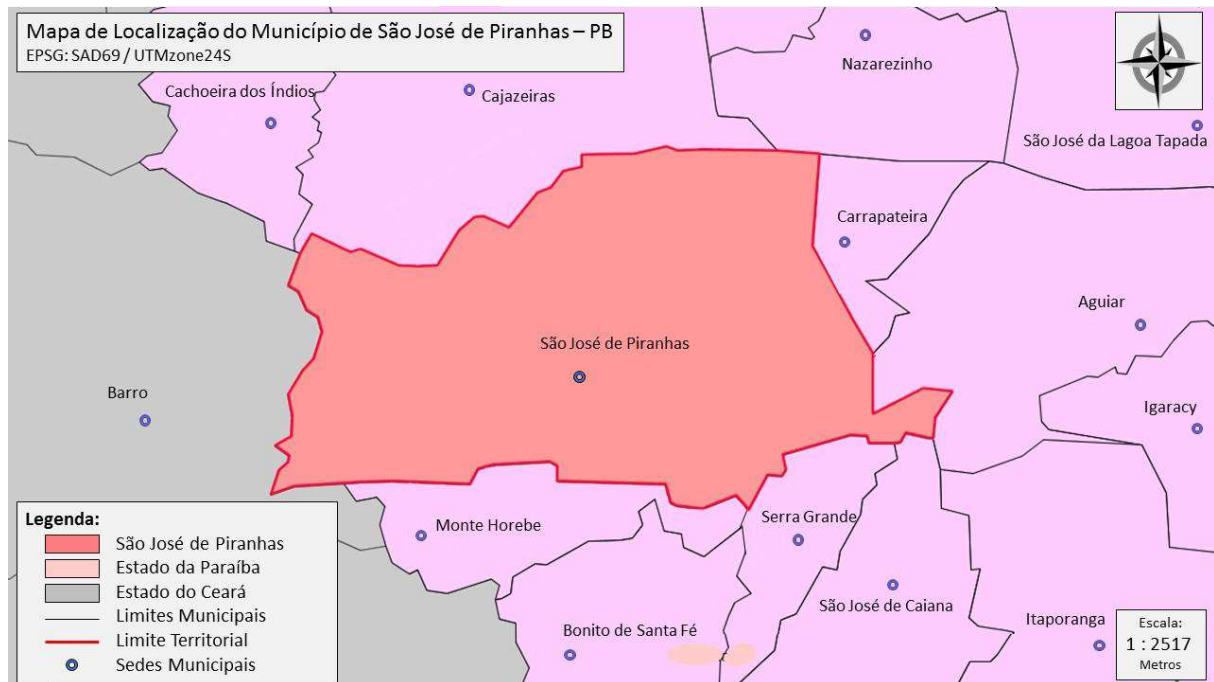
Ao longo do capítulo anterior procuramos apresentar alguns discursos historiográficos sobre as atividades econômicas realizadas no Brasil desde o período colonial. Atividades essas distribuídas entre a atividade canavieira, a pecuária e a atividade algodoeira essas duas mais no interior, e importante para definição social a qual se remete com maior ênfase ao longo deste segundo capítulo porque geradoras e impulsionadoras da atividade dos tropeiros objeto particular dessa pesquisa.

Esse capítulo, pois, destacará a atividade tropeira exercida durante esse período como um dos principais parâmetros desse desenvolvimento local, mostrando como essa surgiu e como se deu a sua contribuição para o crescimento econômico do município durante as décadas de 1940-1950. Partindo desse pressuposto, será analisado, na medida do possível, o sistema de produção e circulação de produtos e sua comercialização com as demais localidades circunvizinhança.

O recorte temporal desse estudo estende-se do final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Período esse em que algumas regiões do Brasil a exemplo da Paraíba vivenciou um período de grande ascensão em virtude da atividade algodoeira. O recorte espacial delimita o município de São José de Piranhas PB. Aqui, O desenvolvimento da cultura algodoeira foi de suma importância para o crescimento do município, assim como das localidades vizinhas a exemplo de Carrapateira, Monte Horebe, Bonito de Santa Fé, Cajazeiras, Sousa, etc. Antes de voltarmos o foco para esse período achamos importante tecer algumas informações sobre o município.

São José de Piranhas é um município brasileiro localizado Estado da Paraíba, distante cerca de 520 km<sup>2</sup> da capital do estado João Pessoa está inserido na mesorregião do sertão e microrregião de Cajazeiras, sua área territorial é de 677,65 km<sup>2</sup>. Sua população de 20.099 habitantes e tem densidade demográfica de 28,19 habitantes por km<sup>2</sup>. (IBGE; 2010). O município está inserido no bioma caatinga, com chuvas de verão e clima semiárido quente, seco com temperaturas mínima de 20 ° C e a máxima de 37° C.

## MAPA I: POLÍTICO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS PB



Fonte: [www.GVsig.com](http://www.GVsig.com)

De acordo com Leitão (1986), a cidade de São José de Piranhas teve sua independência político administrativa no ano de 1885. Essa se deu através da lei de número 791 de 24 de setembro do mesmo ano. A referida lei foi sancionada pelo então presidente da província da Paraíba, Antônio Herculano de Sousa Bandeira, que por meio desta elevou a vila de São José de Piranhas a categoria de município.

Antonio Herculano de Sousa Bandeira, Doutor em *sciencias* jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Oficial da Imperial Ordem da Rosa e Presidente da província da Parayba; Faço saber a todos habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial resolveu e eu *sanccionei* a resolução seguinte: Art.1º - Ficão elevadas a categoria de villas as povoações de S. José de Piranhas, da comarca de Cajazeiras, e Solidade, da comarca de S. João do Cariry, que continuarão a ter as mesmas denominações. Art. 2º - Ficão também elevadas a municípios a freguezia de S. José de Piranhas, a sudelegacia de Solidade. (LEITÃO; 1986; p. 33).

Embora a sua emancipação política tenha se dado no ano de 1885 a história do município começou em 1761, quando o Capitão Francisco Xavier de Miranda obteve por meio do sistema de sesmaria o sitio denominado São José onde. Leitão em sua obra intitulada “*São José de Piranhas Notas Para sua História*” afirma que:

(...) conclui que o sítio que deu origem a povoação de São José de Piranhas estava encravado nas terras que compreendiam a sesmaria doada ao Capitão Francisco Xavier de Miranda, enquanto nas terras pertencentes ao sesmeiro Vital Vieira da Costa surgia o pequeno sítio Jatobá, onde, quase duzentos depois, seria construída a nova vila de São José de Piranhas. (LEITÃO; 1986; p. 12).

De acordo com o autor, por mais que a historiografia paraibana de modo geral não o referencie o fundador do então município foi Francisco Xavier de Miranda, uma vez que no dia 26 de janeiro do ano de 1761 arrematou em um leilão em praça pública uma fazenda de gado nas terras pertencentes ao sítio São José. Como se tem conhecimento o município de São José de Piranhas durante um longo período ficou sediado na antiga vila hoje chamada Piranhas Velha.

Segundo Lima (2011), o deslocamento da antiga vila para o sítio Jatobá se deu em 28 de novembro de 1935. Fato ocorrido em detrimento da construção do açude de Engenheiro Ávido (Boqueirão). A construção do referido açude se deu devido as grandes secas que assolavam e ainda assolam o município e a região de maneira geral.

Para Vieira (2011), em sua obra intitulada “*São José de Piranhas: Conselheiros, Intendentes e Prefeitos (1889-1945)*.”, afirma que: a transferência da cidade da antiga localidade para a atual, não se fez de forma rápida pelo fato que essa teria se iniciado em 1932, quando houve as primeiras manifestações sobre a citada construção do açude. Construção essa que segundo a IFOCS<sup>1</sup> (Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca) deixaria submersa toda a cidade. A transferência definitiva da cidade se deu em 01 de janeiro de 1937 em meio á solenidade prestada pelo então prefeito Malaquias Gomes Barbosa.

Logo a partir de 1932, a Vila começa seu movimento de retirada para outra localidade porque ia ficar submersa, razão pela qual foi nomeada pelo Prefeito Capitão Manoel Arruda de Assis uma comissão de destaque social, formada pelo prefeito e pelo juiz municipal Milton Marques de Oliveira Melo, tendo a frente o engenheiro Sílvio Aderne que elaborou o projeto urbanista da nova sede municipal. O local escolhido foi o Sítio Jatobá, distante 12 km da Vila de São José de Piranhas. Recebeu-se dos cofres da I.F.O.C.S. a quantia de 51.000,00 (Cinquenta e um contos de réis). (VIEIRA. 2011, p. 30).

---

<sup>1</sup> Órgão criado pelo Decreto nº 7.619, de 21 de outubro de 1909, subordinado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, com o nome de Inspetoria de Obras contra as Secas (IOCS). Em 1919 teve a palavra Federal acrescentada ao nome, e em 1945 passou a chamar-se Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS).

O projeto de construção do novo núcleo urbano do município de São José de Piranhas teve como engenheiro o senhor Silvio Aderne, que por sua vez fez a elaboração do projeto urbanístico do município. Segundo o mesmo autor levando - se em conta o tempo exposto bem como o período o município foi o primeiro no Nordeste a ser transferido do seu lugar de origem por causa de construção de açude.

Durante um período de aproximadamente cinquenta anos (1900/1950), o município passou a ter outra denominação intitulada de Jatobá, uma vez que os habitantes que ali viviam reivindicavam essa denominação. Porém no ano de 1952, sobre autoria do Deputado Estadual Humberto Lucena, foi sancionada pelo poder Legislativa a Lei de nº 800, de 15 de outubro 1952 que devolveu a denominação de São José de Piranhas ao município. Mesmo em meio o deslocamento da sede do município para o denominado sítio Jatobá o município continuou a se desenvolver economicamente. Porém nos anos seguintes esse desenvolvimento ocorreu de forma lenta uma vez que na antiga vila detinha terras férteis próximas a ribeiras dos rios o que corroborava para o progresso local, facilitando o desempenho da pecuária e a agricultura, atividade já existente no município.

## **2.1 São José de Piranhas-PB e as atividades econômicas do município**

A economia do município de São José de Piranhas desde seus primórdios era voltada para a atividade rural com destaque para a pecuária das fazendas de gado e para a agricultura de subsistência a qual abastecia o comércio local e algumas vilas e distritos adjacentes a exemplo de Cajazeiras. Alguns produtos formavam a base da atividade agrícola na economia do município tais como: o milho, o arroz, o feijão, a mandioca da qual se produzia a farinha, os engenhos de rapadura e o algodão sendo esse o responsável pelo primeiro ciclo de desenvolvimento econômico em larga escala do município.

Para Leitão (1985), descreve que:

As primeiras manifestações do seu progresso resultam da proveitosa atividade agrícola exercida pelos seus habitantes e das numerosas fazendas de criação que se formaram nas terras que constituem o seu município. Essas terras, banhadas pelos numerosos riachos, primeiros tributários do Rio Piranhas, oferecia excelentes condições para o desenvolvimento dessas atividades agropastoris. Ensaia-se uma agricultura promissora com o cultivo do algodão, milho, arroz e feijão, fortalecida pela cultura da mandioca em suas terras mais altas e pelos velhos e rotineiros engenhos de rapadura que se instalavam em terras mais férteis, em baixo e á jusante de pequenos açudes, que favoreciam o plantio da cana. Esse suporte proporcionou á vila o desenvolvimento do seu comércio que, nos meados do século passado, já

repointava como centro de abastecimento para toda região do Alto Piranhas, inclusive a florescente região de Cajazeiras. (LEITÃO; 1986, p. 31-32).

O crescimento econômico do município de São José de Piranhas está ligado à atividade pecuária das fazendas de gado da região. No entanto, em meados do século XIX a localidade já apresentava uma melhoria econômica promissora, uma vez que era considerado centro de abastecimento de toda a região pertencente ao alto sertão paraibano e/ou alto Piranhas. Desta forma, vilas e distritos circunvizinhos dependiam economicamente do comércio de São José de Piranhas para seus abastecimentos.

A agricultura na forma de subsistência era praticada nas fazendas da região por pessoas e/ou agricultores, geralmente moradores destas terras as quais pertencentes a algum fazendeiro que também na maioria das vezes era pecuarista. A grande maioria produzia sobre o sistema de (meia) onde metade da colheita era destinada ao patrão como forma de pagamento de dívidas adquirida durante o período de inter-safra ou por outros momentos. Havia ainda a (terça) que também destinava um terço de toda a produção colhida pelos moradores para o dono da terra. Diga-se de passagem, que essa era uma realidade que se estendia a todo o território nordestino.

Andrade (1986), em seu livro intitulado *“A Terra e o Homem do Nordeste”* relata como se dava o sistema de meia entre o proprietário da terra e os moradores que viviam as margens do Rio São Francisco ou região franciscana aproximadamente na década de 1951 no Nordeste.

As relações entre proprietários e meeiros são do mesmo tipo que as anteriores no cultivo da mandioca, do arroz, do feijão, do milho, do algodão e dos demais produtos cultivados nas margens do São Francisco. As culturas permanentes, laranja, mangueiras, bananeiras etc., são feitas apenas pelos proprietários... O plantio da cana era feito em geral por meeiros que recebiam do proprietário a terra e o transporte da cana até a fábrica após moagem: 50% para o senhor-de-engenho e 50% para o meeiro; este recebia às vezes a sua parte em produto, às vezes em dinheiro. (ANDRADE; 1986 p: 170-171).

Existia, portanto entre o patrão e o meeiro como se pode perceber um sistema de “acordos”, onde o patrão saía sempre na frente já que ficava com metade do produzido e não trabalhava diretamente nas terras. As terras desde a seleção do local, a plantação, o cultivo, a colheita até o pagamento ficavam sobre a responsabilidade do meeiro. Diferentemente de outras regiões do interior do Nordeste onde se desenvolve o sistema de arrendamento de terras por terceiros, o município de São José de Piranhas não constava com essa prática de arrendamento. O porquê da não existência dessa forma de atuação e trabalho no campo se dá segundo informação relatada por meio de entrevista oral, em virtude dos lotes de terras serem poucos e pequenos.

Segundo Lima (2017), em entrevista afirma que:

Não, esse processo aqui eu praticamente nunca ouvi falar numa propriedade arrendada aqui. Por que as terras eram pequenas, as propriedades eram pequenas então só davam para o proprietário desenvolver seu trabalho ou ele sozinho se a terra fosse pequena se fosse maior tinha alguns moradores lá, mais eram eles mesmos quem comandavam. Nunca esse costume de arrendar terra tinha por aqui. Porque as propriedades eram pequenas. (Lima: 02.02.2017).

Por meio desse relato podemos afirmar que a prática de arrendamento nos domínios territoriais do município não existiu. Assim como podemos averiguar que dependendo do tamanho do latifúndio e que o proprietário passa a trabalhar com agregados, uma vez que se a extensão fosse de pequeno porte esse desenvolvia a labuta de maneira isolada.

Ainda a respeito do arrendamento de terras no município em informações prestadas por meio de entrevista oral realizada com o comerciante senhor Douetts de Sousa, o mesmo coloca que: *“(...) não tinha não arrendatario... Aqui ninguém ovía fala que fulano arrendava a prupiedade, nem nada (...)”*. (DOUETTS; 20.01.2017).

Por meio desta fala podemos concluir que não se tem conhecimento sobre tal forma de comercialização. Comercialização dada por meio de aluguel de terras para plantio de grão e criação de animais e outras utilidades possíveis de ser adquirido por meio desta.

A atividade agropastoril no município era feita em forma de pequenos lotes de terras que geralmente eram cultivadas pelos proprietários e agregados, porém se diferenciando de outras localidades o sistema de “meia”, assim como a terça faziam parte da cultura da região, pois muitos habitantes não possuíam terras para cultivar e se fazia necessário entra em acordo com o dono dos latifundiários para sobreviver.

Havia entre proprietário e morador um sistema de trabalho, onde uma parte da colheita feita era entregue ao dono das terras como forma de pagamento ou “paga” como era chamada. Essa se dava na forma de meia ou terça. O sistema de meia destinava metade do produzido ao proprietário das terras, por exemplo, de quatro sacas de feijão colhido e debulhado dois pertenciam ao produtor e os outros dois ao proprietário das terras, o milho a cada dez sacas metade pertencia ao dono das terras. O mesmo acontecia com o algodão que a cada dez arrobas como era denominada, cinco ficava com o latifundiário e cinco com o produtor. Ou seja, como nas outras regiões 50% de todo o produto cultivado era entregue ao proprietário da terra.

## **2.2 O Município de São José de Piranhas-PB e a atividade pecuarista**

A atividade pecuarista no município de São José de Piranhas é datada da sua formação como vila e posteriormente cidade o que não a diferencia de muitas outras localidades que avançaram graças às fazendas de criação de gado. Desta forma criou-se uma identidade entre a atividade econômica da pecuária e a cidade através onde uma interligada a outra.

Leitão (1985) afirma que:

No início do passado já apresentava as primeiras manifestações do seu desenvolvimento; era o primeiro arraial que ainda não se libertara da sua condição sócio-econômica de fazendas de criação... No meado do seu primeiro século já oferecia algum movimento comercial, com a sua feira semanal a reunir fazendeiros, vaqueiros e agricultores da região. (LEITÃO; 1986; P: 95)

No entanto, a história das feiras de gado se confunde com a história de formação do município quando dos primeiros currais de gado que abastecia o comércio local e também regional de carne para alimentação, leite para fabricação de derivados e o couro, este último utilizado na fabricação de sapatos e utensílios rurais como selas e arreios utilizados nas fazendas de gado e animais de trabalho.

De acordo com Andrade (1961), do ponto de vista natural o clima semiárido dificultava a proliferação de verminose. Do ponto de vista econômico, contava os pecuaristas com um mercado certo na área agrícola que seria abastecido de carne de couro e de animais de trabalho. As condições geográficas da localidade como a pastagem natural tornou-se fator determinante para a adaptação e desenvolvimento da pecuária extensiva nessas terras. A partir dessa atividade, a vila de São José de Piranhas tornou-se um dos principais pontos de feira de gado do interior da Paraíba. Logo, verificou-se dessa situação uma intensa rede de comércio cujo tropeiro vai desempenhar importante função social.

## **2.3 O Município de São José de Piranhas e a atividade algodoeira**

Conhecido como o ouro branco do sertão nordestino o algodão assim como a pecuária em seu auge foi o responsável pela formação e desenvolvimento de diversas vilas e povoados. A expansão dessa cultura agrícola trouxe riqueza e desenvolvimento acelerando em algumas cidades com processo de industrialização. O algodão produzido nas fazendas do sertão era negociado nos principais centros urbanos da região, formando a rota e/ou caminho do algodão.



Desta forma formaram-se rotas conhecidas como estradas do algodão que interligavam uma cidade produtora a outra.

Diante dessa circunstancia, a produção algodoeira na região trouxe para alguns produtores, prosperidade e acúmulo de capital financeiro. A nova atividade econômica tornou-se mais atrativa por não ser necessário o emprego de grande quantidade de mãos de obras e nem os mesmos cuidados dispensados a pecuária.

O algodão produzido no município de São José de Piranhas PB, geralmente era negociado nas cidades do Cariri do Ceará como Crato e Juazeiro do Norte. Outros centros urbanos de absorção dessa produção era Campina Grande e Patos PB, onde o produto era beneficiado. A atividade algodoeira foi o motor econômico do crescimento de muitas cidades interiorana do Nordeste. Alguns centros urbanos polarizaram esse desenvolvimento e desta forma formaram uma hierarquia em seu entorno passando a comandar a partir de seu espaço territorial todo manejo dessa produção.

Sabe-se que o algodão em Campina Grande durante o século XVIII, já era cultivado, mas em pequena escala, essa cidade só passa a experimentar o que posteriormente seria o apogeu do ciclo do algodão durante o século XX, intensificando-se com a inauguração da Estrada de Ferro em 1907. (FREITAS; 2013, p. 16).

A partir dessas informações, nota-se que a cidade de Campina Grande na Paraíba tornou-se o principal polo de comercialização algodoeiro do interior do Nordeste. Seu crescimento econômico e industrial está vinculado ao desenvolvimento do algodão nos meados dos séculos XVIII, XIX e, sobretudo na primeira metade do século XX.

Desta forma, surgiu a partir de Campina Grande rotas comerciais que deram origem a diversas outras vilas, onde serviam de interpostos de mercadorias e serviços. Contudo, todo esse desenvolvimento, está em um primeiro instante ligado as tropas de muares e seus tangedores ou cargueiros intitulados, "*Tropeiros da Borborema*" que faziam a circulação de mercadorias pelas rotas comerciais.

Economicamente a atividade algodoeira teve uma significativa importância para o crescimento de muitos Estados em especial o da Paraíba. Importância essa que esta ligada a diversos fatores como: o fato desse ser um produto de fácil manuseio, não vindo a requerer muita mão de obra, por ser cultivada em meio a outras lavouras de subsistência a exemplo das plantações de milho e feijão, por ser cultivado por todos os proprietários de terras desde pequenos, médios, grande, a simples arrendatários e principalmente pela grande contribuição dados a receita do Estado, pois durante muito tempo se destacou no ranque das exportações

vindo a superar até meados dos anos 70 os demais produtos de gênero alimentício. (MOREIRA, 1996, p. 155-156).

Santos (2012), em seu texto intitulado: “*Produção têxtil em São Bento: impacto da importação de artigos para o complexo têxtil no século XXI*” coloca que no início do processo de industrialização brasileiro em especial no século XIX, o setor têxtil foi o principal responsável pelo giro econômico brasileiro, já que esse possuiu terras férteis e, portanto boas condições para o plantio do algodão. A cotonicultura chegou a ocupar o 4º lugar na produção algodoeira, por se tratar de uma matéria-prima essencial e também por ser vista como portal para o desenvolvimento industrial do país. A atividade algodoeira foi responsável por estimular o crescimento da produção interna de ferro e de carvão, usados como combustíveis importantes para fazer funcionar os equipamentos das fabricas, sendo desde a distribuição interna da mercadoria até mesmo da comercialização com outros países.

De acordo com Santos (2012) apud Stein (1979)

a expansão do consumo de bens manufaturados em todo o mundo, o seu, ‘encarecimento progressivo nos países estrangeiros’, as taxas alfandegárias brasileiras e o cambio desfavorável, tudo ocorria para o estabelecimento da indústria têxtil algodoeira. (SANTOS apud STEIN; 2012 p. 10).

A indústria têxtil algodoeira fez gerar grandes lucros para o Brasil, uma vez que ao ser exportado para outros países fez com que a economia dessa região crescesse. Dentro dos domínios territoriais da região Nordeste o Estado da Paraíba foi durante décadas pioneiro no que se remete a produção de algodão. Porém a cidade de Campina Grande destacou-se como o principal centro algodoeiro do interior nordestino. A denominada “fase áurea” da produção algodoeira dentro do território pertencente ao município de São José de Piranhas se deu por volta do século XIX, já que foi nessa época em que as matas se tornaram brilhantes “capoeiras de algodão”.

De acordo com Lima (2011), em sua obra “*São José de Piranhas: um pouco de sua historia 2ª edição*”, “todo o algodão era negociado na por meio da bolsa de mercadoria de Campina Grande”. Sendo que essa mercadoria era levada para a cidade de Campina no lombo dos animais que compunham as ditas tropas de muares. Tropas essas que eram conduzidas pelos tropeiros da cidade de São José de Piranhas e cidades e sítios circunvizinhos. (LIMA; 2011; p: 197).

Ainda a respeito das tropas de muares vale salientar que posteriormente os animais que transportavam a mercadoria foram substituídos por caminhões em meados do século XX, uma vez que com esse novo meio de transporte as viagens se tornava mais rápidas.

Diferente das terras pertencentes às cidades de Monte Horebe, considerada de baixa altitude e, portanto com temperatura pouco elevadas vista como imprópria para a produção de algodão, o município de São José de Piranhas por ocupar um território com terras extremamente férteis e temperatura elevada e tendo por vez um clima favorável ao cultivo das capoeiras de algodão. Isso por que a alta temperatura e considerada um fator de grande importância para o total aproveitamento da produção, pois é preciso certa quantidade de calor para que ao estourar, o casulo seque por completo e , deixe por fim o capucho de algodão seco e resistente, bem como para que essa não crie mofos.

Para Lima (2017), em entrevista prestada relata que:

A melhor fibra, a fibra melhor do mundo e a fibra do algodão produzido no sertão, no poligno das secas porque quando o capucho abre ta seco ai não tem problema de nada de ter aquelas brocas dentro do casulo. O capuchim sai branquinho uma beleza, a fibra muito boa porque a quintura da região. Ce vê que tem uma coisa interessante daqui pra Monte Horebe a diferença e bem grande, alias e pouca, mas lá em Horebe não da algodão devido ao clima nem abria logo adoece. Algodão e um produto de região quente principalmente pra abri. E importante a quintura quando ele vai abrindo. Tem que ter a terra molhada para ele flora e crescer o casulo. Agora quando for pra abrir quanto mais quente tiver melhor pra ele. (LIMA: Entrevista 20.01. 2017)

De acordo com os relatos deste o mesmo afirmar que o clima foi um dos fatores que impulsionou e fortaleceu a cultura do algodão no município, pois para que se tivesse um total aproveitamento da produção, levando por vez os grandes proprietários de terras a se beneficiar de forma gradual. Isso porque os grandes produtores compravam dos pequenos agricultores o algodão ainda em “rama” ou “ na folha” por preço abaixo do custo. Porém no período da safra o produto dobrava de preço, trazendo o enriquecimento dos grandes proprietários.

#### **2.4 O Sistema de transporte e a circulação de mercadorias no município de São José de Piranhas**

No município de São José de Piranhas embora tivesse uma grande circulação de mercadoria de diversos gêneros a produção de maior destaque foi o algodão denominado de uma vez que esse produto fez crescer o fluxo econômico do município e de muitas outras

regiões gerando renda e desenvolvimento para diversas localidades entre elas, São José de Piranhas, como dito anteriormente.

A circulação de mercadorias entre o município e outras localidades era exercida através de tropas de muares “burros”, comandada por tangedores e/ou tropeiros assim como em outras regiões do país a exemplo de Minas Gerais. Esses tropeiros na maioria das vezes eram os proprietários das tropas, as quais alugavam a comerciantes e fazendeiros do município quando necessário para o transporte de sua produção comercial.

Segundo Lima (2011) em seu livro: *São José de Piranhas: um pouco de sua História*, a ocupação do município desde meados do século XVIII, que tinha por vez o gado e o algodão como fatores importante passou a ser preciso criar suas tropas de burros para poder fazer a circulação de mercadorias pelos demais municípios e Estados vizinhos.

Porém as tropas de muares foram de extrema importância para o município de São José de Piranhas, manter durante décadas as relações comerciais com as demais localidades realizadas pelos tropeiros levando produtos do município para outras localidades. Essa circulação de mercadorias deu origem às rotas comerciais como: rota da rapadura, da farinha, rota do fumo, do gado, rota do sal e do algodão. Sendo esse último produto de grande importância para o crescimento econômico do município. Como fator importante para a manutenção destas rotas, torna-se preciso criação das tropas de burros, para fazer a circulação de mercadorias pelos demais municípios e Estados vizinhos. A escolha pelos burros em detrimento do cavalo se deu pelo fato dos animais serem, mas fortes, domáveis e, portanto capazes de suportar o peso das cargas de mantimentos, bem como as viagens que eram longas e cansativas, uma vez que levavam cerca de quinze a vinte dias.

## **2.5 A Rota da Rapadura e da Farinha de São José de Piranhas ao Cariri Cearense**

A chamada Rota da Rapadura e da Farinha se dava entre São José de Piranhas e o Cariri cearense. Onde os tropeiros levavam farinha e ao retornar traziam produtos sazonais, e rapadura. Sendo esse último produzido no município, já que a cidade contava com muitos engenhos moedores.

## MAPA II: ROTA DA RAPADURA E DA FARINHA SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-CARIRI CEARENSE.



Fonte: [www.GVsig.com.br](http://www.GVsig.com.br)

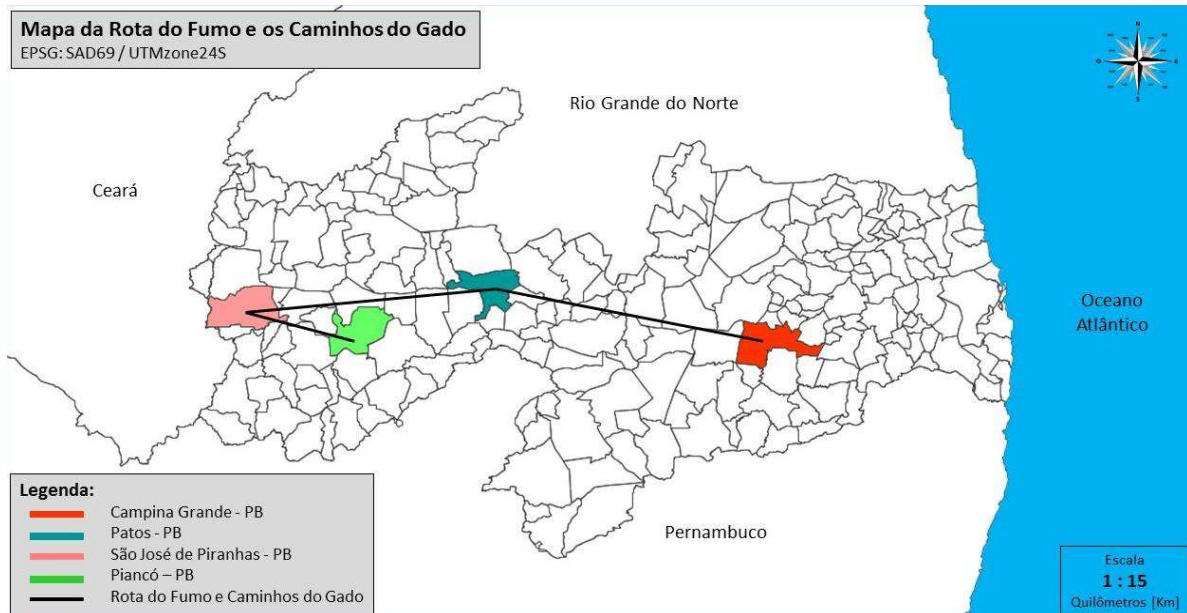
Analisando o mapa podemos perceber que as topas saiam do município com destino a Mauriti, Brejo Santo, Juazeiro do Norte e Crato no Estado do Ceará tendo como objetivo fazer a comercialização dos seus produtos. Bem como trazer outros gêneros para serem comercializados dentro do município de São José de Piranhas. Marcando um circo comercial entre esses municípios como também os Estados da Paraíba e Ceará.

### 2.6 A Rota do Fumo e o Caminho do Gado de São José de Piranhas, Piancó, Patos e Campina Grande

Tendo início durante século XVIII e se estendendo até meados do século XX a Rota do Fumo e do Gado era estabelecida entre São José de Piranhas e as cidades de Campina Grande, Patos e também com o Vale do Piancó ambos no Estado da Paraíba. Nessa rota os tropeiros usavam suas mais diversas tropas e seguiam e caravana rumo a um sitio denominado Sitio Riacho Verde município de Piancó em busca de fumo para dentro do município e também no Cariri cearense. Diferente do município piranhense em que o fumo era transportado no lombo dos burros a partir de Patos e posteriormente Campina Grande o fumo era levado pelos vaqueiros que junto com ele conduziam o gado.

Como podemos observar no mapa abaixo:

### MAPA III: ROTA DO FUMO E DO GADO ENTRE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS, PIANCÓ, PATOS E CAMPINA GRANDE.



Fonte: [www.GVsig.com.br](http://www.GVsig.com.br).

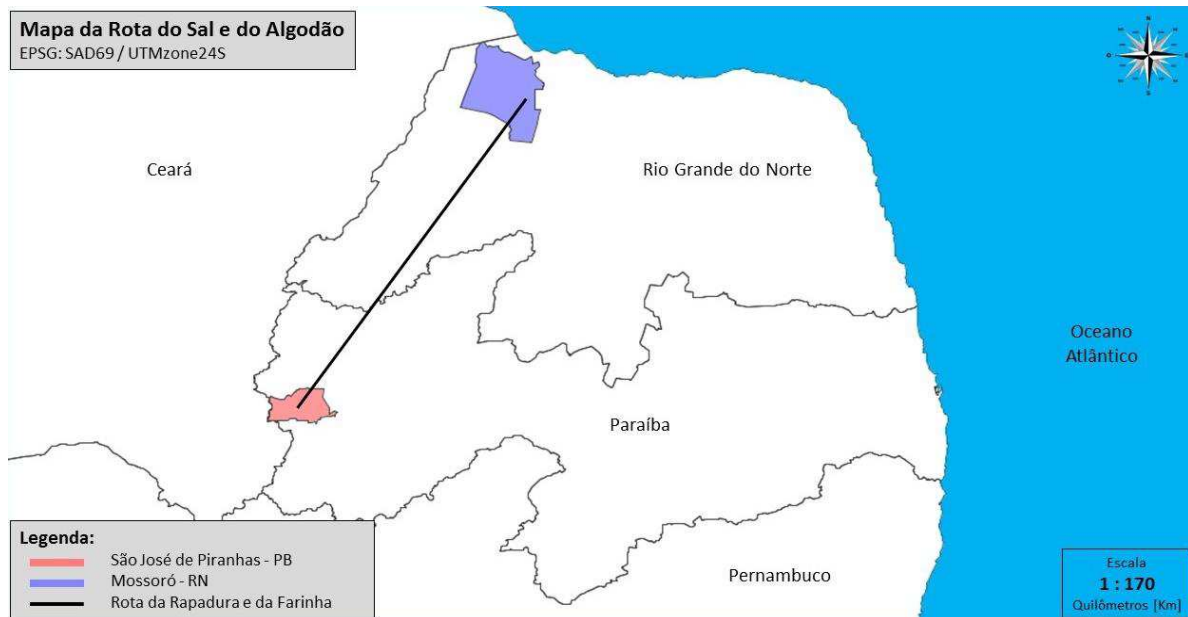
O mapa como se pode averiguar mostra o percurso feito pelos vaqueiros e também pelos tropeiros na rota do fumo. Sendo que o percurso feito da São José de Piranhas a Piancó e bem menor que o denominado “caminhos do gado” feito de Patos para Campina Grande.

### 2.7 A Rota do Sal e do Algodão: São José de Piranhas, Mossoró - Rio Grande do Norte e Campina Grande

Durante todo o século XVIII até as primeiras décadas do XIX a denominada Rota do Algodão era realizada entre o município de São José de Piranhas e a cidade de Mossoró no vizinho Estado do Rio Grande do Norte, onde os tropeiros levavam o algodão em pluma e traziam uma variedade de outros produtos como: miudezas, tecidos e principalmente o sal. Já que em Mossoró esse produto podia ser encontrado com facilidade.

Como podemos averiguar no mapa a seguir:

MAPA IV: ROTA DO SAL E DO ALGODÃO ENTRE O MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS E MOSSORÓ-RN.



Fonte: [www.GVsig.com.br](http://www.GVsig.com.br)

Porém a partir do século XIX até meados do século XX quando surgiram os primeiros meios de transporte a exemplo dos caminhões as viagens tornaram-se mais curtas, já que os tropeiros levavam em média trinta dias contando com a ida e a volta das viagens para fazer a comercialização dessa mercadoria. O comércio do algodão como é sabido foi o que movimentou a economia e fez crescer não só o município de São José de Piranhas, mas de muitas outras cidades pela Região Nordeste a exemplo de Cajazeiras, Sousa e principalmente Campina Grande.

O município de São José de Piranhas, embora fosse de pequeno porte contava entre as décadas de 40 e 50 com um grande número de comerciantes que por vez faziam circular as mercadorias adquiridas pelos tropeiros em suas viagens assim como as mercadorias produzidas nos seus domínios territoriais. Nomes como Antonio Gomes Barbosa, Joaquim Ribeiro Campos dentre outros são citados pelo senhor Douetts de Sousa, em entrevista prestada, aonde esse vem por vez falar a respeito dos chamados homens de negócio na cidade, nas décadas em estudo.

Sim, os comerciantes que eu cuinci em primeiro lugar aqui chamava-se Antonio Gomes Barbosa... Tinha Joaquim Riberu Campo (Joaquim Ribeiro)... Tinha o sinho Luiz Gonzaga de Olivera (Luiz Gonzaga de Oliveira)... Tinha o simo Sivirino Irineu da Silva... ( Severino Irineu da Silva). ( DOUETTS; entrevista 20.01.2017).

Ainda com relação aos comerciantes locais na fala do professor José Luiz da Silva, este vem mencionar que entre as décadas de 40 e 59 aproximadamente além do senhor Antonio Gomes Barbosa e Luiz Gonzaga de Oliveira tinha também comercio na cidade o senhor Zé Pedro e o senhor Douetts de Sousa.

Nos podemos começar com Malaquias , que ta nessa faixa aqui de 59 e 40 Antonio Gomes Barbosa. Podemos ver também seu Douetts já por aqui em 50. Zé Pedro pode ter começado aqui pós 50. Então esses são alguns nomes que eu poderia. Sim e tem seu Gonzaga,( Luiz Gonzaga de Oliveira) que também teve um comercio nessa época aqui. (SOUSA;20.01.2017).

Como podemos observar por meio das falas o comércio local era bastante vasto embora nem todas as mercadorias vendidas fossem adquiridas no município, pois muitas eram trazidas de outras localidades pelas tropas de muares para serem comercializadas nas feiras livres. Feiras estas que tinha um grande destaque se comparadas às realizadas nas cidades circunvizinhas como Cajazeiras e Sousa. O que pode ser observado na fala do professor e pesquisador Messias Ferreira de Lima em entrevista prestada:

As cidades da região Sousa, cidades maiores, Sousa, Cajazeiras. Elas eram praticamente obrigadas a fazer feira aqui para comprar a rapadura e principalmente a farinha que era produzida em nosso município. Então o nosso município era muito privilegiado com relação a isso e por isso a feira de São José de Piranhas era uma das mais importantes do sertão do oeste paraibano. (LIMA; entrevista: 20.01.2017).

O destaque nas ditas feiras livres em São José de Piranhas se dava por esta contar com comercio que supria a procura pelos produtos tais como: miudezas, estivas em geral, gêneros alimentícios a exemplo do feijão, o milho, a farinha de mandioca, a rapadura. Sendo a farinha de mandioca e a rapadura produzida na localidade.

## **2.8 As Usinas no município de São José De Piranhas entre os anos de 1920-1957**

Como se tem conhecimento o município piranhense diferentemente de cidades a exemplo de Campina Grande não chegou a possuir fabricas, porém essa já contava no século XIX com aproximadamente três usinas de descaroçar algodão, como nos mostra Lima (2011), em sua obra: “*São José de Piranhas: um pouco de sua historia*”. Segundo este o município contava com três usinas descaroçadeira de algodão. Sendo elas: Usina Vencedora, Usina



Humaitá e a Usina Tibagi, vindo a primeira a ser datada da década de 20 e utilizado maquinário de pequeno porte. (LIMA, 2011, p. 198).

A referida usina datada da década de 20 era denominada “Usina Humaitá”, pertencente ao senhor Aceno dos Anjos, ainda instalada na antiga Vila de Piranhas. A segunda usina chamada “Usina Vencedora” tinha como proprietário o senhor Firmino Faustino de Almeida. Este era por vez comerciante e produtor de algodão no município.

A usina pertencente á família Faustino era instalada no sitio Galante. Junto a esta também funcionou na década de 40 um engenho moedor de rapadura, bem como um alambique, onde se produzia a “cachaça Galante”.

Já a terceira denominada “Usina Tibagi” pertencente ao senhor Antônio Gomes Barbosa, funcionou durante muitos anos. Esta está localizada as margens da PB400 “sentido Cajazeiras”, mais precisamente ao lado direito do Fórum José Hamilton de Sousa Neto. Porém devido ao processo acelerado de edificação da área, o prédio, se encontra um tanto “escondido”, já que foram construídas residências na frente e do lado esquerdo. O mesmo vindo a ficar no meio. Como pode ser observado na fotografia a seguir.

#### IMAGENS 1 e 2: DAS RUINAS DA ANTIGA USINA TIBAGI



Fonte do autor/ 2016



Fonte do autor/2016

A referida “Usina Tibagi”, teve seu funcionamento encerrado por volta da década de 1957, em virtude do surgimento das empresas Anderson Cleiton e a Sambra. Empresas de beneficiamento e exportação de algodão. Estas sendo de origem estrangeiras, já que a Anderson Cleiton pertencia a Inglaterra e a Sambra a Argentina.

Com diversas unidades espalhadas pelo país se instalaram em Sousa e Cajazeiras, passando a fazer o beneficiamento do algodão dessa região e o enviando para outras unidades de comercialização maiores como Recife e principalmente Campina Grande. Além dessas duas multinacionais existiam ainda muitos compradores e produtores de algodão, como as famílias Gadelha da cidade de Sousa e a família Pires de Cajazeiras. Como podemos observar na fala do professor e pesquisador Lima:

(...) essas firmas que se instalaram em Cajazeiras, Sousa na época a Anderson Cleiton e a Samba eles compravam o algodão daqui da região não só de São José de Piranhas mais de toda a região. Beneficiavam esse algodão em Cajazeiras e Sousa e iam pra outras praças de comercio já ele em pluma, já descaroçado. Levavam somente a pluma. E outros em Cajazeiras e Sousa além dessas duas multinacionais havia outros compradores como Galdino Pires em Cajazeiras, a família Gadelha em Sousa, Luiz de Oliveira em Sousa e outras de menor importância que também se destacaram na época. (LIMA; entrevista 21.02.2017).

De acordo com a fala acima exposta podemos afirmar que mesmo com a chegada destas empresas outros produtores e corretores continuaram a produzir o nosso chamado “ouro branco paraibano” como das famílias Gadelha da cidade de Sousa e a família Pires de Cajazeiras dentre outros. Bem como podemos observar a importância desse produto para a economia do município, já que era visto como a locomotiva da época.

Como se tem conhecimento através dos relatos prestados por meio de entrevista oral o algodão em relação conjunta com os demais produtos como a rapadura e a farinha de mandioca, ambas produzidos e cultivados no município de São José de Piranhas, fizeram girar a economia da cidade por longos anos e foram responsáveis pelas rotas comerciais e circulação de mercadorias.

A produção de algodão tornou-se de grande importância por gerar emprego e renda, uma vez que os produtores cultivavam o produto que já tinha por vez um destino certo, isto é a venda para os grandes centros comerciais como Campina Grande. Essa produção gerava emprego o ano todo, isso porque era necessário fazer à limpa dos roçados, a pulverização contra o bicudo e outros insetos que podiam danificar o algodão, a segunda limpa e por fim a colheita. Sendo que para a realização desta última fazia-se necessário uma grande quantidade de pessoas. Pois muitos produtores colocavam os animais a exemplo do gado para pastar dentro das capoeiras por não ter nem mão de obra necessária, nem lugar para armazenar a produção.

Segundo relatos prestados por meio de entrevistas orais realizadas com o professor e pesquisador Lima, o professor Sousa e o comerciante Douetts de Sousa, era grande o número de trabalhadores que vinha do Cariri cearense para colher algodão aqui em São José de Piranhas, pois quando estes finalizavam a moagem muitos agricultores e trabalhadores se dirigiam para o município para trabalhar na colheita ou safra do algodão. Colheita esta que durava de quatro a seis meses, indo por vez de Junho até o mês de dezembro. (LIMA; 21.02.2017; SOUSA; 20.01.2017; SOUSA; 20.01.2017; ENTREVISTAS).

O algodão foi um marco de desenvolvimento no município de São José de Piranhas, assim como para toda a região circunvizinha. A relação deste produto com a cidade reflete ao contexto sócio histórico marcado pela relação entre os produtores desta atividade agrícola e a transformação no desenvolvimento local a partir da sua implantação, nos limites territoriais deste. Assim como o algodão, a pecuária e mais cedo as feiras em São José de Piranhas possibilitaram uma malha comercial intensa desses produtos pelas circunvizinhanças, estendendo-se até polos comerciais mais distante a exemplo de Campina Grande. Essa malha comercial foi levada a efeito pelos tropeiros cuja importância e papel social nos levou a escrever esse trabalho tendo os mesmos como protagonistas da história que queremos contar mais detalhadamente no capítulo seguinte.

### **CAPÍTULO III: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: EXPERIÊNCIAS DOS EX-TROPEIROS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS**

Após de ter apresentado parte da historiografia a respeito dos tropeiros, bem como demonstrado a sua participação e contribuição na produção algodoeira no município de São José de Piranhas, o capítulo que segue tem como foco principal trabalhar pelo viés da memória as vivências e experiências dos ex-tropeiros da cidade de São José de Piranhas. Será analisado como estes viam a sua atuação, e sua contribuição para o comércio e dinamismo econômico da localidade.

Assim como buscaremos mostrar as experiências vivenciadas por estes ao longo de suas vidas como tropeiros durante suas viagens, os perigos enfrentados dentre outras questões. Para finalizar procuraremos mostrar como os mesmos são vistos na sociedade piranhense a partir das memórias e histórias contadas sobre eles. Quando por meio de entrevista oral, como recurso metodológico, colhemos relatos de alguns moradores da cidade de São José de Piranhas assim como relatos dos mesmos, através do processo de rememoração da memória. Memórias estas que vão aqui ser relatadas e representadas por meio das falas dos ex-tropeiros Severino Ferreira Dias e Silvino Fernandes, que fizeram parte das entrevistas tornando-se como poderemos ver os principais informantes para esse nosso trabalho monográfico. O recorte temporal trabalhado remete-se as décadas de 1940 a 1950, período este em que ambos atuaram na atividade de tropeiro no município de São José de Piranhas e circunvizinhanças.

Como já ressaltamos anteriormente, o trabalho dos tropeiros, se destaca na historiografia brasileira, paraibana, nordestina e sertaneja como atividade considerada de fundamental importância para a formação econômica do país, das regiões e dessas localidades. A imagem do tropeiro é retratada por autores nacionais, regionais e locais a exemplo de Goulart (1961), Almeida (1978), Aranha (1991), Lima (2011) dentre outros. Autores estes que fizeram trabalhos historiográficos que se apresentam como objetivando mostrar para as gerações a importância desta atividade, bem como essa foi desempenhada ao longo do tempo, que perdurou.

Goulart (1961), Em sua obra intitulada de *“Tropas e tropeiros na formação do Brasil”*, afirma que o surgimento do tropeirismo e das tropas de muarens nas regiões de São Paulo, Mato Grosso e principalmente em Minas Gerais se deu durante o período da mineração, a partir do momento em que se teve a necessidade de locomover os produtores retirados dos garimpos de um lugar para o outro a exemplo da orla-marítima local para onde eram levadas as riquezas extraídas. Salienta ainda que ao mesmo tempo o surgimento das tropas de muarens esta

devidamente atrelada á falta de meios de transporte. Desde esse período histórico datado do final do século XVII e início do XVIII, assim como por um longo tempo. Isso por que não havia rodovias ou estradas de ferro, o que vinha por vês dificultar o acesso tanto as minas como a outras locais, tornando mais lento o processo de comercialização deste e de outros produtos. (GOULART; 1961; p: 21-48).

Partindo dessa perspectiva o desempenho da atividade tropeira durante um longo período da historia brasileira em que não se datava a existência dos atuais meios de transportes, eram os tropeiros conduzindo as tropas de muares em conjunto com seus demais colaboradores a exemplo dos chamados tocadores e cozinheiros os responsáveis pela locomoção dos mais variados produtos de uma região para a outra. Esse meio de transporte era, portanto em algumas regiões, o único meio de abastecer as comunidades locais.

Segundo Goulart (1961):

Quando no Brasil ainda não havia caminhos de ferro nem estrada de rodagem; quando o carro de boi, gemendo nos cações, era o veículo preferido para o transporte de cargas em terreno acidentado; (...) foi à tropa de muares, silenciosa e heróica varando sertões (...), equilibrando-se em abruptos declives, que assegurou – assegurou e manteve – a circulação de produtos e mercadorias, canalizando vidas e civilização para os grupos humanos que se haviam enfundado Brasil adentro. (GOULART, 1961; 15).

A partir do trabalho desempenhado por esses grupos de homens que desbravavam terras desconhecidas, tem-se início um novo dinamismo econômico no interior do país. Esses de direta ou indiretamente fazia a circulação de mercadoria nas mais diversas e remotas áreas do Brasil.

Freitas (2013), sobre *“Os tropeiros da Borborema: símbolo fundacional da cidade de Campina Grande-PB- 1790-1982”* destaca que as primeiras tropas que vieram a surgir na Paraíba são datadas do século XIX, uma vez que até nesse período os animais de montaria eram os cavalos e a partir desta época foram sendo substituídos pelos muares, vistos como mais resistentes as longas e cansativas viagens. No município de São José de Piranhas a atividade tropeira é datada do século XVIII antes da formação do atual núcleo urbano, se estendendo aproximadamente ao início da segunda metade do século XX. Aqui, também como uma das primeiras formas de comercialização e circulação de mercadorias, foi de essencial importância para a formação econômica local do município.

A atividade tropeira era desenvolvida por pessoas nascidas no município de São José de Piranhas ou nas imediações. Tinham este como função transportar mercadorias da localidade a

outras regiões com as quais a cidade mantinha um circo de comercialização. Bem como em virtude de ser essa atividade o principal meio de deslocamento desses produtos, uma vez que os atuais meios de transportes, ou chamados transportes de cargas, só vieram surgir em fins do século XX.

Os métodos utilizados na formação das tropas de muares, implementada no tropeirismo piranhense eram diferenciados dos aplicados na região das minas quando se fez usos de animais de carga em grandes comboios. No município de São José de Piranhas foram utilizados animais de carga em menor número assim como o grupo de seus condutores. Os motivos pelos quais acarretaram no fim da atividade tropeira em São Jose de Piranhas são diferentes dos que ocorreram na região das Minas no sudeste do país.

Para Carpegiani (2009), em “*Caminho das tropas: a importância da preservação histórica e cultural como meio de preservação ambiental no Vale do Paraíba*”, diz que: O transporte em animais de carga foi registrado por um longo período da história do Brasil.

os animais de carga forma usados como transporte alternativo por um longo período da história. Tendo isso variado de uma região para a outra do país, a exemplo do Vale do Paraíba, onde estes foram utilizados até o século XIX, por volta da década de 70 quando estes passaram a competir com as vias férreas e os transpores como o trem. (CARPEGEANI; 2009; p: 04).

Como destaca o autor a substituição dos tropeiros, em lugares onde a ferrovia fez presente, deu-se em detrimento do trem esse moderno, e ágil meio de transporte.

O fim do tropeirismo no município de São Jose de Piranhas, segundo Lima (2010), esta ligada ao surgimento de novos meios de transporte que tornaram a circulação de mercadoria mais eficaz. Esses novos meios de transportes acarretaram mudanças na forma de comercialização e circulação de mercadorias já que, proporcionavam menor quantidade de tempo de uma localidade a outra.

Como descreve Lima (2010):

Atualmente os meios de transporte são outros, como caminhão e carros, que são modernos e rápidos. As distancias se encurtaram e os tropeiros desapareceram, ficando somente na nossa lembrança, isto é, se tivermos tempo de nos lembrar. (LIMA; 2010; p: 67).

Desta forma, se entende como fator preponderante para a extinção da atividade tropeira no município de São José de Piranhas, o surgimento dos atuais meios de transportes. Porém, ao relatar sua função como tropeiro o senhor Silvino Fernandes destaca que o fim do

tropeirismo se deu com o fim da produção algodoeira, pois mesmo com a chegada dos transportes este continuou a desempenhar a atividade como tropeiro até por volta das décadas de 1960 a 1965.

Observemos a seguir a sua fala:

Continuou, continuou duro um bucado de tempo. Continuou foi tempo. Naquele tempo era pouco. Ai, vei acaba mais uns tropero quando acabou o algodão. Que ai num tinha mais. O povo um ia busca algodão no mato não, e num tina carro pa ir busca não. Era tudo em burro. E porque naquele tempo um caminhão carregava de algodão pa ir pa Carazera( Cajazeiras) , quando num ia num burro era o dia todim, num caminhão daqui pa Crazera. (sorriu). (FERNANDES; Entrevista: 04. 2015)<sup>2</sup>

Diante do exposto identifica-se uma diferença de tempo e de razões para o fim dessa atividade no município de São José de Piranhas. O fim da atividade de tropeiro ou tropeirismo não deve ser atribuído apenas ao surgimento dos meios de transportes inseridos na localidade a partir da segunda metade do século XX, mas principalmente ao declínio da produção algodoeira antes praticada com sucesso no município.

### **3.1 Os tropeiros: Quem eram e para quem trabalhavam**

Goulart (1961), ao mencionar a importância social dos tropeiros destaca que os mesmos tinha um papel fundamental, uma vez que eram vistos socialmente como homens de grande responsabilidade e honestidade. Este ainda acrescenta que em um período que não havia meios para estabelecer comunicação entre a corte portuguesa e as regiões mais afastadas eram, pois, estes homens que levavam notícias da referida corte aos demais estados principalmente as regiões afastadas como o interior que ficavam em lugares isolados. Como podemos observar na passagem a seguir:

Essa era uma parte importantíssima da ação social desenvolvida pelos tropeiros: a transmissão de informações orais que também são um cometimento de caráter social. O tropeiro era o telegrafo, era o jornal, era o rádio, porque era ele, ao regressar da Côte, quem levava as notícias mais frescas, eram “os primeiros a dar as últimas” posto que estas, ao serem transmitidas, já levavam obrigatoriamente um atraso muita vez meses. Mas sem a regularidade das viagens das tropas, as populações segregadas nos núcleos interioranos ficariam praticamente incomunicáveis e só poderiam expedir e receber notícias em casos esporádicos. (GOULART; 1961; p: 180).

---

<sup>2</sup> O critério de informação este trabalho manteve-se a originalidade nas palavras do entrevistado.

Assim, os tropeiros eram vistos como homens de confiança no meio social em que atuavam. Seu trabalho não se restringia apenas a comercialização de mercadorias, uma vez que esse também desempenhava o papel de agente de comunicação entre os estados, já que por séculos, não existia rodovias e nem mesmo em décadas mais recentes da história, agências de correios e telégrafos na maioria das localidades do extenso Brasil.

Sobre a condição social dos tropeiros, diferentemente de Goulart (1961), que expõe os tropeiros como sendo homens abastados, donos de suas próprias tropas, homens de alto poder aquisitivo, que com suas famílias ostentavam uma vida de luxo, Aranha (1991), destaca que no Estado da Paraíba estes eram vistos como trabalhadores que na maioria das vezes trabalhavam para os grandes latifundiários por necessidade ou por ser esta atividade que fazia ganhar um pouco de dinheiro para o seu sustento e da sua família.

No município de São José de Piranhas os tropeiros e/ou almocreves que se tem conhecimento eram chamados “homens de confiança do patrão” (LIMA; 2010; p: 68). Homens estes que não gozavam de grandes posses ou poder econômico, mas que tinham uma importância no meio social, já que foram durante muito tempo os responsáveis pelo funcionamento do comércio local.

O comerciante de São José de Piranhas, Senhor Douetts de Sousa, ao referir-se sobre a figura do tropeiro diante da sociedade, destaca que os mesmos eram vistos como homens de bem que tinham o respeito da população.

Bem, bem ,bem , graças a Deus eles sempre toda vida fórum respeitado. Todo mundo respeito os tropero, ne . Troperu e Vaqueru aqui na região toda vida foi respeitado. Quando dizia: - Lai vem o vaquero. Todo mundo dizia: - Ele e um vaqueiro. Dizia: - Vem um homi e um vaquero.( sorriu um pouco). (SOUSA; Entrevista:06.2017.)

O relato prestado pelo professor José Luiz da Silva, resalta: “eles tinham um bom relacionamento na sociedade. Eles não eram mal vistos. Os tropeiros nunca foram mal vistos pela sociedade”. (SILVA; Entrevista: 07; 2017) Muitos destes homens que desempenhavam a atividade de tropeiro em São José de Piranhas trabalhavam alugado, geralmente para um comerciante de posses financeira elevada ou alguns fazendeiros grandes proprietários donos dos animais usados na atividade tropeira. O depoente Lima em entrevista prestada para esta pesquisa afirma que:

Porque para o cara possuir uma tropa de burros era preciso ele ter uma certa condição financeira e as tropas de burros. Alias, quem era



tropeiro era geralmente os proprietários ne. Os médios proprietários era quem tinham suas tropas de burros. Mesmo que se eles não praticassem a atividade em si passava a ter o seu arrieiro, o seu tangedor, a pessoa que ia que levava a mercadoria (...) E havia outros aqueles proprietários de terras mais abastados e davam sua tropa de burros para uma pessoa fazer esse comercio ,ne.E isso foi feito daqui pra Mossoró,daqui pra Campina Grande até o surgimento dos caminhões. (LIMA; Entrevista: 05. 2017)

Através desta fala podemos observar que embora os trabalhadores desta atividade não detivessem a posse das tropas desempenhavam a labuta com responsabilidade. Porém na localidade de São José de Piranhas existia um pequeno número de homens que possuíam suas próprias tropas de burros, vindo a desempenhar o trabalho de maneira autônoma. O que pode ser observado na fala de Lima: “Havia pessoas que se dedicavam só aquilo com suas próprias tropas de burros. Ele era proprietário e ele era quem fazia as tangidas, as viagens”.(LIMA; Entrevista: 05.2017).

O comerciante Douetts de Sousa, afirma que dentre o pequeno número de tropeiros do município havia aquele que possuía as suas próprias tropas de burros e que não eram latifundiários. Dentre esses destacam-se o senhor Severino Ferreira Dias e o senhor Fernando Pereira os quais eram donos dos seus próprios contingentes de muares com os quais executavam suas viagens.

Quem trabalhava sempre que tinha esses tropa de burro como o mininu,o finadu, o finado Fernade ( Fernando Pereira)... Independente mermo. As tropa de burro era dele. Sivirino ( Severino Ferreira Dias) mermo aqui, seu Sivirino era um que era um tropero dele por conta dele mermo. Os animais era dele e tudo era dele. Num dependia de ninguém. (SOUSA; entrevista: 06. 2017)

Ainda referindo-se aos tropeiros que tinham os animais e que conduzia as tropas, trabalhando de forma independente o historiador José Luiz da Silva aborda que:

(...) sei de um cidadão ele tinha a sua tropa de burro, mas não era fácil, não era para qualquer um equipar uma tropa de burro com o que realmente precisava para ganhar o seu dinheiro, levando toda essa produção e trazendo uma outra. (SILVA; entrevista; 07).

Portanto, através das falas acima ficamos sabendo que a atividade tropeira desempenhada no município de São José de Piranhas entre as décadas de 1940 e 1950 era praticada tanto por pessoas que alugavam ou trabalhavam para outras de maior poder aquisitivo, como por cidadão que possuíam suas tropas de animais de cargas e assim como os

demais, faziam o abastecimento do comércio local como também de toda a região circunvizinha.

Porém, grande parte dos homens que atuavam na atividade de tropeiro em São José de Piranhas entre o século XVIII, período em que teve início essa atividade até meados do século XX quando essa entra em declínio e tende a desaparecer, trabalhavam na agricultura e na pecuária, uma vez que eram poucas as oportunidades de trabalho principalmente para os que não possuíam posse de bens e nem vinha de família abastadas financeiramente. A aquisição dos animais era difícil para a maioria dos tropeiros que trabalhadores rurais em terras alheias não tinham como bancar.

Segundo Goulart (1961), entre os anos 1930, “(...) teve início a expansão de animais do extremo-sul para as regiões centrais.” (GOULART; 1961; p: 36). Este acrescenta ainda que a partir dessa época teve também início no interior paulista as feiras anuais de animais em Sorocaba. (GOULART; 1961; p: 36-37). Feiras estas que reunia diversos vendedores e compradores de animais diversos.

Era na feira de Sorocaba cidade situada no Estado de São Paulo que acontecia a maior comercialização de animais das mais variadas espécies. A partir dessa feira, os animais negociados eram redistribuídos para os demais estados do país. A partir dessas feiras de animais se tem um crescimento econômico social das vilas e cidades do interior, sobretudo as que se localizavam nos atuais Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo, uma vez que a venda desses animais gerava bastantes lucros, atraindo rendas mediante uma grande circulação de pessoas.

No que se remete ao Estado da Paraíba, a comercialização e expansão de animais começaram por volta do século XVIII e intensifica-se em torno do século XIX. Esse tipo de comercialização tinha como ponto de convergência a cidade de Campina Grande localizada no agreste paraibano. Com o desempenho do tropeirismo, a cidade desenvolve um forte crescimento econômico e populacional devido à intensidade e lucratividade da criação de muas, assim como sua expansão.

Como podemos observar a seguir:

Nota-se que a criação de muas no estado paraibano, começou a intensificar durante o século XIX, tornando assim, a sua principal atividade lucrativa, permitindo um crescimento estável entre as cidades, principalmente durante a década de 1930 em Campina Grande, onde a demanda por eles passou a ser constante. (FREITAS; 2013; p: 27).

Assim, no Estado da Paraíba a expansão e comercialização das tropas de muares se deram a partir da feira de animais da cidade de Campina Grande centro de referencia para a redistribuição deste tipo de animais de carga para as demais localidades. Esse tipo de distribuição dos muares seguia o mesmo padrão de outros Estados a exemplo de Minas Gerais e São Paulo.

Na Paraíba, na região do agreste, os donos das tropas de animais eram os grandes latifundiários que também eram os proprietários de engenhos, os chamados “homens de negocio”. Durante um grande período da historia, ou seja, por volta da de 1920 até meados da década de 1960 quem possuía uma quantidade considerável de animais ou tropas era visto no contexto social como pessoas de elevado poder aquisitivo. No que diz respeito ao município de São Jose de Piranhas os ditos “homens de negocio” eram os homens que tinham condições de colocar um comercio, mante-lo e principalmente ter dinheiro para negociar os produtos a serem comercializados, com os ditos tropeiros. Eram, portanto aqueles que podiam fazer financiamentos pesados como o do “ouro branco paraibano”.

Como descreve o professor José Luiz da Silva:

Eram aqueles que podiam colocar uma venda. Eram aqueles que podiam financiar desde o plantio a colheita do algodão e a compra da safra na folha. Então esses eram os homens de negócios que financiavam toda essa produção. (SILVA; Entrevista: 07; 2017).

O senhor Douetts ao se questionado sobre quem eram aos denominados “homens de negocio”, no município piranhense relata na nossa entrevista que, eram aqueles que tinham dinheiro e posses. Ele cita por vez os senhores: Antonio Gomes Barbosa, Joaquim Ribeiro Campos, Luiz Gonzaga de Oliveira, Antonio Ferreira de Moraes. Sendo o senhor Antonio Gomes Barbosa considerado por este como um dos maiores comerciantes, por ser abastado financeiramente e trabalhar com vários outros tipos de comércios a exemplo de venda de gado, produção e exportação de algodão.

E, os homi que mais negociava, que nigociava cum tudo , que comprara tudo que aparecia primero lugar era Antonio Gomes Barbosa, ne? em primero lugar. Ai vinha outros que comprava mais ai e menos coisa e mais menos, ne. Esses outros comerciantes como eu falei eram Juaquim Ribeiro era Luiz Gonzaga de Oliveira, Sivirino Irineu, Antonio Ferreira de Moraes ( Antonio Ferreira de Moraes ) que era Toto tinha um comerciozinho também e a verdade era essa. (DOUETTS; Entrevista: 06.2017)

O professor, escritor e pesquisador Lima, vem por vez reforçar o já dito pelo senhor Douetts de Sousa, quando ele destaca que dentre os “homens de negocio” da cidade piranhense encontravam-se por vez os senhores Antônio Gomes Barbosa e Joaquim Ribeiro. Sendo que na sua visão, o primeiro o senhor Antônio Gomes era tido como destaque á medida que tinha uma melhor condição financeira se comparada aos demais comerciantes.

Como podemos observar na fala de Lima, em nossa entrevista:

Então vários e com relação ao comercio urbano se destacaram alguns como Antonio Gomes Barbosa, Joaquim Ribeiro. E que, e Antonio Gomes, por exemplo, chegou a ser um grande empresário do algodão porque ele tinha maquinismo de descaroça algodão, vendia algodão em pluma e também no ramo de vendas de tecidos, miudezas em geral, seriais e ferragem. Eram os empórios da época, era como se fosse hoje os mercados, mercadinhos e supermercados. (LIMA; Entrevista; 05; 2017).

Em outra fala a respeito dos homens que negociavam diretamente as mercadorias com os tropeiros nos relata o Senhor Severino Ferreira Dias ex- tropeiro, em nossa entrevista, que no município tinha outros comerciantes, porém os que compravam as suas mercadorias com frequência além dos já citados acima era o também o comerciante Antonio Teldolino Cavalcante conhecido popularmente como “Tildulino”:

Aqui tinha uns quatro comerciante, três ou quatro que agente chagava e dava negocio Antoi Gome Babosa (Antônio Gomes Barbosa) era um. Joaquin Ribeiro outo e tinha mais ai um ou dois. - Era. Bom tinha outros mais. Mais era poucos. E outa os homem que tina dinheiro era eles: Antoi Gome Barbosa. - como é o outro que eu disse nesse instante? - sim e Joaquin Ribeiro. – tinha um veio Tuldulino Cavacante (Antonio Teldolino Cavalcante). O comercio dele era pequeno, mais o que ele precisasse de resolver ele tinha dinheiro. Tuldulino Cavalcante. - desses Cavalcante que tem ai. (DIAS; Entrevista: 01; 2014)

De acordo com o relato pessoal os denominados “homens de negocio”, dentro do município de São José de Piranhas eram aqueles que tinham condições financeiras elevadas como já mencionado anteriormente. O exemplo do senhor Antônio Gomes Barbosa mencionado por Lima e o senhor Douetts de Sousa, comercializava diretamente com os tropeiros uma diversidade de mercadorias para o abastecimento do seu comercio e posteriormente da população consumidora. Além de tudo eram os dois comerciantes mais prósperos, citados donos de suas tropas para quem os tropeiros trabalhavam.

A atividade tropeira é relembrada como uma tarefa que exigia esforço e responsabilidade. Era preciso muito empenho para dar conta das dificuldades do trajeto quando longo e precisava de pouso.

### **3.2 Os campos de pouso para os tropeiros como lugar de descanso**

Campos de pousos eram denominados assim os locais usados pelos tropeiros em suas viagens para descanso, tanto destes como dos animais, que após uma longa jornada diária paravam para se alimentar onde também buscavam pastagens e água para os animais.

Goulart (1961), descrevendo os campos de pousos afirma que: “Não se pode falar de tropas, de tropeiros e de camaradas sem mencionar o pouso”. O mesmo destaca que o local usado como ponto de pouso sofreu modificações ao longo do tempo. Por volta do ano de 1838 a coroa resolveu criar e aperfeiçoar os pousos em lugares mais estratégicos e os tornando posteriormente paradas obrigatórias das tropas. Portanto muitos destes locais de pouso posteriormente deram origem a vilas e povoados, formando os primeiros núcleos urbanos da região das minas. Como diz o autor os pousos, porém a principio se constituía de local construído de palha e paus-a-pique e que servia de ponto de descanso das tropas ao final do dia. O autor ainda o denomina de “lugar de resguardo”, por que serviria para os tropeiros que viriam a surgir e que conseqüentemente passaria por tais locais. Acrescenta ainda que se tratava de um local desconfortável por ser uma “palhoça rústica” que não tinha divisória alguma, ou seja, não tinha paredes, mas tinha pastagens e água para os animais. (GOULART; 1961; p: 129-130-131).

Já a questão do pouso na Paraíba e retratada por Almeida (1978), em sua obra intitulada “*Historia de Campina Grande*”, onde essa afirma que a cidade de Campina Grande até meados do século XX, era usada pelos tropeiros não apenas como ponto de pouso dos animais, bem como destes mesmos, mas está vinha a ser tida como parada obrigatória. Isso se explica porque ali que se fazia toda a comercialização dos mais variados produtos desde simples gêneros alimentícios, especiarias a diversos produtos. (ALMEIDA; 1978; p: 107-108).

Partindo dessa perspectiva podemos por vez afirmar que a cidade de Campina Grande, era o ponto de convergência mais importante do Estado da Paraíba, uma vez que como se tem conhecimento por meio da historiografia unia e reunia tropas de toda a Região Nordeste. Tropas estas que levavam mercadorias diversificadas e ao retornar para suas localidades levavam de volta outras para serem por vezes comercializadas. Foi a partir do fluxo comercial

de Campina Grande que os tropeiros intensificaram mais e mais as relações comerciais e não apenas com a cidade citada, mas com aos demais estados como: Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco dentre outros.

Como afirma Freitas (2013), no seu trabalho histográfico *“Os Tropeiros da Borborema: símbolo fundacional da cidade de Campina Grande – PB (1790-1982)”*: “(...) Campina Grande por um longo período da história paraibana se destacou por ser o ponto de confluência das principais estradas que ligavam Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí”. (FREITAS; 2013; p: 27). São José de Piranhas também era o local onde os tropeiros descansavam e também davam descanso para os animais. Quando daí se deslocavam, era em qualquer lugar a beira do caminho, em baixo de uma árvore, em uma estrada próxima às ribeiras de rios ou até mesmo riachos onde os animais e estes mesmos pudessem passar a noite que pousavam. Como pode ser observado na passagem a seguir:

A sombra de um Juazeiro, de uma quixabeira, ou de outra árvore sombrosa, era procurada pelos almocreves, quase sempre onde existia uma aguda. Todos conduziam o seu farnel: carne, farinha, rapadura, queijo e ali se regalavam, bebendo água fria, assim conserva nas “borrachas”... Descansando após o almoço, prosseguiam viagem quando o sol “quebrava”, ou pernoitavam em redes aramadas nos galhos das árvores, ou no chão, sobre os encerados. Antes de romper o dia, levantavam acampamento. (ALBUQUERQUE, 1979, p. 36)

Segundo nos relata o Senhor Silvino Fernandes em entrevista prestada a nossa pesquisa o motivo pelo qual as tropas paravam e descansam sem medo em qualquer lugar, se dava porque as estradas eram muito tranquilas e não constituía perigo algum.

Era calmas. Pode ta onde tivesse. Era tudo calma, num tinha nada. Ninguém tinha medo de nada e num existia o que existe hoje não... Você ia pa todo canto. Dormia nas estradas. Deitava debaixo de arvore de pau, tudo no mundo. Naquele tempo não tinha nada. (FERNANDES; Entrevista: 03. 2015).

Mais adiante na mesma entrevista ele nos faz um relato sobre duas viagens. Sendo uma para a cidade de Cajazeiras e outra para a cidade de Bonito de Santa Fé, onde menciona que ao longo das viagens paravam para o descanso e seguiam viagem no dia seguinte.

Observemos a fala do nosso entrevistado Silvino Fernandes:

Isso aqui nós ia muito pa Bunito (Cidade: Bonito de Santa Fé) carregara mercadoria daqui pa Bunito. Levava mercadoria pa queles comercio tudim. Era açúcar essas coisa tudim e em burro, num tina carro. Nós ia pa Bunito

nós chega ai perto do Bunito nos Perero (Sitio Pereiros) nos cansava de parar naquela ponte que tinha lá que não dava para passar e esperar o rio secar para passar. Pois. Era tudo desse jeito... Tudo ai por dentro. O caba ia daqui pa Cajazeira era o dia todim. Saia cedo pa chega de tardizinha em cima de um burro. Ainda dormia no camim pa chega no outro dia. (FERNANDES; Entrevista: 04. 2015).

Como base nas falas acima podemos constatar o já dito anteriormente a respeito de que os tropeiros que faziam longas rotas, assim como os tropeiros de São José de Piranhas, não tinham um lugar fixo para repouso durante as cansativas viagens, uma vez que paravam para descansar nas estradas por onde trafegavam sempre no intuito de realizar a sua trajetória e cumprir com os seu compromisso, ou seja, levar os produtos ao seu destino.

### **3.3 As formas de atuação e composição das tropas em São José de Piranhas: pessoas e animais**

Sobre o percurso das viagens Carpegeani et, al. (2009) apud Ruffato (2004), diz que, as tropas de animais que seguiam viagem de uma região a outra do país eram geralmente divididas em lotes. Sendo que o número de animais variando sempre de acordo com a região. Porém o mais comum em uma tropa e que fosse composta com um total de sete cargueiros. Cada lote que seguia viagem ficava sobe os cuidados do chamado tocador e demais componentes da tropa e todos passavam por vez a ser orientado pelo tropeiro, já que esse era o principal responsável pela condução de toda a tropa.

Não se diferenciando das demais regiões do Brasil em São José de Piranhas a composição das tropas de animais que seguiam viagem para fazer a comercialização de mercadorias também variava de acordo com o lugar, uma vez que o circuito de maior abrangência se dava para a cidade de Campina Grande, aonde os tropeiros partiam em tropas com aproximadamente de sete a dez animais. Outra era a situação em um circuito de menor abrangência a exemplo das viagens feitas para o Cariri cearense, situado em uma distância menor em relação a São José de Piranhas, como comprova a fala do nosso entrevistado o Senhor Severino Ferreira Dias, ex-tropeiro e um dos principais participantes desta pesquisa, ao relatar que a quantidade de animais usados na viagem era por vez menor, em um número de quatro.

Bem agente precisava de lutar pela vida...,por exemplo a rapadura no Carriri é barato. Dava para a gente comprar la e trazer praqui. Era isso que a gente aspirava. Comprava. Levava quatro burro. Carregava de rapadura. Chega

aqui de pressinha vendia no comércio. Então aquilo dava um lucro. (DIAS; Entrevista; 01. 2014).

Como podemos perceber no relato acima os produtos comercializados definia a realização das viagens. Aqui essa definição era feita a partir da Rota da Rapadura que compreendia ou se estendia a região do Cariri no vizinho Estado do Ceará. Nessa rota os tropeiros utilizavam-se de uma quantidade de quatro animais apenas por se tratar de um lugar próximo ao município piranhense. Além Rota da Rapadura os tropeiros piranhense também faziam outros percursos ou outras rotas como a Rota do Sal e do Algodão feita para Mossoró no Estado do Rio Grande do Norte, a principio e posteriormente para a cidade de Campina Grande, como mencionado no capítulo anterior. Essas rotas mostram como os tropeiros da cidade de São José de Piranhas eram andarilhos e como seu trabalho era por vez cansativa, devido aos longos percursos que faziam de uma região para outra comercializando suas mercadorias.

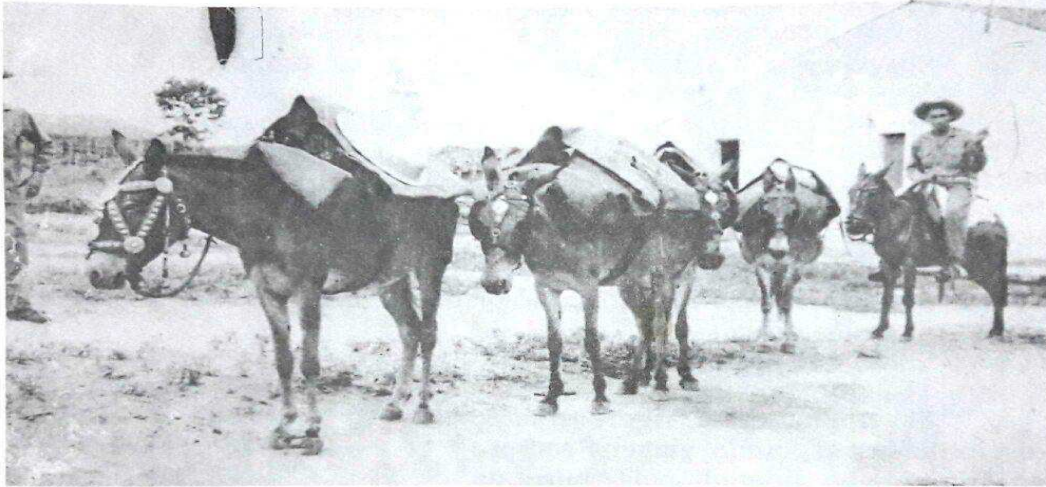
As tropas de burros cuja condução tinha os tropeiros à frente no município de São José de Piranhas eram organizadas e disciplinadas, já que seguiam viagem sempre em fileiras, seguindo o modelo indiano, isto é, atrás uns dos outros. Sendo que toda a tropa era por vez liderada pela “burra da frente” referindo-se assim ao elemento que conduzia, guiava e direciona o percurso. Como podemos observar na fala do ex- tropeiro Silvino Fernandes, em informações prestadas para a nossa pesquisa:

Porque era estrada de terra, igual os do sitio. E o pior era os caminho no tempo do inverno. Mais era divertido no tempo que nós era tropero. Você ia uma viagem era uma faixa de oito a dez tropero atrás um do outro. Era um monte de cabeça atrás um do outro. Era muita gente. (FERNANDES; Entrevista: 03. 2015)

Por meio desta fala podemos confirmar o já mencionado anteriormente a despeito da organização das tropas durante as viagens, ou seja, que estas eram organizadas e disciplinadas: *um monte de cabeça atrás um do outro*. Essa organização das tropas pode ser observada na imagem a seguir:



IMAGEM 3: FORMAÇÃO DAS TROPAS DE MUARES EM VIAGENS PELAS ROTAS COMERCIAIS NA PARAÍBA.



*Tropa de burros em São José de Piranhas, tendo ao fundo o tropeiro João Agustinho, como arrieiro do Sr Antônio Gomes Barbosa. Foto cedida pelo ex-tropeiro Sr. Ananias Alves de Araújo.*

Foto: Projeto/Os tropeiros de São José de Piranhas PB.

A fotografia mostra uma tropa de burros e bestas, pertencente ao senhor Antônio Gomes Barbosa, fazendeiro renomado da cidade de São José de Piranhas como já mencionado anteriormente nesse trabalho historiográfico. O condutor ou arrieiro da tropa trata-se do ex-tropeiro Senhor João Agustinho, falecido, residia na cidade de Bonito de Santa Fé.

Como vemos a fotografia expõe a burra da frente que tinha um destaque maior em relação aos outros animais. Pois como é possível perceber seus arreios decorados com fivelas, estrela- parte que fica na cabeça do animal. A burra da frente se destaca segundo relatos dos tropeiros por ser ela condutora da tropa. A foto ainda salienta o que já foi mencionado acima sobre o fato de que a tropa era composta por cinco ou seis animais.

Como podemos perceber os burros aparecem na imagem como sendo os únicos os animais, já que não se nota a presença de bois ou cavalos. Eram eles que faziam o transporte das mercadorias, por serem considerados fortes e capazes de suportar as longas e cansativas viagens. Viagens que além de longas eram por vez bastante extensas levando em media de quinze dias a um mês, levando-se em conta o percurso de ida e volta, bem como a distancia da cidade de onde se deslocava a tropa para o local onde descarregariam as mercadorias para comercialização.

As cargas eram bem organizadas como é possível perceber, por exemplo, na burra da frente. Uma carga provavelmente de gêneros alimentícios e alguns objetos como a bacia, que se encontra em cima da lona, essa lona era usada para proteger o carregamento das possíveis

chuvas. O local onde foi tirada a fotografia trata-se da Caatinga, percebida pela pouca vegetação. Ocasionalmente pelo clima que predominava e ainda predomina na região (seco). Trata-se de um sítio, o qual era usado comumente como ponto de parada e descanso das tropas. As indumentárias que usavam eram simples, calça mesclada, camisa listrada, sandálias de couros crus, chapéu de couro ou massa, o “ralho” usado para tanger a tropa (aparece na fotografia na mão direita do arreiro, uma vez que a esquerda segura os arreios do animal) e a faca levada na cintura para cortar as cordas.

Como podemos perceber na foto os animais encontram-se dispersos e o arreiro tenta organiza-los, o que vem por vez constatar que a fotografia, não contém indícios de ser planejada. Pois do lado esquerdo se tem a presença de um senhor. Senhor este cuja identificação não foi possível confirmar. Ainda a respeito da fotografia não foi possível “detectar” quem a “ tirou”, uma vez que a mesma foi doada pelo senhor Ananias Araujo da Silva, ex-tropeiro, falecido no ano de 2004 aos pesquisadores do projeto “ Os tropeiros em São Jose de Piranhas – PB”, <sup>3</sup>.

Não sendo também possível descobrir o ano em que foi reproduzida. Porém tendo em vista a sua resolução, que embora em preto e branco possui uma boa qualidade e provável que se date do início do século XX. Século esse em que esse tipo de fotografia se popularizou. O trabalho com a memória é considerado por estudiosos como a possibilidade de trabalhar o passado por meio da memória, o que não se dá de forma absoluta, vindo a ser possível pelo processo de rememoração como afirma Alberti (2004),... O passado só “retorna” através de trabalho de síntese de memória: só e possível recuperar o vivido pelo viés do concebido. (ALBERTI, 2004, p. 17).

E por meio desta concepção teórico-metodológica que pretendo estudar as experiências passadas dos tropeiros no município de São José de Piranhas, no século XX, tendo como ponto principal suas redundâncias relatadas pelos mesmos. Trata-se de um percurso que como diz Certeau (2008), deve ser feito não do ponto de chegada, mas do processo que possibilitou chegar a ele. Pela memória o historiador cria uma representação do passado a partir do lugar em que esta inserida “o presente”. (CERTEAU, 2008; 93).

---

<sup>3</sup> Publicada pelo corpo de professores: Heberte Evangelista da Silva, Maria Erisma Lima da Silva e Messias Ferreira de Lima, ministrantes das disciplinas de História e Geografia, em relação conjunta com as turmas 7ª D, E,F; 8º B,C,D; do Ensino Fundamental e 2º Ano B,C; do ensino médio, orientados pela coordenadora pedagógica da E.E.E.F.M.Prefeito Joaquim Lacerda Leite. O projeto objetivou trazer para a comunidade piranhense, mas principalmente a classe estudantil conhecimento de como se deram as primeiras relações comerciais, desconhecida pela maioria da população e da classe estudantil da cidade de São José de Piranhas

Assim, a operação histórica tem um efeito duplo. Por um lado, historiciza o atual. Falando mais propriamente, ele presente fica uma situação vivida. Obriga a explicar a relação da razão reinante com o lugar próprio que, por oposição a um “passado” se torna presente a lei e o seu limite engendra, simultaneamente, a diferenciação de um presente e de um passado. (CERTEAU, 2008; 93).

Seguindo essa linhagem de pensamento pretendemos enfocar as experiências de vida dos ex-tropeiros de São José de Piranhas sob o ponto de vista da memória e história dos mesmos presente no imaginário da cidade de São José de Piranhas já que são considerados segundo Lima, como os “condutores do progresso dessa região. Progresso esse, que eles trouxeram e que causou a sua própria destruição”. (LIMA, 2010; 67).

### **3.4 Memórias coletivas dos tropeiros de São José de Piranhas**

A imagem dos tropeiros ainda se encontra viva na memória da população piranhense uma vez que como mencionado acima o desempenho dessa atividade foi de suma importância para o crescimento da cidade e apesar do pouco reconhecimento por parte da historiografia local, muitos os veem como figuras de grande importância e os referênciam:

Como veremos a seguir:

Os tropeiros eram pessoas que tinham o número entre três e cinco burros que levavam algodão para campina Grande, Cajazeiras, Sousa, toda essa região eles distribuíaam algodão e no retorno trariam o que? Querosene, sal, açúcar, arroz alguns produtos que eram vendidos para a população. (SILVA; Entrevista: 07. 2017)

Outro relato que vem por vez mostrar que a memória dos tropeiros ainda esta presente na memória do comerciante senhor Douetts de Sousa, nosso entrevistado, onde esse diz que:

Minha filha! São muitos troperos, mais o maio tropero que tinha aqui chamava-se Fernandes. Eu num to lembrado o sobrenome, mais era Fernandes, Ferandes. Esse tinha umas tropa mermo, tinha num sei quantas tropa de burro e tinha um matuto como se diz ( pausa, chegou um cliente e para falar com ele). Ai tinha os tropero nessa época. Ele tinha vario, vario, vario, vario. Posso até cita algum nome assim, mais era tantos tropero. Que tudim que existia pa luta de algodão. Transportar algodão, pa carregar mercadoria tudo era em costa de burro mermo . Porque num tinha carro, num tinha nada. Ai tinha Fernando. Ai depois teve os filho de Fernando trabalhava, tinha Anania que chamava Anania Silvino era um tropero, tinha Tintino era outro topero, um Sivorino Ferreira era tropero, era tinha um Anania Navi era tropero, ai tinha um Zé Guerra era tropero e assim por diante.(SOUSA; Entrevista:06.2017).

Como podemos perceber Senhor Sousa traz na memória nomes de muitos tropeiros como: Fernando Pereira, Ananias Silvino, Ananias Navio e José Guerra que fizeram parte do tropeirismo em São José de Piranhas e que estão presentes nas suas recordações memórias. Estes também estão presentes nas lembranças do senhor Silvino Fernandes, uma vez que em nossa entrevista relata diversos nomes de homens que atuaram como tropeiro a exemplo dos senhores: Moacir Mangueira, Antonio Coelho (conhecido por Antonio de Nanzinha).

Também por aqui se for pa você andar atrás de quem trabalhou de tropero ainda tem Moaci Manguera ( Moacir Mangueira). Antoi de Nanzinha (Antônio Coelho) que ando um bucado de tempo de tropero. Por aqui só tina eles dois mermo tem mais ninguém não. O resto já moreram. Daqui de cara ainda tem um bucado porque tem Chico, (Francisco Fernandes) mora no Baru ando muito também. Zé Fernande, (José Fernandes) mora em João Pessoa. Muleque, (Fernado Fernandes Filho) mora em Natal no Rio Grande do Norte trabalhou muito tempo. (FERNANDES;Entrevista:04.2015)

O Senhor Fernandes ainda coloca que em sua casa quase todos os homens seguiram a profissão do pai, o já falecido senhor Fernando Pereira, citado por diversas vezes nesta pesquisa e considerado um dos maiores tropeiros da cidade, por conter mais de cinquenta e cinco animais de montaria. Entre os seus irmãos que atuaram nessa atividade estão: Francisco Fernandes, José Fernandes e Fernando Fernandes Filho. Os mesmo ainda se fazem presente também na memória de senhor Severino Ferreira Dias que exerceu a atividade de tropeiro. Ao ser indagado em nossa pesquisa sobre “Quem eram os tropeiros?”, esse nos diz: “Bem, eu, Severino, Jonas Ponciano e Chico Bezerra, éramos os três companheiros, agente sempre trabalhava junto.” (DIAS; Entrevista: 02; 2014)

Ao averiguarmos as falas acima expostas podemos por fim concluir que a vida e história dos tropeiros ainda se faz presente na memória de muitos habitantes da cidade de São José de Piranhas. Foram muitos os homens que atuaram nessa atividade, uma vez que a estes eram destinados às montarias. Isso vem também por vez explicar o motivo pelo qual apenas os homens trabalhavam como tropeiro.

Para sintetizar e finalizar esse trabalho sobre os tropeiros de São José de Piranhas queremos ressaltar as falas dos ex-tropeiros senhores: Severino Ferreira Dias e Silvino Fernandes, procurando por meio delas e a partir das suas memórias tomarmos conhecimentos de como eram as suas vidas enquanto atuantes na atividade de tropeiro? Como se dava a relação destes com a sua Família? E principalmente como eram os trajetos das viagens? Porquanto tempo atuaram como Tropeiro?

### 3.5 Severino Ferreira: Vida de tropeiro e trajeto de tropeiro

O Senhor Severino Ferreira Dias, ao relatar sua experiência de vida enquanto atuante na atividade de tropeiro descreve-a como profissão exercida quando ainda era solteiro, uma vez que ao contrair matrimônio passou a trabalhar em outras atividades.

Bem, quando eu me casei essa luta quase não fiz mais. Era mais quando era solteiro, comecei com a idade de 15 anos até 20 por aí assim, 21 por aí. Foi o período que trabalhei muito nessas coisas... Porque a partir de 21 ano eu tive outra luta. – Eu não sei se você sabe. Eu fui convocado pra o exército no tempo da Segunda Guerra Mundial. (pausa na fala de alguns segundos). Fui convocado em outubro de 44 e fiquei lá até dezembro de 45. (DIAS, Entrevista: 01-02; 2014)

Como diz sua atuação como tropeiro começou aos quinze anos de idade se estendendo até aos vinte e um anos. Período em que este afirma ter mudado a “luta”, ao ser convocado pelo Exército Nacional, para atuar na Segunda Guerra Mundial que estava acontecendo. Sendo que a sua estadia foi de um ano e dois meses, uma vez que entrou em 1944, no mês de outubro e foi dispensado em dezembro de 1945.

Na sua fala sobre sua história de vida fica evidente o que já destacamos acima sobre a necessidade de trabalho que levava esses homens sem trabalho outro a se tornarem tropeiros. Era como ele bem caracteriza uma luta tão difícil quanto a luta da guerra mundial. Como fala ao retornar em 1945 da convocação para a segunda guerra, contraiu matrimônio com a senhora Rosa Maria de Jesus e a partir de então voltou a desenvolver seu trabalho não mais como tropeiro, mas como agricultor e pecuarista. Atividades estas que o mesmo já exercia mesmo quando atuante na labuta como tropeiro. Como nos informa em nossa entrevista:

Ai quando eu voltei. Ai eu mudei a luta eu resolvi a casa e fui trabalhar na agricultura e fazer um negócio comprar um garrote, uma coisa e tal. Mudei negócio de luta de tropeiro depois que eu casei eu não fiz mais. (DIAS; Entrevista:02.2014).

Para esta vida como tropeiro se resumia basicamente em trabalhar comercializando mercadorias nas mais diversas regiões a exemplo do: Ceará, Ribeira de Diamante, Serra do Capim (Monte Horebe), Vale do Pianco. Como podemos observar a seguir em fala prestada a nossa entrevista.

Olhe minha vida como tropeiro foi o seguinte. Trabalhei aqui nessa região do Ceará comprando rapadura e vendendo aqui, trabalhei uns tempos na ribeiras de Diamante, pracula ( gesticulando com o braço) comprando arroz árabe e vendendo aqui, que lá era uma região muito boa de arroz, trabalhei quando havia algodão carregando para essa maquina do finado Antônio Gomes, mais uns servicinhos sim ( ele deu uma pausa de mais ou menos 30 segundos fala)...Teve um tempo ai (deu mais uma pausa na fala de uns 25 segundos). Sim! Andei comprando farinha na serra de Monte Horebe, Serra do Capim por ali (gesticulando com a mão) comprando farinha e vendendo em busca do Pianco. Foi mais ou menos essa a luta. (DIAS; Entrevista: 01.2014)

Ao observar a fala do entrevistado percebemos que esse desenvolvia uma intensa atividade de tropeiro em diversas regiões circunvizinhas como reforça era uma verdadeira luta. Onde o mesmo negociava com diversos produtos. Quando indagado em nossa entrevista sobre sua relação familiar, assim como a família via o seu trabalho como tropeiro, este relata que o seu pai era satisfeito com o seu trabalho, uma vez que como mencionado anteriormente nesse período não havia contraído matrimônio ainda.

Bem vou falar do meu pai que era quem falava: - olhe Severino faça a que aja, ele explicava (não foi possível entender o que ele falou)... Ele era satisfeito com a minha luta, graças a Deus. (DIAS; Entrevista: 02; 2014)

Embora não tenha sido possível compreender “afundo” em detalhes o que este relatou durante a gravação, sem querer aqui atribuir juízo errado, é possível que se tratasse de um conselho do seu pai para que ele não deixasse de ser tropeiro, pois esse tinha valor. O valor pode-se averiguar com base na época que dentre as oportunidades de trabalho oferecidas o tropeirismo era a que fazia render um pouco de lucro. O que podemos comprovar por meio da fala do nosso entrevistado Senhor Dias:

Bom! Aquilo e o seguinte, agente lutava pela vida e isso era uma coisa que dizia, bom pronto, por exemplo a rapadura que no carrai era barato da par comprar la trazer. Era isso que aspirava. Levava quatro burros, carregava de rapadura, chegava aqui de pressinha vendia no comércio. Então aquilo dava um lucro. (DIAS, Entrevista: 02. 2014).

Levando-se em conta o contexto histórico da época que se compreende aproximadamente as décadas de 1935 e 1945, quando retorna do Exército, não atuou mais nesta profissão de tropeiro, só lhes restava um meio de vida e trabalho inserindo-se como a grande maioria da população da sua época na zona rural onde trabalhavam na agricultura ou na pecuária. Uma pequena parte da população vivia na zona urbana. Mesmo assim eram

poucos os que trabalhavam no comercio, muitos ainda estavam ligados à agricultura. Pois por volta de 1930 até 1980 São José de Piranhas era uma sociedade extremamente rural.

Ao ser questionado a respeito de quanto tempo se ausentava de casa devido os trajetos nas viagens que fazia, o mesmo diz que dependendo do local o trajeto de ida e volta poderia variar a exemplo das viagens que fazia para uma localidade chamada Serra Talhada No Pernambuco, em que se levava uma media de três dias. Levando-se em conta o dia do deslocamento e o retorno para o município de origem.

- Era uma media de três dia. O caba saia daqui, dormia lá perto, no outo dia carregava e voltava pra casa.
- Porque lá eu comprei.
- Foi um ano não, foi muito tempo não.
- teve um tempo que teve umr milho pro lado do Pernambuco e aqui foi muito escasso. Então a gente ia comprava milho lá em Serra Talhada e trazia pra cá. (DIAS; Entrevista: 02. 2014).

O Senhor Dias, ainda acrescenta que as estadas por onde trafegava junto com seus companheiros eram tranquilas e não representava, portanto perigo algum. Pois segundo ele não se ouvia falar em saqueadores nesse período. E com relação a animais selvagens quase não se veia. O que nos leva a crer que o motivo da escassez dos animais ferozes nas estradas principalmente nos domínios territoriais do município se deva a pouca vegetação, uma vez que nossas matas ficam secas em uma parte considerável do ano.

De acordo com relatos prestados a nossa entrevista o senhor Severino Ferreira, nos informa que não desenvolvia esse trabalho isoladamente, uma vez que tinha um grupo de três companheiros que o auxiliava conduzindo a tropa durante toas as viagens.

- Agente era três companheiro, que era pra pude te o jeito de buta a carga e tira, três companheiro aquilo era tranquilo. Agente ia, ia de pés mesmo voltava mais era tudo caba novo que num se incomodava cum nada. Então aquilo servia de graça e a aquela luta ninguém estranhava, não. (DIAS; Entrevista: 02. 2014).

Diante disso podemos concluir que a atividade de tropeiro desempenhada pelo senhor Severino Ferreira Dias, bem como os demais tropeiros citados ao longo deste trabalho teve um papel importante para sua formação econômica e histórica do município de São José de Piranhas. Este enquanto personagem se destacou a partir da sua atuação como tropeiro tornando-se um dos colaboradores e propiciadores do crescimento do comercio local. Mas sua vida e sua história de tropeiro é também um relato de luta pela sobrevivência que para a maioria da

população era trabalhar desde cedo na agricultura e em outras atividades que aparecessem. Acompanhemos a seguir os relatos de outro tropeiro.

### **3.6 Silvino Fernandes: Vida de tropeiro e trajeto de tropeiro**

Ao relatar as suas vivências e experiências como tropeiro o senhor Silvino Fernandes, nos informa em entrevista que nasceu no em 1949 e que como a maioria dos seus irmãos homens resolveu seguir a profissão do pai o tropeiro Fernando Pereira, que já tenha falecido, foi citado ao longo desta pesquisa como tropeiro renomado. O mesmo coloca que desempenhou a função de almocreve por um longo período de sua vida. Se estendendo até a década de 1966. Período em que segundo este o tropeirismo entrou em declínio no município.

Ai depois foi começando a aparecer caminhão essa coisas e foi acabando com tudo. Ai eu deixo de trabalha de tropeiro e fui trabalhara na roça. Trabalhei muito tempo e depois pa caminhão, depois pa ônibus. Nós sofria muito naquele tempo ainda. As viagem muito longas. (FERNANDES; Entrevista: 04, 2015).

Com o fim do tropeirismo em São José de Piranhas, o mesmo relata para a nossa entrevista que passou a trabalhar na agricultura por muito tempo e posteriormente como motorista de veículos de carga como: caminhão e ônibus. Ao ser por vez indagado sobre como era a sua vida enquanto atuante na atividade de tropeiro, ele coloca que era por vez carregar mercadorias diversas e comercializa-las no comercio local. Acrescentando ainda que trabalhava o ano inteiro e dependendo do período trabalhava com um tipo de mercadoria a exemplo d o algodão. Ao ser indagado sobre como era a sua relação familiar na época em que trabalhou como tropeiro, o mesmo deixa claro que não tinha uma relação presente no seio familiar. Acrescentando por vez que a ausência se dava em virtude das longas viagens que fazia ficando afastado por um longo período.

Era aquela vida. Um dia agente tava em casa, passava a semana no mundo, chegava final de semana. Chegara em casa no dia que dava certo ( risos). Presente, não porque agente só vivia no mundo. (FERNANDES; Entrevista: 03. 2015)

Com relação a sua família, o mesmo relata que todos os seus irmãos assim como ele desempenhavam a função de tropeiro. Profissão esta que como citado anteriormente herdaram dos pais. Porém este descreve que diferente dos demais praticantes desta atividade de tropeiro Severino Ferreira Dias, Ananias Navio, João Punciono dentre outros citados ao longo deste



capítulo entrou nessa profissão não por necessidade, mas por diversão. Como podemos observar em trechos de sua fala reproduzidos a seguir:

(...) Eu deixei de estudar pa se tropeiro. Queria nem vê escola (sorriu um pouco). Agente fazia e achava era bom. Sofra muito, mas achava bom. Era muita gente. (FERNANDES; Entrevista 04. 2015)

Ou seja, como destaca, mesmo tendo diversão, a atividade de tropeiro era também sofrimento vivenciado por ele e por muita gente como conclui sua fala. De acordo com os relatos a respeito de como eram as estradas por onde passava, o mesmo deixa claro que eram sempre muito tranquilas e que não avia perigo algum nos percursos que fazia. Acrescenta ainda que na época os saqueadores eram apenas mitos, já só os conheciam de ouvir falar e que a tranquilidade era tanta que muitas vezes para descansar nas estradas, em baixo de árvores como já mencionado durante essa pesquisa.

Como vemos os trabalhos prestados pelo senhor Silvino Fernandes, durante sua vida como tropeiro foi também importante para o município de São José de Piranhas, uma vez que este contribuiu de forma direta para o crescimento do econômico do município. Tratava-se de uma época que os meios de transporte automobilísticos não existiam para esse fim. Era este em conjunto com os demais tropeiros já citados, que fizeram história na cidade de São José de Piranhas. Mas sua fala como a fala do tropeiro Severino Ferreira é testemunha de uma vida de dificuldade, de renúncias como diz o depoimento acima sobre ser o mundo, ausente da família, o lugar de vida do tropeiro.

Vida de luta pela sobrevivência como bem nos relatou o senhores Silvino Fernandes e Severino Ferreira Dias, quando tiveram que deixar a atividade ou o meio de vida de tropeiro quando a crise se abateu sobre o produto que impulsionou o comércio regional e os deslocamentos dos tropeiros. Voltaram eles para o trabalho na agricultura, pois era aí o lugar de sobrevivência da maioria da população do interior do Brasil, do Nordeste, da Paraíba e do município de São José de Piranhas. Poucos foram os tropeiros que eram eles próprios donos do seu comércio ou de seus animais como os exemplos dos comerciantes donos de tropas como Antônio Gomes Barbosa, Joaquim Ribeiro, Luiz Gonzaga de Oliveira, Severino Irineu dentre outros que a nos relataram.

Com esse trabalho procuramos mostrar minimamente a realidade de vida dos tropeiros de São José de Piranhas que muitas das vezes transformados em heróis do “progresso” são esquecidos como sujeitos com histórias e trajetórias de vida próprias das suas realidades sociais. Suas memórias construíram aqui essa história que queremos divulgar. História deles

tropeiros, mas também das transformações acarretadas na cidade e no município de São José de Piranhas- PB como bem revela o registro a seguir:

*Pronto ali onde tão ajeitano os prédio de Jame (James Dias), ali onde era a Casa das Balas ali. Ali onde e a funerária, (referência que coresponde as atuais ruas do centro da cidade). Por ali era tudo cheio de burro de seu Antoi Gome (Antonio Gomes). Compara o algodão e descarregara ali. Ali era cheio de burro quando chegara pa descaregar algodão . Aqueles paitos (pátios) ali era tudo cheio, ali pelo Hotel era por todo canto era cheio de burro. Ali na Rua da Igreja pa casa de seu Antoi Gome ( Antonio Gomes), ali onde e a funerária pa sai pelo correio num tina casa não. Era tudo mata fechada. Isso aqui era tudo cheio de coisa por dento desses tabuleiro, dento das casas aqui era cheio de cangaia veia por todo canto ( deu uma gargalhada). Por ali, por onde Nina (...) mora era um açudim. Abaixo da casa de Nina (referência que coresponde a atual Rua: Duque de Caixias). Aqui de primeiro só tinha essa rua. Era a rua dos Numerado. Só tinha nego. Só morava nós de branco (deu uma gargalhada). Noso fomo criado tudo no mei deles aqui( referência que coresponde ao atual Bairro Alto da Boa Vista) . E era tudo os Numerado. Ali mermo no meio daquele beco era a casa do pai de seu Bem, ai tinha a casa de Zé Alejado que e ali aonde e, ai tinha a casa de da mãe de Zidina de seu João Numerado de Dedia. Aquela casa que Damiana morava era da mãe de João avó de Dedia. De branco so tina nós. Ai aqui encostado onde é a casa das menina de dona Maria era a casa de seu Mariano. Daqui ate chega na cancela do açude só tinha essa rua. Mermo ali no fim onde tem aquelas casa pra ir para o camin do céu (Caminho do Céu: um Bar), aquelas casinhas no beço do açude era as última que tinha. Pra lá não tinha nada, só tinha nós aqui. Era essa rua sozinha aqui. Ali mermo encostado a tua casa ali era uma cerca veia de arame tina um mata burro ali. Tina um mata burro ali de frente a casa de vocês. Ali era cercado. Em frente a casa de vocês( referência a atual Rua: Luiz Gonzaga de Oliveira) ali, outro onde era a despoadera de Ze Moca, oto ali onde era Ze Cezaro ( Zé Cezario), ali mermo no começo da avenida tinha um mata burro, ali em Josélia, onde era casa de Josélia era tudo cercado. Era tudo cercado. Era uma roça a cidade (sorriu um pouco). Quase não morava gente era bem poquim. Isso aqui onde tem essas casa onde e esse muro de Ze Ribama era um cantero. Nois jogava bola ai. Essa rua foi seno construída de 68 pra ca. Naquele tempo você vinha pa cidade chegava nesse acero de rua, era cheio de cavalo. Todo mundo era montado num tina esse negócio não. Você vinha pa cidade era tudo montado. Na cadeia quando entrava preso, quando vinha dali daquele beco do hotel, quem viesse alí preso. So via gente correno atrás pa olhar (sorriu um pouco). O caba via tudo que acontecia na rua todina.*

- Foi ai depois fizeram o grupo. Ai quando fizera, o grupo, ai se já nao via mais nada da rua. Esse grupo era pra ser assim (a frente do colégio deveria ter a frente para a rua onde fica a cadeia), mais ai fizeram assim (a frente da escola ficou na rua contraria) Essa casa aqui se fosse feita assim ficava foi feita por cardo do grupo. Aqui eu já vou fazer sessenta e cinco anos e já nasci aqui. (uma moto buzinou). Já faz 75 anos que nós morra nessa casa. Oi! Mãe teve quatro filho la no sitio Antoia, Maria, Francisu e Ana, são os quatro mais veio. Já Jose ela ganhou nenê ali embaixo da casa de Janete. Ali tinha um Pe de oiticica bem grande ali. Mãe morou la. Ai quando tava grávida de Muleque se mudou pra ca pra essa casa. faz tempo que Mulequi já tem 74 anu. Oi! quando nós viemo pra qui em 29 de Agosto de 40. (FERNANDES: Entrevista: 04.2015).

Certamente, essa expansão de que fala o depoente, sobre o crescimento da malha urbana de São José de Piranhas, foi acompanhado e realizado, por ele tropeiro e os demais tropeiros da cidade e do município de São José de Piranhas.

Entre os monumentos que lembram as gerações brasileiras os heróis da Pátria, está faltando um: o do Tropeiro com seus Camaradas e seus Cargueiros. (Goulart)

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma nova maneira de pensar a história de São José de Piranhas, através de uma perspectiva mais abrangente foi o que nos conduziu a escolha do estudo aqui apresentado sobre os tropeiros da cidade. Portanto o objetivo principal deste trabalho foi analisar a memória dos ex-tropeiros durante sua atuação profissional exercida ao longo desse período da história do município de São José de Piranhas PB descritas através do trabalho de síntese da memória.

Para realização desta pesquisa fizemos uso dos métodos proporcionados pela História Oral, além do uso de fontes documentais como: entrevistas, fotografias e mapas que nos foram possibilitadas pela leitura dos escritos historiográficos de autores nacionais, regionais e locais.

Assim surgiu a possibilidade desse estudo para compreender as experiências de vida dos ex-tropeiros durante os trajetos que faziam, e mesmo de identifica-los socialmente. Assim, trabalhamos com a relação entre memória e história tendo como fio condutor a história oral. O objetivo era, sobretudo, buscar com base em relatos orais de alguns ex-tropeiros residentes no município, com e auxílio de material bibliográfico sobre eles já existente, construir mais um capítulo da história desses homens que desbravaram os sertões fazendo as primeiras rotas comerciais do município, contribuindo desta forma para um período de seu crescimento econômico.

Trabalhamos, pois com os escritos de Messias Ferreira de Lima, Pedro Lins de Oliveira, João Rolim da Cunha e Deusdedit Leitão, que produziram obras relacionadas à historiografia do município de São José de Piranhas. No município de São José de Piranhas, os homens que exerciam a profissão de tropeiro eram chamados “homens de confiança do patrão”, no caso daqueles que trabalhavam para algum comerciante da cidade. Enquanto outros eram donos de suas próprias tropas, mas que detinham a mesma confiança e respeito dos demais.

Como nos diz Lima (2010):

Foram eles os verdadeiros condutores do progresso dessa região. Progresso esse, que eles trouxeram e que causou a sua própria destruição. Embora os tropeiros sejam considerados um marco na história de nossa economia nunca tiveram seu valor reconhecido. (LIMA, 2010; P.67)

De acordo com os relatos pessoais e depoimentos diluídos ao longo desse trabalho a atividade tropeira entrou em decadência no início do século XX. Porém, no município de São

José de Piranhas estima-se que a mesma fora extinta por volta de 1940-1950 quando do surgimento dos primeiros veículos na região. O estudo que realizamos destacou a trajetória profissional dos tropeiros piranhenses Severino Ferreira Dias e Silvino Fernandes através de relatos orais dos mesmos e desta forma pudemos descrever mais detalhadamente a história da atividade tropeira no município de São José de Piranhas, a partir da visão dos próprios tropeiros.

Com esse trabalho monográfico buscamos analisar as representações dos tropeiros presentes na memória coletiva, assim como nas memórias dos ex-tropeiros no decorrer de suas vidas enquanto atuantes na atividade. Com suas falas fomos informados de que a profissão de tropeiro era uma atividade de luta, de sofrimento, de renúncias, mas também de alegrias de trocas de vivências e experiências durante os longos percursos que faziam no transporte e comércio de mercadorias por diferentes rotas.

Como por exemplo, da Rota da Farinha e da Rapadura que se dava entre São José de Piranhas e o Cariri cearense. Onde os tropeiros levavam farinha e ao retornar traziam produtos sazonais, e rapadura. Bem como outros gêneros para serem comercializados dentro do município de São José de Piranhas.

A rota do Sal e do Algodão a princípio realizada entre o município de São José de Piranhas e a cidade de Mossoró no vizinho Estado do Rio Grande do Norte e, onde os tropeiros levavam o algodão em pluma e traziam uma variedade de outros produtos como: miudezas, tecidos e principalmente o sal. Sendo esta posteriormente transferida para a cidade Campina Grande. E também a Rota do Fumo e do Gado em que os tropeiros se deslocavam de São José de Piranhas com destino o sítio Riacho Verde no Vale do Pianco traziam fumo para ser comercializado no município e também no Cariri cearense. Sendo que a partir de Patos e depois a Campina Grande a condução desse produto era feita pelos vaqueiros durante o século XX que conduziam o gado.

Como vimos essas rotas levavam os tropeiros a se deslocarem do município para uma diversidade de localidades mais diferentes regiões, já que o seu trabalho como comercializadores não se restringia ao município. Percebemos também que as viagens eram longas e cansativa levando-se em conta o lugar de onde se deslocavam para o seu destino e principalmente o meio de transporte utilizado.

Assim, buscamos ainda contribuir com mais uma abordagem sobre esses homens trabalhadores de um período de expansão e crescimento do comércio municipal e regional. Nossa intenção é que ele possa se colocar no espaço acadêmico de produção do conhecimento no auxílio a outros pesquisadores na produção de novos trabalhos.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. Capítulos da história colonial. 2009.

ABREU, Capistrano de: **Capítulos da história colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília. Ed. da Uni. Brasília, 1963.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, A. de. **O tropeirismo e a feira de Sorocaba**. Sorocaba: Luzes, 1968. 228p.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. 2ª Ed. João Pessoa, Editora Universitária/UFPA, 1978.

ANDRADE, Manoel Correia de: **A terra e o homem no nordeste**. 4. ed. São Paulo: Livraria Ed. Ciências Humanas. 1980.

ARANHA, Gervásio Batista. **Campina Grande no espaço econômico regional: estradas de ferro, tropeiros e empório comercial algodoeiro (1907-1957)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB, Mineo, 1991.

ARRAES, Esdras. Rio dos currais: paisagem material e rede urbana do rio São Francisco nas capitâncias da Bahia e Pernambuco. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 21, n. 2, p. 47-77, 2013.

BARBOSA, A. D. A. **Pecuarização no Agreste da Paraíba**. Recife: FUNDAJ, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro. Ed, Forense Universitária, 2008.

CUNHA, João Rolim. **São José de Piranhas: apontamentos para sua História**. Ed: A união. João Pessoa. 1999.

DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Pecuária e formação do mercado interno no Brasil-colônia. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2013.

DA SILVA, Marcelo Corrêa; BOAVENTURA, Vanda Maria; FIORAVANTI, Maria Clorinda Soares. **História do povoamento bovino no Brasil Central**. 2012.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no nordeste. 2008.

DE ARAÚJO, Tania Bacelar; DOS SANTOS, Valdeci Monteiro. Desigualdades regionais e nordeste em formação econômica do Brasil. 2009.

DE ASSIS, Raimundo Jucier Sousa; SAMPAIO, José Levi Furtado. **Formação Territorial do Ceará: dos caminhos antigos aos Projetos Ferroviários (1817-1877)**-DOI 10.5216/bgg.v32i2. 21082. Boletim Goiano de Geografia, v. 32, n. 2, p. 139-157, 2012.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Uma breve história do Brasil**. Planeta, 2010.

CARPEGEANI, Cleuza Barbosa de Freitas; REZENDE FILHO, Cyro de Barros. **Caminho das Tropas: A Importância da preservação histórica e cultural como meio de preservação ambiental no Vale do Paraíba**. Revista Ciências Humanas, v. 2, n. 1, 2009.

DO LAGO, ARTICULAÇÃO SINDICAL DA BORDA; SOBRADINHO–ASS, D. E. Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável. 2008.

FAUSTO, Boris. **história do Brasil**. Edusp, 1994.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838.

FREITAS, Ana Paula Nunes de. **Os tropeiros da Borborema: símbolo fundacional da cidade de Campina Grande-PB (1790-1982)**. Cajazeiras 2013.

GOULART, José Alípio. **Tropas e tropeiros na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1961.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular**. Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação 1.1 (2011).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas SP. Ed. 4. Unicamp, 1996.

LIMA, Messias Ferreira de, **São José de Piranhas: um pouco de sua história**, Cajazeiras: Editora Real, 2010.

\_\_\_\_\_. **São José de Piranhas: um pouco de sua história**. 2 ed. Cajazeiras: Editora Real, 2011.

LINHARES, Maria Yedda. Leite. A pecuária e a produção de alimentos na colônia. In: SZMRECSÁYI, Tamás. (Org). **História econômica do período colonial**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MEIHY, José Carlos. **Sobre bom, História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOTTA, Márcia Maria Menendes; GERAIS, PLACA-DADOS. A CASA DA TORRE: LATIFUNDIO E EMBLEMA DO FEUDALISMO.

OLIVEIRA, Pedro Lins de. **São José de Piranhas um resumo de sua história**. João Pessoa: A União, 1992. Periódicos. unitau. br/ojs-2.2/index.php/humanas/article/download/571/534.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

REIS, José Carlos. Capistrano de Abreu (1907): O surgimento de um povo novo: o povo brasileiro. **Revista de História**, n. 138, p. 63-82, 1998.

RUFFATO, L. Rotas do Vale: memórias do comércio do Vale do Paraíba / pesquisa e iconografia. Museu.

SANTOS, Dellanny Lucena da Silva. **Produção Têxtil em São Bento: impactos da importação de artigos para o complexo têxtil no século XXI**. Cajazeiras; 2012.

SCHLESINGER, Sergio. **O gado bovino no Brasil**. Rio de Janeiro: FASE, 2010.

SILVA, Herbert Evangelista da, LIMA SILVA, Maria Erismar da, LIMA, Messias Ferreira de. **Projeto: os tropeiros em São José de Piranhas – PB**. Ed. Gráfica Pontual, São José de Piranhas – PB, 2004.

SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: políticas públicas e transição paradigmática**. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 38, n. 3, jul./set. 2007.

TARGINO, Ivan; MOREIRA, Emilia. **Capítulos de geografia agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. A trajetória da pecuária bovina brasileira. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 36, p. 26-38, 2015.

VIEIRA, José Marconi Gomes. **São José de Piranhas: conselheiros, intendentos e prefeitos 1889-1945**. João Pessoa: A União. 2010.



[www.cnpa.embrapa.br/produtos/algodao/publicacoes/trabalhos\\_cba4/426.pdf](http://www.cnpa.embrapa.br/produtos/algodao/publicacoes/trabalhos_cba4/426.pdf)> Acesso em 11/03/2017 as 17hs:20min.

## APÊNDICES

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE ROTAS DE LUTA E DE COMÉRCIO NO ALTO SERTÃO: “EXPERIÊNCIAS DOS TROPEIROS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB (1940-1950)”, coordenado pela professora Silvana Vieira de Sousa, vinculada ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Curso de História. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo analisar a importância social dos tropeiros, suas experiências e suas práticas enquanto trabalhadores na atividade de tropeiro na cidade de São José de Piranhas entre as décadas de 1940 a 1950. A mesma pretende fazer por meio de entrevista de análise qualitativa e história de vida, um levantamento sobre a atividade tropeira no município piranhense no período focado, averiguando como esses trabalhadores contribuíram para o crescimento econômico local, através da comercialização de seus produtos feita a partir das rotas comerciais, passando então a construir uma nova narrativa sobre o trabalho destes e constituindo também como contribuição na construção da historiografia local.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: Realização de gravação de entrevistas sobre suas práticas e experiências com ex-tropeiros residentes no município.

Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos e decorrentes de possíveis desconfortos durante as sessões de gravações. Riscos estes que podem ser minimizados ao elaboramos em conjunto as condições menos adversas para realização das gravações. Sua participação é importante já que suas narrativas se constituem como caminho e possibilidade de registro para o campo da historiografia e história da participação dos tropeiros e suas formas de comercialização no município de São José de Piranhas- PB. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver 93

algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UFCG/CFP/UACS/CURSO DE HISTÓRIA

Endereço: RUA IRMA FERNANDA Nº 91

Telefone: (83) 998897762

Email:svs\_sil@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

São José de Piranhas-PB \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2017

---

Assinatura ou impressão datiloscópica do  
voluntário ou responsável legal

---

SILVANA VIEIRA DE SOUSA

## ENTREVISTA 01

Eu - Boa tarde.

- Eu me chamo Noeme Tomaz da Silva. Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em Historia pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia dois do dois de mil e quatorze. Estou aqui na residência do senhor Severino Ferreira Dias ex-tropeiro, localizada a Rua: Firmino Faustino, Nº21, na cidade de São José de Piranhas para entrevista-lo em virtude da pesquisa.

Ele- *Boa tarde.*

Eu- Gostaria de saber se o senhor me concede essa entrevista. E se através desta o poderíamos conversar mais um pouco sobre a sua vida enquanto tropeiro?

Ele- *explica minha profissão como prefeito?*

Eu- Não como tropeiro?

Ele - *Sim,( sorriu um pouco). Há tropeiro.*

- *essa minha ousa ta danada.*

Eu- E assim mesmo.

Eu- Eu gostaria que o senhor me falasse um pouco para mim da sua vida como tropeiro?

Ele- *A minha luta foi o seguinte: trabalhei aqui nessa região do ciara comprano rapadura e vendenu aqui. Bem , trabalhei uns tempo na ribeira de Diamante pra cula(gesticulando com a mão), comprano arroz e vendeno aqui. La era uma região muito boa de arroz.*

- *trabalhei caregano algodão pra essas maquina do finado Antoin Gome (Antonio Gomes, comerciante, homem de posses. Já falecido). E mais sivicinhos simpli.*

Ele- *Deixa eu ver um negocio de um carro.*

Ele- *Eu me lembro aqui uma viagem de um carro que eu fazia.*

( pausa de um minuto)

Eu - Certo.

Ele - *Teve um tempo que eu pegava um carro aqui e carregava aqui em busca de Conceição. Agora eu to esquicido la onde era que eu colocava essa carro e de la pra ca trazia otu material. Era um tempo ai.*

(pausa de dois minutos)

Ele - *Sim andei comprano farrina na Serra de Monte Horebe, Serra do Capin pó rali. Comprano farrria e vendeno em busca do Pianco. Foi mais ou meno essa luta.*

Eu - Desses produtos que o senhor falou agora, como era a comercialização desses produtos? Quais eram os produtos trazidos desses trajetos, ou seja, que o senhor trazia na volta das viagens?

Ele - *Aconticia que trazia, mais nera todas viagem não. Pó lado de Pianco nunca trazia nada não. Só levava.*

Eu- Como eram as rotas das viagens a ida e a volta?

Ele- você diz ooo, por inxemplo umas viagem que eu dei em Serra Talhada. Você diz o prauzo de i e volta? E?

Eu - E sim.

Ele - *Era uma media de três dia. O caba saia daqui, durmia la perto, no outo dia carregava e voltava pra casa.*

- *Porque la eu comprei.*

- *Foi um ano não foi muito tempo não.*

- *teve um tempo que teve umr milho pro lado do Pernambuco e aqui foi muito escasso. Intão agente ia comprav milho la em Serra Talhada e trazia pra cá.*

Eu - O trajeto dessas viagens era um trajeto tranquilo?

Ele - *Era. Agente sempe ia três cumpanheiro, pra pude te um jeito de buta uma caiga e tira. Ne.*

- *três cumpaeiro, aquilo agente ia de peas voltava, mais era tudo caba novo que num se incomodava cum nada. Então aquilo sevia de graça. A luta ninguém istraniava não.*

Eu- Existia algum tipo de meio de transporte, ou seja, algum animal que auxiliava vocês nas viagens?

Ele- *Olhe, não, eu só andava montado. Quando ia sem carregamento viajava montado num dos burros , na cangaia. Quando carregava era de peas por enxempo essa viagem do Pernambuco, eu, agente ia e não levava nada. Agente ia montado numa cangaia. La carregava de milho e voltava de peas.*

Eu- Senhor Severino, quem eram os tropeiros?

Ele - *Bem Severino que sou eu, Jonas Ponciano, Chico Bezerra.*

- *era os três compaiero que sempre agente trabalhava junto.*

Eu- No caso vocês eram um grupo de amigos ou pertenciam a mesma família?

Ele- *Eram amigos, parentes.*

Eu- como a sua família via o seu trabalho como tropeiro?

Ele- *bem vou falar sobre o meu pai, que era quem dizia: Severino faça as viagem.Ele explicava. Ele era satisfeito com a minha luta, graças a Deus.*

Eu- E a esposa do senhor, os filhos como eles viam o trabalho do senhor?

Ele- *Com o tempo. Depois que eu me casei essa luta que se que eu num fiz mais não. Foi quando solteiro comecei assim com idade de 15 ano ate 20 por ai assim 21, 22 por ai assim. Ai foi o período que eu trabalhei muito nessas coisas.*

(pausa de dois minutos)

Eu- Como o senhor vê o trabalho dos tropeiros, ou seja, como o senhor vê a atuação desse trabalho para o crescimento da cidade?

Ele - *Bem agente precisava de lutar pela vida. E isso era uma coisa que dizia, tal pronto, por insempro a rapadura no Carriri e barato. Dava para agente compra la e trazer praqui. Era isso que a gente aspirava. Comprava. Levava quatro burro. Carregava de rapadura. Chega aqui de precinha vendia no cumecio. Então aquilo dava um lucro.*

Eu- Como era o comércio aqui na época? Esse era vasto ou pequeno?

Ele- *Era pequeno. São Zé de Piranha vei aumnetta de um tempo desse pra cá. Então creceu um pouco, mas nesse tempo era pequeno.*

- *Aqui tinha uns quatro comerciante, três ou quatro que agente chagava e dava negocio Antoi Gome Babosa ( Antonio Gomes Barbosa) era um. Joaquin Ribeiro outo e tinha mais ai um ou dois.*

Eu- Esse quatro comércio eram os únicos que tinham na cidade? Eles abasteciam toda a população?

Ele- *Era. Bom tinha outos mais. Mais era poucos. E outa os homem que tina diero era eles: Antoi Gome Barbosa.*

- *como e o oto que eu disse nestante?*

- *Sim e Joaquin Ribeiro. – tinha um veio Tuldulino Cavacante ( Antonio Teldolino Cavalcante). O comecio dele era piqueno, mais o que ele pricizasse de resolver ele tinha diero.*

*Tuldulino Cavalcante.*

- *desses Cavalcante que tem ai.*

Ele - *Bom e isso.*

Eu - *Pois senhor Severino Muito obrigada pelas informações que o senhor me deu.*

Ele - *Por nada e prisizano eu to aqui.*

- *Seja filiz.*

Eu - *Amém.*

## ENTREVISTA 02

Eu - Boa tarde!

- Eu me chamo Noeme Tomaz da Silva. Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia dois do cinco de dois mil e doze. Estou aqui na residência do senhor Severino Ferreira Dias ex-tropeiro, localizada a Rua: Firmino Faustino, Nº21, na cidade de São José de Piranhas para entrevista-lo em virtude da pesquisa.

Eu - O senhor me concede essa entrevista?

Ele - *Boa tarde.*

Ele - *sim, concedo.*

Eu - Bom! Gostaria que hoje o senhor falasse para mim um pouco sobre a sua vida como tropeiro?

Ele - *Olhe minha vida como tropeiro foi o seguinte. Trabalhei aqui nessa região do Ceará comprando rapadura e vendendo aqui, trabalhei uns tempos na ribeiras de Diamante ( pra cula) comprando arroz arabi e vendendo aqui, que la era uma região muito boa de arroz, trabalhei quando havia algodão carregando para essa maquina do finado Antônio Gomes, mais uns servicinhos sim ( ele deu uma pausa de mais ou menos 30 segundos fala). Bom! Teve um negoso de um carro. Deixa eu ver se me lembro aqui de uma viagem de um carro que eu fiz a um tempo( ele deu uma pausa de mais 25 segundos na sua fala)... Teve um tempo que eu comprava o pegava uma caera e levava um material em um carro para a cidade de Conceição. So não me lembro lá onde era que eu deixava esse carro. Teve um tempo ai( deu mais uma pausa na fala de uns 25 segundos). Sim. andei comprando farinha na serra de Monte Horebe Serra do Capim por ali comprando farinha e vendendo em busca do Pianco. Foi mais omeno essa a luta.*

Eu - Seu Severino esses produtos que o senhor falou agora pra mim. Como era feita essa comercialização? Quais eram os produtos que eram trazidos dessas viagens para serem comercializadas no município?

Ele – *vender.*

- *Diga ai para eu entender.*

Eu - Como era essa comercialização e quando o senhor levava esses produtos, por exemplo, a farinha que o senhor comercializava em outro local. Quando o senhor chegava lá o senhor trazia outras mercadorias para serem revendidas aqui?

Ele - *Acontecia mais não era toda viagem não, lá pro lado do Pianco eu nunca trazia nada não. Eu só levava (tosiu).*

Eu - Seu Severino, como era a rota das viagens (a ida e a volta)? O que acontecia nesse percurso?



Ele - *Você diz u, u, por insempro umas viagens que eu dei em Serra Talhada. Você diz o prazo de ir e voltar e?*

Eu - E sim.

Ele - *Era uma media de três dias. O cara saia daqui durmia lá perto no outo dia carregava e voltar pra cá. Porque lá eu comprei. Teve um ano, não foi muito tempo.*

- *Teve um ano que teve um milho pros brejos de Pernambuco e aqui foi muito escasso. E agente ia comprava milho lá em Serra Talhada e trazia pra cá.( ele deu uma pausa na fala de 20 segundos).*

Eu - Como era o trajeto das viagens?

Ele - *Agente era três companheiro, que era pra pude te o jeito de buta a carga e tira . três companheiro aquilo era tranquilo. Agente ia, ia de peas mesmo voltava mais era tudo caba novo que num se incomodava cum nada. Então aquilo servia de graça e a aquela luta ninguém estraiava não.*

Eu- Algum tipo de animal que servia como auxiliar nessas viagens?

Ele - *Animal como?*

Eu - Algum tipo de animal que servia como instrumento de ajuda, por exemplo como o jumento que era muito usado antigamente para bota as cargas para viajar.

Ele- *Eu sempre andava montado, por exemplo: a viagem para Pernambuco, que nois botava a carga no animal e voltava a pé.*

(pausa de uns 15 segundos)

Eu - Seu Severino, quem eram os tropeiros?

Ele - *Bem, eu, Severino, Jonas Ponciano e Chico Bezerra, éramos os três companheiros, agente sempre trabalhava junto.*

Eu - No caso vocês eram amigos ou pertenciam a mesma família?

Ele - *Era amigo, parente.*

Eu - Como a sua família via o seu trabalho.

Ele- *Bem vou falar do meu pai que era quem falava: - olhe Severino faça a que aja, ele explicava (não foi possível entender o que ele falou)... Ele era satisfeito com a minha luta, graças a Deus.*

Eu - E o restante da família, esposa filhos como eles viam o trabalho do senhor?

Ele - *Bem, quando eu me casei essa luta quase não fiz mais. Era mais quando era solteiro, comecei com a idade de 15 anos ate 20 por ai assim, 21 por ai. Foi o período que trabalhei muito nessas coisas*

(pausa de 20 segundos)

O portão bateu.

Eu - Seu Severino o senhor considera o trabalho dos tropeiros. Como o senhor vê o trabalho dos tropeiros para o crescimento da cidade?

Ele - *Que dizê, o que eu considerava desse trabalho?*

Eu- E.

Ele - *Bom! Aquilo e o seguinte, agente lutava pela vida e isso era uma coisa que dizia, bom pronto por exemplo a rapadura que no carrai era barato da par comprar la trazer . Era isso que aspirava. Levava quatro burros carregava de rapadura chegava aqui de precinha vendia no cumercio. Então aquilo dava um lucro.*

Eu - O comércio daqui da cidade de São José de Piranhas na época que o senhor atuou como tropeiro era vasto? Era um comercio grande ou pequeno?

Ele - *Era. São José de Piranhas era veio aumentar agora de uns 10 anos para cá. Cresceu um pouco. Mas aqui era pequeno. Aqui tinha uns quatro comerciantes que agente chagava e dava comercio. Joaquim Ribeiro, Antoni Gome Barbosa (Antonio Gomes Barbosa) mais uns dois.*

Eu - Só existiam quatro comerciantes na cidade eles abasteciam a população?

Ele - *Bom! Não, tinha outros. Mais era poucos, outra, os home que tinham dinheiro para fazer negócios. Antomio Gomes Barbosa.*

- *Como e o nome que eu disse indagora?*

*E Joaquim Ribeiro, Tildulino Cavalcante (Teldolino Cavalcante). Era um cumecio piqueno. Mas era um veio que tinha dinheiro. O que ele pricizace de resolver ele tinha dinheiro. Desses Cavacante ai (família muito conceituada na cidade. Donos de grandes poses).*

Eu - Ainda ouvimos falar muito neles.

Eu - Só uma duvida seu Severino! Naquela época aqui em nossa cidade só existia esses comerciantes não vinha outros produtos de fora para serem comercializados aqui, no caso quem trazia esses produtos eram os tropeiros ou tinha algum outro meio de comercialização?

Ele - *Não, quando agente meu pai foi machante.*

-*Machante você sabe o que e. Ne?*

Eu- sei.

Ele - *E gostava de um negocinho de gado. E aqui e aquila agente comprava um moinho de gado, garote e vendia cum dois méis com três conforme como fosse o jeito do tempo. Agente tinha essa luta também. Eu mas ele. Quando eu ara solteiro. Aquele período que eu lhe disse de 15 anos ate 20 ou 21, 22 por ai assim. Porque a partir de 21 ano eu tive outa luta. – Eu não sei se você sabe. Eu fui convocado pra o exercito no tempo da sigunda guerra mindial (Segunda Guerra Mundial). (pausa na fala de alguns segundos). Fui convocadu em outubro de 44 e fiquei la ate dezemdro de 45.*

Eu- Um bom tempo?

Ele - *Um, ano e dois méis por ai assim.*

Eu- ai o senhor abandonou a vida de tropeiro?

Ele - *É. Ai foi convocado era o tempo da Segunda Guerra (Segunda Guerra Mundial) e tinha que comparecer. Mas teve outros que não se apresentaram, mas não sei, eu acho que aquilo não foi certo. Eu acho certo e o camarada ir. Porque era uma coisa que o país precisava.*

- *Ai quando eu voltei. Ai eu mudei a luta eu resolvi a casa e fui trabalhar na agricultura e fazer um negócio comprar um garrote, uma coisa e tal. Mudei negócio de luta de tropeiro depois que eu casei eu não fiz mais.*

(pausa na fala)

Eu- Encerro por aqui a minha entrevista.

- Obrigado, Seu Severino por todas as informações que o senhor me cedeu.

Ele - *por nada e precisando estou aqui. Qualquer coisa aqui pode perguntar o que eu souber eu respondo.*

### ENTREVISTA 03

Eu - Boa tarde.

- Eu me chamo Noeme Tomaz da Silva. Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia dois do três de dois mil e quatorze, na residência do senhor Silvino Fernandes, localizada a Rua: Antônio Ferreirao S/N, Bairro: Alto da Boa Vista, na cidade de São José de Piranhas, para entrevistá-lo em virtude desta pesquisa .

Eu - Senhor Silvino Fernandes, o senhor me concede essa entrevista?

El- *Sim, pode perguntar o que você quiser.*

Eu - Gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre a sua vida enquanto trabalhador na atividade de tropeiro?

Ele - *Bom, trabalhar na atividade de tropeiro era carregar algodão. Carregar todo tipo de mercadoria. Carregava tudo em costa de burro. Era algodão. Era seriais. Era tudo. Tudo era a gente tudo. Passava de seca a inverno trabalhando só com isso. Na época da safra de algodão. Era carregando algodão. E quando não era na época de inverno era seriais, era milho, era feijão, tudo. Mercadoria aqui por perto. De todo canto agente carregava.*

Eu - Como eram essas viagens? Como eram os trajetos dessas viagens?

Ele - *Era pra Cajazeiras, pra Itaporanga, pó Barro, Bonito de Santa Fé. Isso aqui nos rodava tudo (gesticulando com a mão).*

Eu - Que tipo de mercadoria eram mais requisitadas pela população da época?

Ele - *Era tudo, naquela época não tinha carro ai mercadoria, comerciante. Todo tipo de mercadoria. Era açúcar, arroz, toda mercadoria nois carregava im burros. Meu pai ia buscar sal em Mossoró im burro. Saia daqui pa Mossoró.*

Eu - Como era a relação familiar do senhor naquela época?

Ele - *Era aquela vida. Um dia agente tava em casa, passava a semana no mundo, chegava final de semana. Chegara em casa no dia que dava certo ( risos).*

Eu - então não existia um convívio familiar muito presente?

Ele - *Presente, não porque agente só vivia no mundo.*

Eu - Senhor Silvino Fernandes, como eram as estradas, ou seja, eram perigosas ou tranquilas?

Ele - *Era calmas. Pode ta onde tivesse. Era tudo calma, num tinha nada. Ninguém tinha medo de nada e num extia o que exista hoje não.*

Eu- Naquele tempo existiam saqueadores?

Ele - *Nada, nem ouvia falar nisso não. Você ia pa todo canto. Durmia nas estradas. Deitava dibaixo de arvere de pau tudo no mundo. Naquele tempo não tinha nada. Ninguém ouvia falar*

Ele- *Eu trabalhei também em caminhão, na roça.*

Eu- Então o senhor não trabalhou só como tropeiro?

Ele - *Não. Isso acabou há muitos anos. Depois de tropeiro eu fui para roça, caminhão e depois em ônibus.*

Eu- Senhor Silvino, na opinião do senhor o desaparecimento dos tropeiros na região teria se dado em virtude do surgimento dos caminhões? Já que são considerados meios de transporte mais eficazes?

Ele - *Foi, porque quem e que vai deixar de ir buscar um negocio de caminhão que e mais rápido para ir buscar de burro (risos). Foi quem acabou com tudo foi o carro. Tropeiro acabou-se desde aquele tempo. O ultimo ano que eu andei de tropeiro foi em 65-66. Foi o ultimo ano que eu trabalhei de tropeiro. Ai começou a existir já carro tudo ai foi ficando mais difícil. Ai acabou-se com o algodão. Ai acabou-se o tropeiro. Porque naquele tempo nois trabalhara. Se não tivesse existido isso os tropeiros ainda existia. Ooi antes você ia daqui pa São Paulo num levava de oito a dez dias para chegar , durminu nas estrada e hoje você sai em quarenta e oito horas você num oinbus você ta lá. E hoje o povo já não que nem ônibus já que e avião que dentro de três - quatro horas ta la.*

Eu- Senhor Silvino como o senhor vê a atividade tropeira para o crescimento da cidade?

Ele - *Sim, porque naquele tempo não tinha outra coisa a num se tropeiro . Os tropeiro era quem fazia tudo. Tinha muitos aqui. Hoje num tem mais nem um. Naquele tempo aqui pai lutava com oito dez home trabalhano de tropeiro. Pai teve tempo de te cinquenta e cinco burro pa trabalha . A vida era no mundo. Hoje você não vê nem o povo andando montado que ninguém que mais.*

Eu- Na época que o senhor trabalhava na atividade de tropeiro quem traziam todas as mercadorias comercializadas dentro do município eram os tropeiros?

Ele- *Por aqui tudo era tropeiro. Carro era difícil. Um carro i pa Campina Grande pa vim pa qui, Cajazeira essa região por aqui tudim era em costa de burro (gesticulando com a mão).*

Eu- Senhor Silvino, muito obrigado pela sua atenção e colaboração.

Ele- *Por nada e precisando pode vim, que se eu souber eu respondu.*

## ENTREVISTA 04

Eu - Boa tarde.

- Eu me chamo Noeme Tomaz da Silva. Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia primeiro do seis de dois mil e quatorze, estou aqui na residência do senhor Silvino Fernandes, localizada a Rua: Antônio Ferreirao, S/N, Bairro Alto da Boa Vista, na cidade de São José de Piranhas, para entrevista-lo em virtude desta pesquisa.

Ele - *Boa Trade.*

Eu- Senhor Silvino gostaria de saber se senhor tem mais alguma informação a respeito do período em que o senhor trabalhou na atividade de tropeiro?

Ele - *Nesse tempo aqui em frente aqui (se referindo a rua onde mora,mas precisamente a frente da casa que foi de seus pais a qual ate hoje ele reside) era tudo cheio de cagalha de burro. Tudo isso aqui por traz era todo canto aqui. Só pai tinha cinquenta e cinco burros. Fora os que vira de fora. O pessoal de fora trabalhara, quando vira era tudo pra qui. Isso aqui por todo canto onde você andara aqui era de aminimal, chei de cangaia.*

Eu- Senhor Silvino, isso era por volta de que ano?

Ele- *Aaa. Isso e. Eu nasci em 49 e fazia tempo que pai já michia com isso. Pai passou muitos anos. Ai e que depois e que foi se acabando, foi se acabano negoso de burro e de animal. E começo a aparece carro e já foi se acabando o algodão. Ai pronto acabo o algodão. Ai acabo com o que foi de animal. Aquilo ali nos começava carrega uma safra de algodão as veis dara Janero, Fererero e agente ainda tara carregano algodão ainda. Isso aqui nois ia muito pó Bunito (Cidade: Bonito de Santa Fé) carregara mercadoria daqui pó Bunito. Lerara mercadoria pa queles comersu tudim. Era açúca essas coira tudim e im burro, num tina carro. Nois ia pó Bunito nois chega ai perto do Bunito nos Perero ( Sitio Pereiros) nos cansara de para naquela ponte que tinha lá que não dara pa passa e espara o rio seca pa passar. Pois e. Era tudo desse jeito. Ai depois foi começando a aparecer caminhão essa coisas e foi acabando com tudo. Ai eu deixe de trabalha de tropeiro e fui trabalhara na roça. Trabalhei muito tempo e depois pa caminhão, depois pa ônibus. Nois sofria muito naquele tempo ainda. As viagem muito longas*

(pausa de dois minutos)

*Tabém por aqui se fo pa você anda atras de quem trabalho de tropero ainda tem Moaci Manguera ( Moacir Mangueira). Antoi de Nanzinha (Antonio de Nanzinha) que ando um bucado de tempo de tropero. Por aqui só tina eles dois mermo tem mair ninguém não. O restu já moreru. Daqui de cãs ainda tem um bucado porque tem Chico, (Francisco Fernandes)*

*mora no Barú ando muito também. Zé Fernande, (José Fernandes) mora em João Pessoa. Muleque, (...) mora em Natal no Rio Grande do Nortí (Rio Grande do Norte) trabalho muito tempo. Aqui de casa só quem nunca quis tange burro daqui foi Boscu, (Bosco Fernandes). Nunca quis. Arente tinha era raiva de lera ele. Era caba mole de mais só saia pa faze raiva.num sirvia pa nada não. Boscu anadara daqui pa vazante montado num jumento. Os dedo era tudo arrancado os pedaço dele arasta no chão. Ele dorminu em cima do burro. Nois ia pos canto ninguém queria lera ele porque só fazia raiva. Mair foi o único que estudo. Eu deixei de estuda pa se tropero. Quiria nem vê escola ( sorriu um pouco). Agente fazia e achara era bom. Sofra muito, mas achava bom. Era muita gente.*

Eu - Uma viagem para Mossoró levava em media quantos dias?

Ele - *Eu nunca fiz não. Pai foi muitar vês. Pai era quem andara. Lerava muitos dia.era mais perto. Ai ia pa Sousa, Mossoró. Tudo ai por dento. O caba ia daqui pa Crazeira era o dia todim. Saia cedo pa chega de tardizinha im cima de um burro. Ainda durmia no camim pa chega no oto dia. Imagian pa Mossoró. Quando começo a chega o carro demorava uma semana pa chega em Campina Grande. Poque era istrada de terra, igual os do sitio. E o pio era os camim no tempo do invernu. Mair era divertido no tempo que noir era tropero. Você ia uma viage era uma faxa de oito a dez tropero atrás um do oto. Era um monte de cabeça atrás um do oto. Era muita gente*

*Pronto ali onde tão ajeitano os prédio de Jame (James Dias), ali onde era a Casa das Balas ali.Ali onde e a funerária. Por ali era tudo chei de burro de seu Antoi Gome ( Antonio Gomes). Compara o algodão e descaregara ali. Ali era chei de burro quando chegara pa descarega algodão . Aqueles paito ali era tudo chei, ali pelo Hotel era por todo canto era chei de burro. Ali na Rua da Igreja pa casa de seu Antoi Gome ( Antonio Gomes), ali onde e a funerária pa sai pelo correio num tina casa não. Era tudo mata fechada. Isso aqui era tudo chei de coisa por dento desses tabulero, dento das casas aqui era chei de cangaia veia apor todo canto ( deu uma gargalhada). Por ali, por onde Nina mora era um açudim. Abaixo da casa de Nina. Aqui de primero so tinha essa rua. Era a rua dos Numerado. So tinha nego. Só morava noir de branco (deu uma gargalhada).Noir fomo criado tudo no mei deles aqui. E era tudo os Numerado. Ali mermo no mei daquele beco era a casa do pai de seu Bem, ai tinha a casa de Zé Alejado que e ali aonde e, ai tinha a casa de da mãe de Zidina de seu João Numerado de Dedia. Aquela casa que Damiana morava era da mãe de João avó de Dedia. De branco so tina nois. Ai aqui encostado onde e casa dar minina de dona Maria era a casa de seu Mariano. Daqui ate chega na cancela do açude so tinha essa rua. Mermo ali no fim onde tem aquelas casa pa i po camin do céu ( Caminho do Céu, um Bar ), aquelas casinhas*

*no beiso do açude era as utima que tinha . Pra la não tinha nada, so tinha nois aqui. Era essa rua sozina aqui. Ali mermo encostado a tua casa ali era uma cerca veia de arame tina um mata burro ali. Tina um mata burro ali de frente a casa de vocês. Ali era cercado. Em frente a casa de vocês ali, oto onde era a despoadera de Ze Moca, oto ali onde era Ze Cezaro ( Zé Cezario),ali mermo no começo da avaimida tinha um mata burro, ali im Joselia, onde era casa de Joselia era tudo cercado. Era tudo cercado. Era uma roça a cidade (sorriu um pouco). Quase não morava gente era bem poquim. Isso aqui onde tem essas casa onde e esse muro de Ze Ribama era um cantero. Nois jogava bola ai. Essa rua foi seno construída de 68 pra ca. Naquele tempo você vinha pa cidade chegava nesse acero de rua, era cheio de caralo. Todo mundo era montado num tina esse negoso não. Você vinna pa cidade era tudo montado. Na cadea quando entrara preso, quando vira dali daquele beco do hotel, quem viesse ail preso. So via gente correno atrás pa olha ( sorriu um pouco). O caba via tudo que aconticia na rua todina.*

Eu- A cadeia Publica sempre foi ali?

*Ele - Foi, ai depois fizeram o grupo. Ai quando fizeram o grupo, ai se já num via mair nada da rua. Esse grupo era pra ser assim (a frente do colégio deveria ter a frente para a rua onde fica a cadeia), mair ai fizeram assim (a frente da escola ficou na rua contraria) Essa casa aqui se fosse feita assim ficava foi feita por cardo do grupo. Aqui eu já vo fazer sessenta e cinco anos e já nasci aqui. (uma moto buzinou). Já faz 75 anos que nois morra nessa casa. Oi! Mãe teve quato fi la no situ Antoia, Maria, Francisu e Ana, são os quato mais vei já Jose ela ganio nenê ali abaxo da casa de Janete. Ali tina um Pe de oiticica bem grandi ali. Mãe moro la. Ai quando tava grávida de Muleque se mudo pa ca pa essa casa. faiz tempu que Mulequi já tem 74 anu. Oi! quandu nois viemo pra qui em 29 de Agosto de 40. Oi! Ai nessa rua aqui naquele tempo tinna o clubi. Ali ur morenu num entrara ali não. Naquele tempo chamara “ur nego”. Ur nego num entrara la não. Ali onde e casa de Ontoim de Arodo (Antonio de Arodo), ali naqueler preido de Indinaldu Gome ( Idinaldo Gomes) ali era uma iscola. O clubi dor nego era ali. Ai nem ur nego entrara no clube dur branco e nem ur branco entrara no clubi dur nego. Oi! So quem entrara de branco no clubi dur nego era ur mininu aqui de casa. Eu num ia não. Valti de Maria Eulais ( Maria Eulaila), irmão de Valdira entrara la e Indiandu. Um dia João Mininu era subrim de Ontoni Gome entro la dizeno que la era do ti dele. Mar lero foi pea in rojão la dento. Foi mei mundo de genti presa. Iam dexanu ele cego de tanta pea (deu uma gargalhada). Era o avô de Nubia ali. Oi! ur branco que fosse pa la ia pa pea do mermo jeito era la no oto . Naquele tempo tina uma rivalidade com o Bastião (Bairro São Sebastião) e cum o povo da rua. Logo ali nu cumeso da rua tina um cancela e um mataburro.*



*Ur que pasase pu lado de ca ia pa peã e ur que pasase pó lado de la apaniava também.( deu uma gargalhada). E quem diabo ia daqui pa atrevesa o mataburro do Bastião ( deu uma gargalhada). Ali, onde e a casa de Ze de Neta tina um açudim. Era onde o povo daqui larara ropa. Ali, pur ditrair du muro da casa di Nena tina oto açudim.Naquele tempo os carro que cumeso a isisti foi o jipe. Quem tina um era se Ze Sobrera vei que crio Carmosa tina um jipi e Raimundo Tumais vó do finado Tozim tina oto. Tozim pai de Sualdo. Pa i pa Carazera era uma veis na vida.*

Eu- Mesmo quando surgiram os primeiros carros os tropeiros ainda continuaram na atividade?  
 Ele - *Continuo, continuo duro um bucado di tempu. Continuo foi tempu. Naquele tempu era pocu. Ai, vei acaba mair us tropero quando acabo o algudão. Que ai num tina mais. O povo num ia busca algudão nor mato não, e num tina carro pa i busca não.Era tudo im burru. E puque naquele tempo um camião carragara de algudão pa i pa Carazera( Cajazeiras), quando num ia num burro era o dia todim, num canmião daqui pa Crazera.( sorriu). Ai, depois ai cumeço a praça ali. Ai, Arnaudu tina uma Rural, ai já cumeço, depois di jipe, ai lai vem a Combi, ai a C10. Ai, naquele tempo ce ia daqui pa Carazera ce tina, se fosse amaniam pa Carazera ce tina que i na casa dele hoje, tina cum doir dia três que marca o dia pa pude i pa Carazera. Se ce fosse pa i nu dia ce num tina carro pa i não e ia daqui di maniam e so vortara de noite, de tardizina ( deu uma gargalhada). Ai, hoje o povo vai ali de pe inda acha que e rim. Tinha uma vantaigi naqueli tempu ce anadara a vontade podia para onde quisesse, durmi onde quisesse, que num tina o que tem hoije não Oi! Eu cumecei a anda cum canmião pa São Paulu ( São Paulo) nu canmião tu num pensava nem in nace. Foi em 1970. Que eu cumecei a anda pa São Paulo. Sera se faiz tempo (sorriu). Oi! nois ia daqui pa São Paulu Dara o sono nu mei da istrada, nois durmia em todo cantu ,num tina nada. Ninguem via esse negoço de asalto nam.*

(pausa de dois minutos)

Ele - *Mais e coisa rim e você se vê na mão de bandido. Eu fui asaltadu umas quato veis. Teve um asaltu cumigo que mataru uma muie os home. Nus otos quatu eu num tive medo não mais no que maturu a muie eu tive de morre. Eu apaiei igual macaco pa cuince diero ( deu uma gargalhada). O caba cum uma 12 nu teu ovidu esfreganu e o otu toca acabeçã desse cornu, desse ladrão ( sorriu). Ai, o otu disse tire a arama Du ovidu Du motorista. Ai, ela tiro. Ai, quando chegamo dento do mato. Que quando eu vina eles tara no meio do mato. Tina uma barera aqui , ota la na frente e ota la na frente. Quando eu discubri em ciama. Ele já pularu no mei da piata atirano. Ai, eu me deitei dento do onibu. Baxei aqui. eu quiria sabe omi. Ai, passei a sigunda barera e na tecer já sai entranu dentu du matu. La quando eu parei foi*

mermu em cima Du otu infiliz. Quando eu parei que levantei a acabeça o caba já tara cum a 12 in cima de mim. Vagabundo, corno, ladrão, fi duma egua, fi de rapariga tu ta trapaiano o civiso da genti. Agora isso você trabaiano e os caba robano. Ai, quando entraru dentu Du carro disseru. Tem puliça? Ai eu disse : tem não. Era a primera coisa que eles perguntara. Ai, quando eles entraru no carro. Ento cinco e fico. Ai, o caba tiro o cartuxu do revove e jogo dibaxo do meu banco. So foi buto otu cartuxu e cumeço a esfrega nu meu ovidu. Ai, o otu grito la di tais: tem uma muie morenu aqui e o cupadu e esse vagabundu, esse ladrão seveigoim discaradu, esse cornu. Pipoqui a cabeça desse cornu pele aprende trabaia o siviçu du zotu. Ai, eu digo: agora vai foi quan do o otu foi la e volto e disse tira a ispingarada du ovidu du motorista. Puxe o caro. Ai, eu passei da estrada já era di noiti, umas sete hora da noiti. Ai, quando eu passei da istrada o caba laigo a mão no tronco da urea aqui que quis aranca. Cornu, ladrão tu num ta venu a entrada não. Eu disse: omi eu num to venu nada ta escuru e chuvenu. Ai, eu de re o caba pizou im cima du meu pé. Ai, eu sai veno us ponta pé a hora vira o onibu du jeitu que Dara certu e o caba pizadu im cima du meu pé. Ai, entamo pa dentu do mato. Ai, chegamo la dentu do matu, ai fizeru tudo e a muie morenu o sanigui nas perna, na porte. Eles atiraru nela. Quando atiraru pa eu para pego merno na vino, pego mermo nu ovidu dela. Ela moreu la dentu du matu. Ai, entraru e fizeru tudo la dentu. Ai, disseru: vamo imbora qui a muie ta morenu. Ai, quando eles ia saino chego mais dois. E poque aquilo vai um bucado na frente e outus atriz cum o carro, que era pa traze. Ai, já fizeru o rapa tudu. Ai u otu: vamo imbora, vamo imbora que tem uma muie morenu. A qui ta pocu. Borá tira a rpada todumundu ( deu uma gargalhada). Eu digo: agora deu u diabu. Eu cum u pe du ovidu pegano fogu e chuva. Ai, foru imbora. Disseru: se tu tira esse carru daqui vagabundo, nois te damo fim, dqui uma hora se tu sai daí. E eu la dentu du matu. Ai, o carru atolo la dentu du matu. Ai, a muie morenu. Ai, eu digo: rapaiz se essa muie more aqui vão dize que ela moeru pu falta de socorro. Ai, eu fui umr dói quilonto. Ai, levaru meu sapatu. Sim ai, quando eu tara la dento ur dois, um olho e disse: Raí ragabundo me da esse sapato ai buto a 12 aqui. Pois nextante era no ovidu agora noir vamo tora mermo no meio (sorriu um pouco). Ai, eu tirei o sapatu du pe direitu eu tirei logu. Ai, o caba quando cauço, ai laigo a ispingarda aqui. Eu passei foi dia tumanu remediou cum do nas custela da pancada, casquetada quele me deu cum a ispingarada. Ai, a muie morenu. Ai, la vem eu pa piata de pe. Num teve um pasegero que viesse cum migu. Ai, vina um colega cum migu de pasagero. Ai, eu disse vamo cum migu que eu num vos o não. foru imbora. Eu discausu e chuvenu. Eu chegeui na pista todum rasgado, tina uma ceica de arami nu escuro, eu so via as coisa quando o relampu abria. Ai, o caba acabara de cega tudu. Ai, la nu Pernambuco, na Bahia tina um

*pau chamava” farala”, onde ele encosta fica u no bem grande im roce fica a queimadura , dói que so. Eu quis moru de febi no otu dia quandu eu cheguei im casa. Ai, quando eu tara na pista lai vem umar carata. I eu larano chura . la no meio do tempo. Ai, vina umar carreta atrair uma da ota a utima ia me matanu. O caba ando bem pertin de me mata. Eu e Ze Nizeto. Jogo pu cima dois omi na pista numa hora daquela. Ai, lai vina dois carro, o otu paso em Salguero( Salgueiro) e aviso. Ai, a puliça andanu atrair da gente. Ai, nois tara no mei da pista. Ai, cum pocu lai vina dois carro. Como daqui na casa de Chico ai. Ai, abruí as porta ai, pularu no mei da pista. Ai, quando eu vi eu curri pa cima dus carru cum air mão pa cima. Fardado eles viru logu a camiza. Era branca. Ai, quando eles correru. Eu escutei quando um grito: num atire não que e o motorista. Ai, eu escutei quando ele disse se roce de um paço dali pra la noir tina Le matadu. Eu quair digo um bandido roceis num mata. Ai, lês disseru: o carro. Ai, eu disse : ta dentu du matu e la tem uma muie que se num já moreu ela fico la. Ai, vieru duair viatura uma foi pra la e a outa fico no beiso da pista. Ai, nois fomo pra la e quando chegemo no camin a ota já tara atolada. Ai, já foru de peis. E pa tira esse carru la de dentu do matu di noiti o povo impuranu o carru de re dois quilonto ate chagana pista. Ai, quando eles me pagaru e levaru pa la era umar dezenove hora e quando eu fui sai de la era umar duar hora da maihã,vim chga im Salgueru nu otu dia quis dez hora da maihã. Eu passei a noite. Tina umr trinta e tantos passageru dentu du carru. Agora e moleza. Ela vina durminu. Vina cum a neta dela. Ai, quando chego im Cabrobo eu parei pa dece um passageru la, ela vina durminu, ai a neta dela acordo ela. Ela vina coma acadera ariada ai troco. E porque num era pa neta dela eras pa ela. Ai, ela centada na cadera da janela e a neta vina na cadera do corredor. Ai, levantose da cadera e vina centada. Ai, quando o caba atiro foi mermo nu ovidu. Um tiru di doze. Morreu la dentu du matu. Pois eu ainda fui asaltado quatu veis bem pertim. Agora ais quatu veis que eu fui asltadu foi bem pertim uma da ota. E ota veis ali nu Juazeru ( Juazeiro), im Missão Veilha, eu vina du Juazero o canmião vei da maderera carregadu de ferru umar oito hora da noite ur caba me pagaru la. Miar la num fizero nada não. Ai, disseru: essa merda, noir demo uma butada erada, noisr tara isperano otu carru (sorriu). Ai, foru como daqui ali na entada do cimiteru e me dexaru. So me levaru oitenta e dois réu. Agora isso eu tav com quatu mil reais num boso que eu tina levadu da maderera pa paga uma duplicata la nu Juazero. Cheguei la num paguei porque tara vencida so pagara la na firma. Ai, eu tazia esse diero dentu du carru e butei dibaxu du tapeti, quatu moi de mil ( deu uma gargalhada), ai butei de baxu du tapeti. Ai quando eles pizaru im cima. Eu pensei se esses caba levanta issu daqui tapeti (sorriu). Ai eu disse: o diero que eu tenio aqui e esse. Ai, eu tara cum oitenta e oitu raias nu bosu, ai levaru (sorriu). Ai me sortaru. Vai imhora que*

*tara atrair era doto carru. Ai me dexaru como daqui na ladera du cumitero e eu vim me imbora. Di primeru, logo quandu eu cumecei a anda de onibu num tina nada , peois foi que cumesaru a roba. Ali era imoralidade. Oi Noeme! Tina epca deu passa de trinta a quarenta noite sem durmi. Durmia mea hora, uma hora. Ali, era pa mata omi. Na epca normal não era bom. Agente chegara la durmia, passara um dia, mair na epca de fim de ano. Oi! qunado noir chegara epca de São Jão, Setemb Janeru quando era epca normal nois saia daqui de Patus ( Patos) toda noite durmia um im Petrolina e saia nu primeru horaru. Nu primero horaru agente saia de Petrolina dezoito, dizenove hora im du otu dia. Ai tina que um la durminu. Ai u que ficara e vortara no otu dia no primeru horaru. Mair no periudu de fim de anu noir ia saia daqui nove, deir hora da noite o carru la deir de dozoitu, dizenove hora tara la isperanu pura gente num era agente isperanu purele não. Cancei de passa cde trinta, quarenta dia paranu ali na rodoriara e num rina nem im casa.*

Eu- Pois senhor Silvino muito obrigado mais uma vez.

Ele - *Pur nada e quai que coisa e so vim aqui.*

## ENTREVISTA 05

Eu - Boa tarde.

- Eu me chamo Noeme Tomaz da Silva. Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia vinte do dois de dois mil e dezessete. Estou aqui na residência do professor, pesquisador e escritor Messias Ferreira de Lima, localizada a Rua: Antonia Maria de Jesus, S/N, para entrevista-lo em virtude da pesquisa.

Ele - *Boa tarde.*

Eu - Professor Messias Ferreira de Lima, o senhor me concede essa entrevista.

Ele - *Pois não! Estou a sua disposição.*

Eu - O senhor saberia (poderia) me falar como eram os modos de vida (aqui) no município de São José de Piranhas nas décadas de 1940-1950?

Explicação: Como eram as vestimentas da população que vivia no campo? E a população da cidade (como se trajavam?).

Ele - *Agente observando as fotografias da época da pra gente vê mais assim a ,a,a da zona urbana, das cidades . Porque o pessoal da zona rural era mais difícil de tirar foto deles. Mais era assim, aquelas pessoas que tinham mais condições com relação aos homens usavam muito o palito. Era de muito uso. Mesmo sendo de um tecido mais fraco agente observava, assim até tecido assim, riscado. Que era um tecido muito popular, muito barato na época o pessoal fazia palito de, de riscado principalmente para vir da zona rural para vir á feira e o pessoal que morava na cidade usa muito o palito, principalmente, por exemplo, no domingo quando ia para a missa. Todo mundo ia de palito. Eu ainda alcancei quando era criança eu alcancei e observei muito isso. Com relação às mulheres usavam aqueles vestidos longos. As roupas longas do século XIX e por ai até os anos 50 ainda era de muito em uso, mas a parti justamente desse período as mulheres começaram a bota as canelas de fora e passaram a usar os vestidos que vinha até os joelhos e foi também o começo das saias justas para as mulheres e que teve origem em seguida e veio também a minissaia no final dos anos 50 para os anos 60 e ouve uma mudança total. Mais ate os anos 50 o uso da época era praticamente o uso da, da época era a do século XIX aqueles vestidos longos para as mulheres. E o pessoal da zona rural era aquela roupa mais simples e que fazia parte do contexto da época.*

Eu - Como eram as condições financeiras da comunidade nessa época? Ou seja, de 1940 a 1950?

Ele - *Assim da zona rural ou da cidade?*

Eu - Tanto da zona rural como da zona urbana?

Ele - *Aqueles que a, a, a economia da época era fundamentada na agricultura, o pessoal que era ligado à agricultura e pequenos proprietários. São Jose de Piranhas sempre foi um município de pequenos proprietários. Aqui não houve os chamados latifundiários e as propriedades eram pequenas e as pessoas se mantinham de acordo com a sua condição. Havia muitas era muito, era muito bem dividido o município ainda hoje e muito bem dividido o território do município de São Jose de Piranhas como relação às propriedades e ai muita gente era proprietário. Os agregados àqueles que dependiam dos patrões eram poucos porque quase todo mundo aqui tinha sua pequena propriedade. E tendo sua pequena propriedade já tinha sua condição de vida mais ou menos com relação à economia do município.*

Eu - Como era a estrutura de poder no município nesse período?

Ele - *Mais que poder era esse? Não estou entendendo.*

Eu - Estrutura política?

Ele - *Nos anos 50 já havia eleições. As eleições no Brasil vêm de muito longe desde a época colonial pode se dizer. Passou por um período e, e, e de Império e passou pela Republica e já havia eleição. Eleição mesmo para prefeito em 1935. Ai veio o período da ditadura de Vargas retomada em 1947 às eleições e o poder como já falei que São José de Piranhas era um município que tinha as propriedades muito divididas. Vem a esse vieis que não havia esses coronéis potentados. Os proprietários eram pequenos proprietários e aqui não havia aqueles coronéis de “grandes expressões”. E o poder político estava concentrado justamente nas, nas mãos desses pequenos proprietários, que e tanto que não houve aqui em São José de Piranhas nem destaque de “coronel fula de tal” aquilo que agente vê na historia dos coronéis da, do, das outras regiões. Coronéis que tinham poder muito grande com seus capangas, que ditava as leis, que fazia tudo o que queria e que tinha muita gente trabalhando para ele, não teve isso. São José de Piranhas não teve isso. Levando em consideração isso ai, essas pequenas propriedades também não havia os chamados coronéis potentados.*

Eu - A respeito do comercio da época o senhor poderia me informar quem eram os comerciantes no município de São José de Piranhas entre as décadas de 1940-1950?

Ele - *Então vários e com relação ao comercio urbano se destacaram alguns como Antonio Gomes Barbosa, Joaquim Ribeiro. E que, e Antonio Gomes, por exemplo, chegou a ser um grande empresário do algodão porque ele tinha maquinismo de descaroça algodão, vendia algodão em pluma e também no ramo de vendas de tecidos, miudezas em geral, seriais e ferragem. Eram os empórios da época, era como se fosse hoje os mercados, mercadinhos e supermercados. Então o comercio de São José de Piranhas era muito bom com relação às cidades da época a feira de São José de Piranhas eram a mais importante do oeste paraibano. Haja vista que, aqui e uma região que produzia muito algodão, mas muito algodão mesmo. As terras eram muito férteis para a produção do algodão. Havia muitos engenhos de rapadura. Eu cheguei a cataloga até 60 engenhos que funcionaram no município. E também era um município que produzia algodão, a cana de açúcar para produzir a rapadura e além da farinha. O nosso*

*município tem três locais onde se produz farinha com abundancia, que são a Serra do Braga, a Serra do Bolga e Serra de Santa Luzia. Enquanto por exemplo os outros municípios da região não tem local para planta uma cova de mandioca, por exemplo, Cajazeiras, Sousa, São José de Piranhas tinha esse privilegio além de ser perto município do Mauriti que produzia muita farinha na época. E essa farinha era carriada para aqui, para a feira de São José de Piranhas. As cidades da região Sousa, cidades maiores, Sousa, Cajazeiras. Elas eram praticamente obrigadas a fazer feira aqui para comprar a rapadura e principalmente a farinha que era produzida em nosso município. Então o nosso município era muito privilegiado com relação a isso e por isso a feira de São José de Piranhas era uma das mais importantes do sertão do oeste paraibano. O comercio de Antonio Gomes, o de Luiz Gonzaga de Oliveira, o dos Robertos, o de Joaquim Ribeiro. O de Joaquim Ribeiro era só tecido. Havia aqui muitas lojas de tecido. Aqui havia umas dez lojas de tecido e naquele tempo não havia confecção todo mundo tinha que comprar o tecido para mandar fazer as vestimentas. Tanto os homens como as mulheres e ainda era feita a maquina de mão. Aquelas maquininhas que era rodada na mão. Só a partir dos anos 50 e que aparece a maquina de pé, ne. Mas tinha gente que vivia só disso de costurar por que não tinha roupa feita e dava muito trabalho as pessoas. Depois que começou a aparecer ás confecções a partir dos anos 60, começa a aparecer a roupa feita como se diz ai lá foram desaparecendo as famosas costureiras. Tinha as costureiras, tinha os alfaiates. Aqui eu conheci ainda umas quatro alfaiatarias. Que eram pessoas que viviam só daquilo ali fazendo palito para o povo, porque o povo usava muito palito, apesar do nosso clima. Só que o clima daquele tempo não era como o de hoje não era mais ameno. O clima daquele tempo. A temperatura aumentou aqui quase dois graus e naquele tempo havia muito o uso do palito e havia as alfaiatarias locais.*

Eu - Quem comprava esses produtos?

*Ele - Era a, a, a principio para o povo do próprio município como também o pessoal de outros municípios como eu já falei, por exemplo, Cajazeiras e Sousa não tinham a farinha e a rapadura também eram poucos os locais de produção de rapadura. E aqui o nosso município era muito privilegiado com relação a isso daí porque havia essa oferta em alto grau desses produtos.*

Eu - Com relação ao “ouro branco paraibano” (algodão) quem eram os produtores?

*Ele - Como eu já falei que São José de Piranhas se trata de um município de pequenos proprietários. Esse pequenos proprietários todos eles produziam porque era á base da economia e o seu produto principal era o algodão e havia aqueles que se destacavam mais, que tinham suas propriedades maiores que e o caso de e, e, e Antonio Faustino, Cícero Faustino a família Faustino de uma maneira geral, Firmino Faustino, Antonio Gomes Barbosa, Joaquim Ribeiro Campo, a família Marinho lá do, do, do Sitio Morros, Aceno dos Anjos, a família Lacerda, a família Cavalcante que tinham aqui e eram vários membros e que produziam muito algodão. Esses que se destacavam mais.*

Eu - Quais os tipos de sementes de algodão eram cultivados nessa região?

Ele - Sementes, por exemplo, o algodão que não é alimento, mas que é um produto para a venda. É tipicamente para a venda, porque o que se produzir vende. Se você produzir um quilo de algodão é vendido. Você não comia o algodão e nem a semente do algodão (sorriu um pouco). Enquanto que os outros eram produtos de subsistência, o milho, a rapadura que sobrava para a venda, por que a produção era muita, o arroz a produção era pouca, quem produzia um pouco de arroz era para o consumo próprio e a farinha que eram produzidas em alta escala. A farinha e a rapadura era o que se produzia para vender, o milho, o feijão e o arroz era para o consumo próprio. Já alguma coisa também com relação ao feijão e que é um produto que varia na época seca fica muito caro e nas épocas de inverno fica barato. Então é um produto que é um produto de subsistência milho, arroz e feijão e farinha e rapadura e que saía, que se produzia muito para a venda.

Eu - Com relação ao algodão existia um tipo de semente específica que era cultivada nessa região, mais precisamente no município de São José de Piranhas?

Ele - Aqui era o algodão arbóreo, que é aquele que planta ele fica quatro, cinco, seis anos produzindo. Existem dois tipos o arbóreo e o herbáceo. O herbáceo é aquele que se planta e no mesmo ano já produz e têm que arrancar e plantar de novo. E o outro não é aquele que demora quatro, cinco anos esse é o que era produzido aqui na nossa região. O cara botava uma roça e ficava fazendo roço daquela capoeira e ficava produzindo cinco, seis anos. Era esse que era plantado aqui no nosso município.

Eu - Quem eram os compradores desse produto?

Ele - Algodão é o seguinte. O funcionamento das empresas algodoeiras funcionavam com os produtores em primeiro lugar e depois vinham os corretores. Que eram aquelas pessoas que compravam o algodão muitas vezes na folha ou em rama. Comprava ao produtor ou financiava para fazer o preço na época da colheita. E esses eram os corretores. E os maiores corretores daqui como eu já falei foram Joaquim Ribeiro, Antonio Gomes Barbosa, a família Cavalcante, a família Lacerda eles comprava o algodão e vendiam nesse tempo a princípio era mais para Campina Grande. O algodão daqui era produzido e é levado para Campina em semente mesmo, depois é que passou a aparecer aqui às beneficiadoras de algodão que aí tiravam a semente era levado só a pluma. Mas antes era levado com semente e tudo para Campina Grande. Depois apareceram a partir dos anos 40 e 50 mesmo que é o período que interessa mais a você, apareceram as grandes multinacionais a Anderson Cleiton que era uma firma inglesa e a Samba que era uma multinacional Argentina que foram as grandes compradoras de algodão da época. Antonio Gomes Barbosa mesmo que foi um dos grandes produtores e um dos grandes negociadores de algodão e corretor chegou a vender algodão para Liver Pu na Inglaterra. Vê como era importante o algodão na época. E depois essas firmas que se instalaram em Cajazeiras, Sousa na época a Anderson Cleiton e a Samba eles compravam o algodão daqui da região não só de São José de Piranhas mais de toda a região. Beneficiavam esse algodão em Cajazeiras e Sousa e iam pra outras praças de comércio já ele em pluma, já descarado. Levavam somente a pluma. E outros em Cajazeiras e Sousa além dessas duas multinacionais havia outros compradores como Galdino Pires em Cajazeiras, a família Gadelha em Sousa, Luiz de Oliveira em Sousa e outras de menor importância que também se



*destacaram na época. Era a grande locomotiva época econômica era o algodão. Durante o período da safra que ia de final de Junho, Julho até Novembro, Dezembro era o, o dinheiro deitava e rolava aqui por que tinha trabalho para todo mundo. Havia gente que. Havia ano que havia tanta produção de algodão que não tinha quem catasse o algodão. O pessoal botava o gado dentro das roças ainda com algodão, por que não tinha quem catasse. Corria muito dinheiro porque, ai precisava de mão de obra e aqui a mão de obra era pouca apesar de vir nessa época aparecer muita gente do Ceará. Terminava as moagens do Cariri Cearense e o pessoal vinha trabalhar por aqui catando algodão. Era um período muito fértil, como se diz, corria muito dinheiro nessa época aqui, na época da safra do algodão.*

Eu - Quem transportava esse algodão para a cidade nas décadas de 1940-1950?

*Ele - Era e. Havia antes, até os anos 50 os transportes eram feitos através dos, dos arrieiros, os almocreves aqui na nossa região muitos eram chamados de matuto. Geralmente esses proprietários mais bem situados eles tinham suas tropas de animais para carregar o algodão. Mas havia aquelas pessoas que viviam exclusivamente daquilo, por exemplo, aqui eu me lembro muito bem aqui da família Araujo, Ananias Araujo e Silvino Araujo. Eles tinham suas tropas de animais para carregar algodão. Ficavam a seca toda transportando algodão da zona rural para a cidade e daqui para Cajazeiras, Sousa e Campina Grande já era transportado através dos carros, caminhões. Era a chegada do caminhão que facilitou muito isso. Por isso que houve uma grande assim, um progresso muito grande na nossa região. Houve uma evolução muito grande com a chegada do caminhão porque facilitou o meio de transporte e o algodão deu preço. E um produto quando da preço e tendo a procura. Ai foi uma beleza. As cidades se multiplicaram, as cidades foram crescendo. O grande impulso que teve nos anos 50-60 o algodão foi por isso, a chegada do caminhão que facilitou a, o transporte do algodão. O trem em Cajazeiras nos anos 20.*

Eu - No que se refere aos trabalhadores que viviam e trabalhavam nas propriedades nas entre as décadas de 40 e 50 quem eram:

- Os treças?

- Os que trabalhavam de meia?

*Ele - Bem as pessoas que trabalhavam de terça e de meia eram aquelas pessoas que não tinham terras. Você sabe que a ocupação do sertão paraibano e de todo o interior do Brasil foi através das chamadas sesmarias. Começaram as ocupações. As chamadas sesmarias foram sendo retalhadas e coisa e tal e a terra não deu para toda a gente. Quando a população começou a aumentar foi aumentando o número de agregado, ou seja, aqueles que não tinha terras para trabalhar ia trabalhar nas terras de terceiros e ai tinha as famosas e meias, terças como era feita o acordo da época. Geralmente era assim o algodão era de meia. O agregado, a pessoa que não tinha terra, o morador como era chamado, os moradores como eram chamados que não tinham terras. Eles moravam numa casinha. O patrão fazia uma casinha de taipa e ia morar lá,*

*e ai ele brocava, o patrão pagava para brocar, ai o algodão era e meia e o feijão, o arroz era de terça. Quem tinha terras de arroz porque as terras de arroz eram muito poucas era de meia. Geralmente o patrão não dava terras pra plantar arroz. As terras de arroz era ele mesmo quem plantava por que eram muito poucas as terras de arroz. E aparecem muitas terras de arroz porque foram construindo pequenos açudes e nos revés desses açudes iam fazendo as baixas de arroz e depois passou a haver uma maior produção de arroz principalmente naquela região do leste do município do Bom Fim, no Sítio Bom Fim, no Sítio Picada, Caldeirão era a região. As terras de arroz das Cacimbas eram poucas. Eu conheço bem porque sou de lá. Mais, maior mesmo era na região lá do Caldeirão, Bom Fim, Carrapateira, ali e era região própria e muitas terras de arroz, muita cana. Naquela região se plantava muita cana tinha vários engenhos montados lá que moía quatro, cinco meses durante o ano e também tinha muitas terras de arroz. Então era tudo feito através á parceria como se diz era feita através da meia do algodão, terça: arroz, feijão. A farinha praticamente era a mesma coisa, era de meia também, onde se plantava a farinha nas serras.*

Eu - Os arrendatários?(que arrendavam as suas terras para plantações?).

*Ele - Não, esse processo aqui eu praticamente nunca ouvi falar numa propriedade arrendada aqui. Por que as terras eram pequenas, as propriedades eram pequenas então só davam para o proprietário desenvolver seu trabalho ou ele sozinho se a terra fosse pequena se fosse maior tinha alguns moradores lá, mais eram eles mesmos quem comandavam. Nunca esse costume de arrendar terra tinha por aqui. Porque as propriedades eram pequenas.*

Eu - Como relação à população local, como eram os modos de vida?(a população vivia de que? Ou trabalhava em que para garantir o sustento da família?

*Ele - A zona rural era ligada a agricultura. Todo mundo trabalhava na agricultura ,n,n, não havia outra atividade além da agricultura. Na cidade existia uma certa diversificação, apesar das cidades naquele tempo serem pequenas , por exemplo, São José de Piranhas apesar de ser uma das mais antigas que tem mais de 138 ou 139 anos de independência política, mais era pequena, ainda mais porque sofreu o processo de transferência. Era lá em Piranhas Velha e a construção do açude de Boqueirão fez com que ela viesse “praqui” onde fica hoje a sede do município, isso prejudicou muito o andamento da Vila de São Zé de Piranhas. E ela passou a cidade propriamente dita, de vila a ser independente em 1885 e cidade foi só agora em 1938, o título de cidade. Mais era pequena 2 mil habitantes a sede do município. Então esse o povo vivia de que na sede do município trabalhavam na agricultura a grande maioria outros no comercio. Pequeno comercio, pequeno porque a cidade era pequena, mas a fera de São José de Piranhas era muito importante e havia naquele tempo, havia muito o artesanato que hoje praticamente desapareceu. Tinha as alfaiatarias, tinha sapatarias. Eu ainda alcancei aqui umas cinco sapatarias. Cada uma sapataria dessas trabalhavam oito, dez pessoas. E alfaiataria, sapataria (tocou um pouco) e a oficina de ferreiro, o artesanato do couro. Aqui tinha uma grande também produção de sola. O coro do gado da região e do município era quase todo era, era produzido ou transformado em sola por que havia os curtumes a outra*

*parte era vendida. E, e, e, e o coró era vendido porque todo tempo foi procurado o couro de bode, de ovelha, o couro de gado era vendido pra fora. Mais aqui havia curtumes e esses curtumes, por ter curtume aqui facilitava o processo de, do funcionamento das sapatarias e dessas oficinas de artesanato ligada ao coró chapéu de couro, a, o gibão todas aquelas coisas quanto e utensílio relacionada ao couro. Também tinha aqui umas quatro ou cinco pequenas oficinas de carpinteiros que fazia os moveis simples da época e também muita gente que trabalhava de pedreiro sempre uma atividade muito importante. As atividades dentro da sede do município eram essas que praticamente hoje não existe mais a parte artesanal da nossa região praticamente acabou, né.*

Eu - Quem eram os tropeiros naquela época? E como eram vistos na sociedade?

*Ele - Tropeiro era uma das figuras importantes da época. Porque para o cara possuir uma tropa de burros era preciso ele ter uma certa condição financeira e as tropas de burros, aliais quem era tropeiro era geralmente os proprietários,ne. Os médios proprietários era quem tinham suas tropas de burros. Mesmo que se eles não praticassem a atividade em si passava a ter o seu arrieiro, o seu tangedor, a pessoa que ia que levava a mercadoria, por exemplo, a principio eles iam para Mossoró. O sal da nossa região vinha de Mossoró. Então eles levavam para lá a farinha e trazia sal e outros produtos, o tecido que não tinha aqui. Isso numa época mais pa trais como se diz na época colonial. Na época da colonização propriamente dita da ocupação da região. Todo comercio aqui era feito em Mossoró ou Triunfo- Pernambuco e tudo isso era feito em lombos de burros. Então e como eu disse até os anos 50 foi uma das atividades mais importantes da nossa região era os arrieiros, almocreves. Tem muito nome, matuto, eram os tangedores de burro que era quem fazia o transporte de carga de toda mercadoria da época. Havia pessoas que se dedicava só àquilo com suas próprias tropas de burros. Ele era proprietário e ele era quem fazia as tangidas, as viagens. E havia outros aqueles proprietários de terras mais abastados e davam sua tropa de burros para uma pessoa fazer esse comercio, ne. E isso foi feito daqui pra Mossoró, daqui pra Triunfo, daqui pra Campina Grande ate o surgimento dos caminhões. Você como durou e como foi importante essa atividade. E, e, existe muitas obras, infelizmente aqui na nossa região não tem. Quando eu fiz o meu trabalho eu dediquei um capítulo a isso ai, mas eu senti muito trabalho para encontrar material de pesquisa. Eu peguei livro do interior de São Paulo que era um setor onde houve mais esse comercio de almocreves foi Piracicaba, uma cidade do interior de São Paulo que era um ponto de convergência dos arrieiros que vinham do Rio Grande do Sul e os de Minas Gerais que faziam essa concentração, essa convergência lá na cidade de Sorocaba. Sorocaba que e uma grande cidade do interior de São Paulo. La nessa região há muitos livros. Depois que eu fiz o trabalho eu vi muitos livros, muitos atores de livros falando sobre esse assunto, mas já tinha feito o trabalho (sorriu um pouco), não tinha como da uma melhorada. Mas existem muitos livros falando, por exemplo, tem um livro Mochoto Brabo de Ulisses Lins de Albuquerque que e um cara do Sertão de Pernambuco e ele fez um trabalho na década de 40, 50,60 por ai. Esse Mochoto Brabo tem muita coisa sobre a almocrevia.*

Eu - Com relação ao “ouro branco paraibano” o senhor poderia me falar se ele fazia gerar a economia da cidade?

Ele - *Aqui na nossa região por ser uma região pobre nunca o produto primário foi transformado, que era pra pegar o algodão e fazer o tecido. Ficava muito mais fácil, mas dava trabalho e era muito mais gente e o dinheiro ficava circulando por aqui. Mas pegava a nossa riqueza, “o ouro branco” e levava para Campina Grande e quem foi crescer Campina Grande um dos maiores centros comerciais da época que ainda e não perdeu essa pompa. Mas o crescimento de Campina Grande foi graças ao algodão daqui do nosso interior que era levado pra lá e era beneficiado lá. Lá tinha fabrica de tecido de Rio Tinto, a fabrica de tecido de Paulista lá em Pernambuco cidade perto de Recife foi ás cidades beneficiadas e fazia exportações para os Estados Unidos, para a Inglaterra principalmente depois da Guerra da Secessão, em 1865, nos Estados Unidos porque os campos de algodão dos Estados Unidos ficaram arrasados ai a procura de algodão aqui na nossa região foi muito grande e principalmente porque devido a nossa região ser uma região seca a pluma do algodão e uma das melhores do mundo. A melhor fibra, a fibra melhor do mundo e a fibra do algodão produzido no sertão, no poligno das secas porque quando o capucho abre ta seco ai não tem problema de nada de ter aquelas brocas dentro do cazulo. O capuchim sai branquinho uma beleza, a fibra muito boa porque a quintura da região. Ce vê que tem uma coisa interessante daqui pra Monte Horebe a diferença e bem grande, alias e pouca, mas lá em Horebe não da algodão devido ao clima nem abria logo adoece. Algodão e um produto de região quente principalmente pra abri. E importante a quintura quando ele vai abrindo. Tem que ter a terra molhada para ele flora e crescer o casulo. Agora quando for pra abrir quanto mais quente tiver melhor pra ele.*

Eu - O senhor saberia me falar por qual a razão os produtores deixaram de plantar o algodão aqui em São José de Piranhas e na região?

Ele - *HÁ! Foi o bicudo, o problema aqui foi o bicudo. E, e nas regiões onde se planta algodão no Rio Grande do Sul, eu li alguma coisa sobre isso. E um sacrifício muito grande, mas como as terras são apropriadas, terras boas e eles produzem em alta escala, eles plantam o algodão herbáceo e arranca no mesmo ano para poder não ficar foco para a reprodução do bicudo. Então o algodão nasce, quando começa a florar eles jogam muito veneno ,ne. Porque o bicudo so ataca quando ta começando a germinar, quando ta começando a surgir os cazulos,ne. Ai então o que que acontece eles jogam veneno. Como o período e curto ai o algodão forma os cazulos e ai produz o algodão, ai e preciso muito veneno, ai eles fazem a colheita e imediatamente arrancam o algodão todo e queima tudo para poder não deixar i foco do bicudo. E aqui não agente plantava o algodão demorava três, quatro anos então o bicudo ficou ali. Quando o bicudo apareceu o algodão era o local dele fica, ai pronto se aproveita e não tem jeito para produzir. E a nossa região não tem como produzir algodão desse jeito porque as terras não são apropriada para produzir algodão em alta escala mesmo, ai os invernos são atrapalhados. Porque o algodão tinha que houve esse controle para não deixar o ninho para o próximo ano. Porque se ficasse um pé de algodão ali e um foco e tanto que eles fazem assim, quando eles colhem o algodão, eles colhem e deixam uns focos, deixam umas bolinhas de algodão para o bicudo se concentrar ali naquelas bolas de algodão e quando e com um determinado tempo eles jogam gasolina e queimam. Pronto ai quando e no outro ano eles vão e*

*preparam os terrenos e plantam e colhe assim e preciso muito veneno lá. E aqui na nossa região não deu porque é muito alta a despesa que não compensa para se plantar. E lá eles trabalham muito com maquinário.*

Eu - Professor muito obrigado pela sua atenção e colaboração com a minha pesquisa através de suas falas

Ele - *Por nada, estou a disposição.*

## ENTREVISTA 06

Eu - Bom dia!

- Eu me chamo Noeme Tomaz da Silva. Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em Historia pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia vinte de janeiro de dois mil e dezessete, estou aqui no estabelecimento comercial do senhor Douetts de Sousa. Localizado na Rua: Sabino Nogueira, Nº 422, no Centro da cidade de São José de Piranhas, para entrevista-lo em virtude desta pesquisa.

- Senhor Douetts de Sousa o senhor me concede essa entrevista?

Ele - *Sim!*

Eu - A respeito do comercio da época o senhor poderia me informar quem eram os comerciantes no município de São José de Piranhas entre as décadas de 1940-1950?

Ele – *Sim! os comerciante que eu cuinci em primero luga aqui chamava- se Antonio Gomes Barbosa como um cuecio de estiva e ticulo, compa de algodão e de gado e de tudu im geral, e propietaro e era tinha usina de algudão na epca. Era o primeiro comercianti. Tinha Juaquim Riberu Campo (Joaquim Ribeiro) que tinha propiedade , tinha cumercio e muitu gado e só trabalhava cum loja de ticulo. Tinha o simo Luiz Gonzaga de Olivera (Luiz Gonzaga de Oliveira) comercianti no ramu de miudesa, estiva e padaria também trabalhava aqui. Tinha o simo Sivorino Irineu da Silva cum a Casa Comercial de ferragem, miudeza, istiva im geral também bem sucedidu. E mais varias loginha e cumercim piquenu, mais os princípais cumerciantes siriam esses.*

Eu - O que eles vendiam?

Ele - *Olha! Nu cumesu falanu na marera geral o finado Antoi Gome trabalhava cum toda mercaduria ticulo, chapéu, rede e ceriais im geral, istiva de uma manera geral tudu açúca,café tudo que penasse, ferrage tudu ele trabalhava.*

Eu - Quem comprava esses produtos?

Ele - *Era mais era o pessul da zona rural inclue toda zona rural era abastecida aqui na cidade e os circu vizinu cumo se fosse aqui da regiaão que ligava nessa epca aqui Carrapatera ( Carrapateira) num era nem cidade , mais pertencia a São Zé de Piranha a regiaão du municipo de Aguia, Serra Grandi ( Serra Grande), Horebi ( Monte Horebe), Bunitu*

*( Bonito de Santa Fé) parte du Ciara( Ceará) frontera tudu vinha faze compra aqui na sigunda- fera*

Eu - Com relação ao “ouro branco paraibano” (algodão) quem eram os produtores?

*Ele - Os produtorus aqui era todú propietario aqui de São Zé de Piranha do municipo de São Zé de Piranha plantara algodão. Quando ia buta uma roça a primera coisa que fazia era planta a sinemte de logo nu cecu no fal du ano. Planta pra citua. Todo mundo plantava algodão. Que vivia isclusivo, 90% o pobe vivia do algodão. Quando chegava no fim du anu pra junta , vende pra compra uma ropa , compra uma rede, compra uma coisa pa se visti do algodão. Tudu era o algodão, algodão, algodão.*

Eu - Quais os tipos de sementes de algodão eram cultivados nessa região?

*Ele. - Ais simente de algodão, era ais simente chava simente moco. E uma simente preta, era algodão cde simente preta. Aqui naquela epca ninguém trabalhava com algodão de simente branca não. Era so algodão de simente preta, quera um lãn muito boa. Ne? . E o povu so plantara esse algodão.*

Eu - Quem eram os compradores desse produto?

*Ele - Compradores, tinha muitus agiotas pra compra algodão, mias compra pa discaroça síria aqui uma media de quatu Antoin Gome Barbosa ( Antonio Gomes Barbosa), tinha uma usina aqui na cidade descaroçanu o algodão, Juaquim Riberu Campu ( Joaquim Ribeiro Campos), tinha uma usina no povuadu de Boa Vista, deiscaroçanu algodão, Firminu Faustinu ( Firmino Faustino) ali, no sitio Galante comprava algodão e discaroçava e Aceno dus Anju ( Acenor dos Anjos) que comprava algodão e discaroçava im Piraias Velha ( Piranhas Velhas). Usina di algodão pra discaroça sírias essas quato. E o retu tinha mais agiota. Tinha mais de cinquenta caba comprano algodão aqui, gente do sitiú (pausa , pois chegou um cliente e o cumprimentando)*

Eu - Quem transportava esse algodão para a cidade na década de 40-50?

*Ele - Isso era transportado so a tin, tin, como diz : nesse tempo agente chamava matutu. Tangeno burro, o otu em cavalu tangeno . Tudo era vinha im costa de animal pa cidade , para as usina im costa de animal.*

Eu - A expansão do algodão era feita para que local?

Ele - *Esses algodão depois de beneficiadu sempe saia a maio parti sempe viajava pa Sosa ( Sousa), Cajazeira ( Cajazeiras) . Pa Cajazeira tinha umas compaia que comprava algodão chamava-se Sambra e Cleite. E tinha uma industria que era de Cajazera mesmo qua chama Galdinu Pires, qua ainda hoje e viva e que comrava muito algodão. Pa Sosa ( Sousa) la tinha alem de partícula que compava algodão e discaroçava ,tinha a Sambra que era uma dar maiores compradora de algodão chamava im Sosa Sambra chamava.*

Eu - Quem eram os chamados “homens de negocio” no município de São José de Piranhas entre as décadas de 1940-1950?

Ele - *E, os homi que mais nigociava, que nigociava cum tudu , que comprara tudo que aparicia primero luga era Antoin Gome Barbosa,ne? Im primeru luga. Ai vinha otus que comprava mais ai e menos coisa e mais menos,ne. Esse otus cumerciantes comu eu falei eram (passou uma moto e buzinou) Juaquim Riberu era Luiz Gonzaga de Olivera, Sivirinu Irineu, Antoi Ferera de Moraes ( Antônio Ferreira de Moraes ) que era Toto tinha um cumesozinho também e a verdade era essa ( pausa, chegou um cliente perguntando o preço de um produto)*

Eu - No que se refere aos trabalhadores que viviam e trabalhavam nas propriedades nas entre as décadas de 40 e 50 quem eram:

Eu - Os treças?

Eu - Os que trabalhavam de meia?

Ele - *Olha! Eu num sei mais vo dize difinidu izatamente. Eu sei que era o tempu du sufrimentu o povo trabalhava, trabalhava a moir parti trabalhava. Quem num tinha porque quem ainda tinha uma garinha de terra sempe subivivia purque tinha o algodão pa vende no fim du ano, vende um bizeru , uma coisa e quem num tinha sempe vivia como se diz ingranjado com aquele ricu que tinha alguam coisa como Firminu Foustinu nu Glante que mantinha um mondo de gente trabalhanu la pra ele la im trocu,im troca de , de , de coisa de cume, de um litu de feijão, dum quilo de arroz, dum litu de milho. Tudum troca. O finadu Antoin Gome sempre mantinha gente assim e quando o caba num tinha nada, num tinha mermo não. Era sem nada. Vivia a custa dus otru, sofreno de dia e de noiti. Num tinha condição nem de compa uma ropa.*

Eu - Os arrendatários?(que arrendavam as suas terras para plantações?).



Ele - *Não, não, tinha ,não, tinha não arredatario tinha não. Sempe so tinha, tinha, tinha arraetario era muito di dificiu. Aqui ninguém ovía falava que fulano arrendava a prupiedade, nem nada não u povo. Quais num tinha não.*

Eu - Os pequenos proprietários?

Ele - *Piquenu, tinha muitus propietaro piquenu. Relamneti tinha muitu propietaro piquenu tinha. Tinha queeu num sei nem dize, nem calcula, imagina. Purque uma propiedade quando era maiozinha, muria us grande como se diz “us chefi”. Ai dividia a propiedade piquena. Ai dividia pra oitu, dez herero. Ai ficava tudu divididu propiedade piquena. Qui ainada hoje se mantem um monte de propiedade piquena, piquena, piquena mermo.*

Eu - O senhor poderia me falar como eram os modos de vida (aqui) no município de São José de Piranhas nas décadas de 1940-1950?

Explicação: Como eram as vestimentas da população que vivia no campo? E a população da cidade (como se trajavam?)?

Ele - *Não, a zona rural trabalhava, us homi trabalhava aquis simi- nu. Era de faze pena, viu, era de faze pena. Vistia uma ropinha quandu vinha pa rua. Pa, visti uma ropinha milho tinha oitu dia pa lava . Tinha gente qui trabalhava a semana todinha cum uma ropa so ( pausa, pois o telefone tocou) e pa nu dumingu da uma lavadinha na ropa pa na sigunda- fera pa vim pa rua .Era so di, o pobre era so di pobreza mermo. So via um dierim quando apurava e vendia u algudão no fim du anu o intregava pa vê se sobrava alguma coisa pa compa uma ropa, compra uma coisa. Era so de pobreza mermo viu.*

Eu - Como eram as condições financeiras da comunidade nessa época?

Ele. - *Bem! Dinero era muito difisu, era muito difisu, era difisu mermo. O caba pensa em diero, num tinha, num tinha, num tinha renda de nada. Tirando do cara cria um porquinho pa vende um pedaço e u otu pa cume. Pegava num tinha condição de vende, trocava cum vizinhu, partia um pedaço pa da o vizim . Qundu o vizim matava uma criação dava ou milho divuvia aquele pedaço e ia. A luta era essa. Era difisu de diero. Diero era difisu, difisu, difisu mermo. Num se falava im dieru não.*

Eu - Como era a estrutura de poder no município nesse período?

Ele - *De pude pelo meno pulitica quem mando cum a uma parte de, de, du seu Malaquia Gome Barbosa, quando veio pra qui como chefe puliticu e teve ur Lacerda que toda vida mandaru também . Vei du fanadu Antoin Lacerda ( Antonio Lacerda) qui foi um mandante um bucadu di tempu. Ai ficaru numiandu pessoas pa se prefeito. Ai tirava butava e foi assim. Naquele tempu num tinha eleição. Um bucadu de tempu num teve eleição nesse periudu era tudu era numiadu até 47 era tudu era numiadu.*

Eu - Quem eram os tropeiros?

Ele - *Minha filha! São muitus troperos, mais o maio tropero que tinha aqui chamava-se Fernane. Eu num to lembrado o sobrinome, mais era Fernani, Frenani. Esse tinha umas tropa mermo, tinha num sei quantas tropa de burro e tinha ur matutu como se diz ( pausa, chegou um cliente e para falr com ele). Ai tinha os tropero nessa epca. Ele tinha vario, vario, vario, vario. Posso até cita algum nome assim, mais era tantos tropero. Qui tudu qui ixistia pa luta de algodão. Transporta algodão, pa carrega mercaduria tudu era im costa de burru mermo . Purque num tinha carro, num tinha nada. Ai tinha Fernano. Ai depois teve os filho de Fernano trabalhava, tinha Anania que chamava Anannia Silvinu era um troperu, tinha Tintino era outru toperu, u Sivirinu Ferrera era tropero, era tinha um Anannia Navi era tropero, ai tinha um Zé Guerra era tropero e assim pordiamte.*

Eu - Eles trabalhavam independentes? Ou trabalhavam para um patrão?

Ele - *Olha! Tinha alguins que trabalhava independente e outus trbalhava pum patrão. Quem trabalhava sempre que tinha esses tropa de burro como o mininu, o finadu, o finadu Frenade sempre ele trabalhava era como ele pagava. Eu não sei dize como era naquela epca que ele pagava. Se era pu viagi, era pur méis. Eu num sei comu era. Mais tinha uns que era independente. Imdepondente mermo. As tropa de burro era dele. Sivirinu mermo aqui, seu Sivirinu era um que era um tropero dele por conta dele mermo. Os animais era dele e tudu era dele. Num dependia de ninguém.*

Eu - Como esses eram vistos socialmente?

Ele - *Bem, bem ,bem , graças a Deus eles sempe toda vida fórum repetadu. Todo mundo respeito us troperu, ne . Troperu e Vaqueru aqui na região toda vida foi respeitadu. Quando dizia: - Lai vem o vaqueru.*

*Todu mundo dizia: - Ele e um vaquero.*

*Dizia: - Vem um homi e um vaqueru.( sorriu um pouco).*

Eu – Bom! aqui eu encerro a minha entrevista com o senhor Douetts de Sousa.

- Senhor Douetts muito obrigada pela sua atenção e colaboração.

Ele - *Qui Duer li abençoi. Seja bem feliz.*

*E ispero mil veis qui você pricisi estou prontu pra li siervi.*

Eu - Muitíssimo obrigado por todas as informações que o senhor me passou.

## ENTREVISTA 07

Eu - Bom dia!

- Eu me chamo Noeme Tomaz da Silva. Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em Historia pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia vinte do um de dois mil e dezessete. Estou aqui na residência do professor e historiador, José Luiz da Silva, localizada a Rua: Malaquias Gomes Barbosa, Nº 23 para entrevista-lo em virtude da pesquisa.

- Professor José Luiz, o senhor me concede essa entrevista?

Ele - *Sim, concedo.*

Eu -A respeito do comércio da época o senhor poderia me informar quem eram os comerciantes no município de São José de Piranhas entre as décadas de 1940-1950?

Ele - *Bem! Nos podemos começar com Malaquias , que ta nessa faixa aqui de 59 e 40 Antonio Gomes Barbosa. Podemos ver também seu Douetts já por aqui em 50. Zé Pedro pode ter começado aqui pós 50. Então esses são alguns nomes que eu poderia. Sim e tem seu Gonzaga, (Luiz Gonzaga de Oliveira) que também teve um comercio nessa época aqui.*

Eu - O que eles vendiam?

Ele - *Vendiam de tudo um pouco alem de gêneros alimentícios: arroz, feijão, sal, café, açúcar, óleo. Eles vendiam também a parte de tecidos para a confecção de roupas.*

Eu - Quem comprava esses produtos?

Ele - *Quem comprava eram tanto pessoas da área urbana quanto da área rural. Há pessoas que dependiam do açúcar, do sal, do café por que o feijão na área rural eles produziam e o arroz. Eles plantavam de tudo um pouco*

Eu - Com relação ao “ouro branco paraibano” (algodão) quem eram os produtores?

Ele - *Nos tivemos pequenos e médios produtores. Os proprietários rurais eram responsáveis por essa produção e é as pessoas que tinham pequenas faixas de terra também eram responsáveis por essa produção. Acredito que Nobilino Inacio foi um dos maiores produtores de algodão de nossa região. Ele e falecido. E demais pessoas.*

Eu - Quais os tipos de sementes de algodão eram cultivados nessa região?

Ele - *Nos só tivemos o algodão preto. Que agente chama de algodão preto e que ainda e que por conta do bicudo a nossa cidade esta parada por causa de uma questão cultural, eles não veem um outro tipo de algodão como sendo possíveis só o algodão preto e nada mais.*

Eu - Quem eram os compradores desse produto?

Ele - *Você tinha compradores da cidade e você tinha compradores de Cajazeiras, de Sousa. E Cajazeiras essa época tinha a SAMBRA. Porque a maquina de descaroça algodão de Antonio Gomes a pequena industria ela perde espaço para a Samba que estava sendo montada em Cajazeiras. Então tudo estava sendo deslocado para Cajazeiras e grande parte também ia para Campina Grande e outros centros comerciais.*

Eu - Quem transportava esse algodão para a cidade na década de 40-50?

Ele - *Os caminhões geralmente eram fretados para levar esses produtos.*

Eu - Quem eram os chamados homens de negocio no município de São José de Piranhas nessa época?

Ele - *Eram aqueles que podiam colocar uma venda. Eram aqueles que podiam financiar desde o plantio a colheita do algodão e a compra da safra na folha. Então esses eram os homens de negócios que financiavam toda essa produção.*

Eu - O senhor saberia (poderia) me falar como eram os modos de vida (aqui) no município de São José de Piranhas nas décadas de 1940-1950?

Explicação: Como eram as vestimentas da população que vivia no campo? E a população da cidade (como se trajavam?).

Ele - *O homem da roça se trajava normalmente como se traja como se veste hoje no campo e o homem rural aquele empreendedor nessa época e longo se vestia muito bem. Estava todo dia cedinho vestido de linho com sapato, gravata tal, tal. Esse era o empreendedor. E trabalhador eram roupas simples, roupas normais quando podiam comprar.*

Eu - Como eram as condições financeiras da comunidade nessa época? (40-50)

Ele - *São José de Piranhas sempre foi uma população que viveu do rural, dependeu a vida inteira do rural, da agropecuária e pequenos funcionários públicos. Que esse número era bem pequeno. Hoje não. Hoje você já tem um número maior de funcionários, de agencias*

*bancarias etc e etc, mas na época a cidade era bastante parada mesmo com relação a esse movimento.*

Eu - Como era a estrutura de poder no município nesse período?

Ele - *Sempre quem tinha melhores condições era quem ocupava os cargos políticos. Haja visto, que os podres nunca pleitearam e mesmo assim jamais teriam condições de chegar na época a um cargo político e sempre as famílias de prestígio na cidade era quem por exemplo um Nelson Lacerda, um Malaquias Gomes Barbosa, um Antonio Gomes Barbosa, um Joaquim Lacerda Leite que já vem bem depois de 50.*

Eu - Quem eram os donos das usinas e distribuidoras de algodão?

Ele - *Nos só tivemos uma que foi de Antonio Gomes Barbosa. Só uma.*

Eu - Como relação à população local, como eram os modos de vida?(a população vivia de que?) Ou trabalhava em que para garantir o sustento da família?).

Ele - *Nessa época numa sociedade patriarcal o homem era responsável por tudo por sustentara à esposa, por sustentar os filhos, manter eles bem vestidos. Diferentemente de hoje que todos tem que trabalhar. Na época não. Até por que não existia trabalho e as filhas das pessoas que tinha uma posição privilegiada não trabalhava por que era uma vergonha para eles.*

Eu - Quem eram os tropeiros?

Ele - *Os tropeiros eram pessoas que tinham o número entre três e cinco burros que levavam algodão para campina Grande, Cajazeiras, Sousa, toda essa região eles distribuía algodão e no retorno trariam o que? Querosene, sal, açúcar, arroz alguns produtos que eram vendidos para a população.*

(o sino da igreja tocou)

Eu - Eles trabalhavam independentes? Ou trabalhavam para um patrão?

Ele - *Meu caso que eu sei de um cidadão ele tinha a sua tropa de burro, mas não era fácil, não era para qualquer um equipar uma tropa de burro com o que realmente precisava para ganhar o seu dinheiro, levando toda essa produção e trazendo uma outra.*

Eu - Como esses eram vistos socialmente?

Ele - *Como pessoas de bem. Eles tinham um bom relacionamento na sociedade. Eles não eram mal vistos não. Os tropeiros nunca foram mal vistos não pela sociedade.*

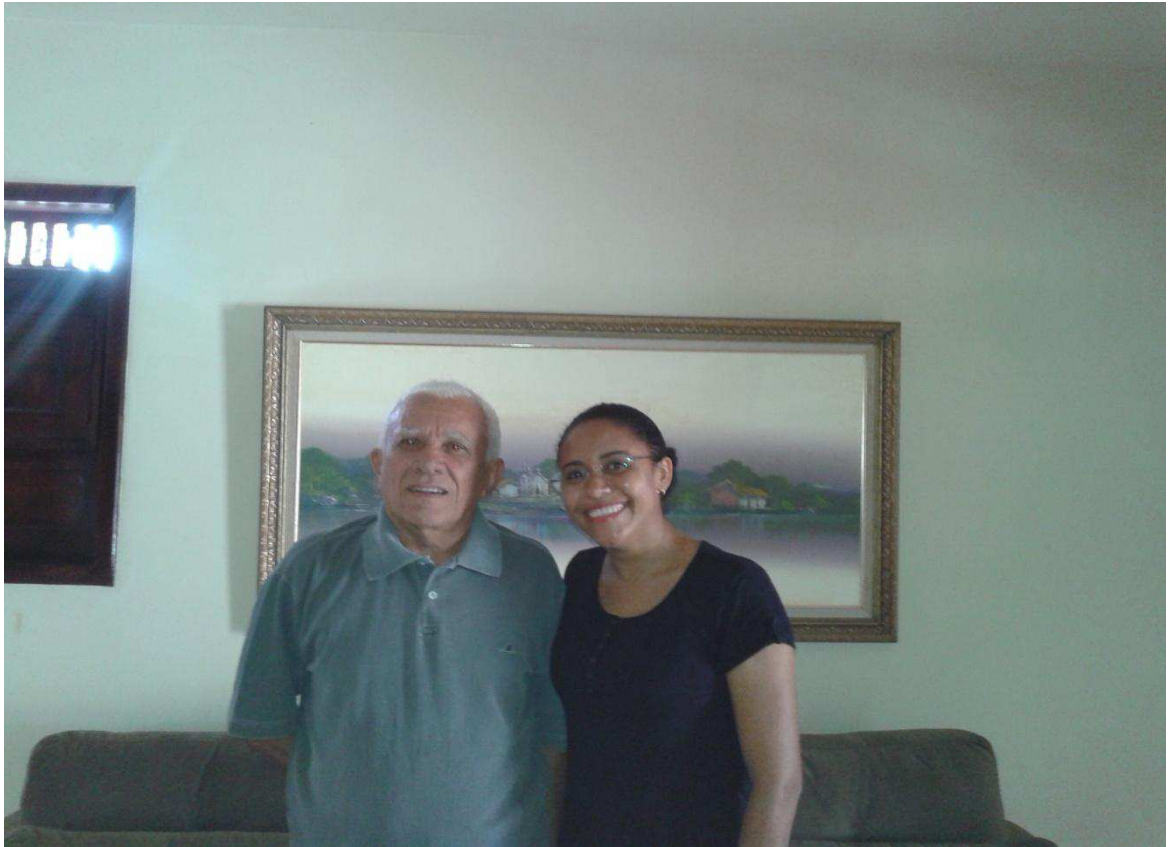
Eu - Bom! Aqui encerro a minha entrevista.

- Muito obrigada professor José Luiz da Silva, pela sua atenção.

Ele - *Espero ter contribuído de alguma forma para sua formação.*

**ANEXOS**





**PROFESSOR, PESQUISADOR E ESCRITOR MESSIAS FERREIRA DE LIMA.**

**Fonte: foto particular:** (Noeme Tomaz da Silva, 2017).



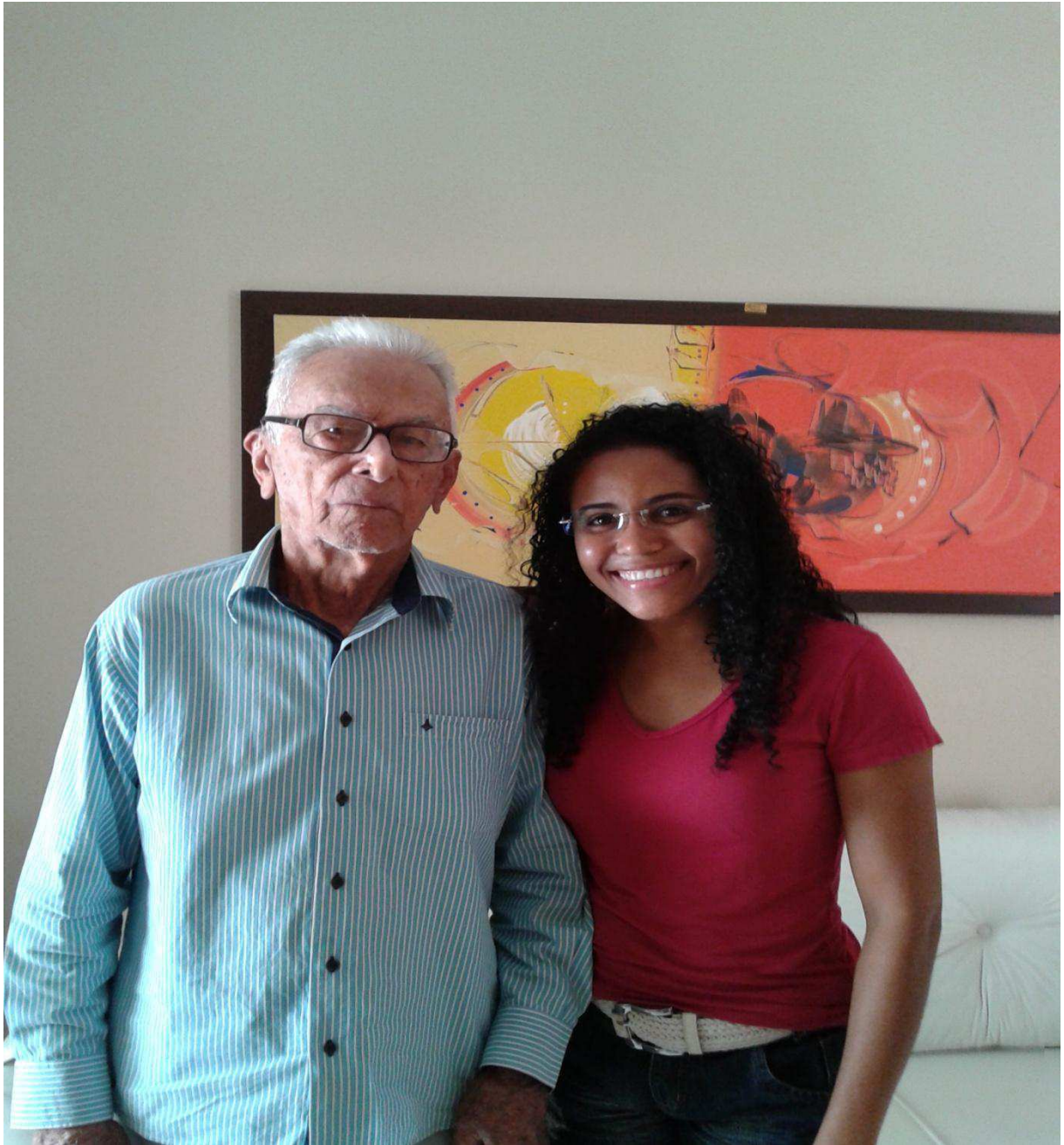
**COMERCIANTE: SENHOR DOUETTS DE SOUSA**

**Fonte: foto particular: ( Noeme Tomaz da Silva,2017)**



**PROFESSOR E HISTORIADOR: JOSÉ LUIZ DA SILVA**

**Fonte: foto particular: ( Noeme Tomaz da Silva,2017)**



**SENHOR SEVERINO FERREIRA DIAS: EX-TROPEIRO**

**Fonte: foto particular** (Noeme Tomaz da Silva, 2014).



**SENHOR SILVINO FERNADES EX-TROPEIRO, ANA MARIA FERNADES**

**Fonte: foto particular: ( Noeme Tomaz da Silva,2015)**

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) NOEME TOMAZ DA SILVA, portador (a) do RG 3575338 e CPF 090197474-95, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 20/01/2017, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José de Piranhas, PB, 20 de Janeiro 2017.

Assinatura: Jose Luiz da Silva

Nome: JOSE LUIZ DA SILVA

End.: RUA MALABRUM G. BARBOSA, 23

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) NOEME TOMAZ DA SILVA, portador (a) do RG 3575338 e CPF 090197474-95, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 02/05/2012, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José de Piranhas, PB, 12 de agosto 2014.

Assinatura: Severino F. Dias

Nome: SEVERINO FERREIRA DIAS

End.: R. Firmino Faustino nº 21 S. José de Piranhas

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) NOEME TOMAZ DA SILVA, portador (a) do RG 3575338 e CPF 090197474-95, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 02/03/14, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José de Piranhas, PB, 01 de Julho 2014.

Assinatura: Silvino Fernandes de Sousa  
Nome: Silvino Fernandes de Sousa  
End.: Rua Antonio Pereira



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) NOEME TOMAZ DA SILVA, portador (a) do RG 3575338 e CPF 090197474-95, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 02/02/2017, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José de Piranhas, PB, 02 de fevereiro 2017.

Assinatura: Messias Ferraz de Lima

Nome: \_\_\_\_\_

End.: Rua: Antônio Maria de Jesus

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) NOEME TOMAZ DA SILVA, portador (a) do RG 3575338 e CPF 090197474-95, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 20/03/2017, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da UFCG, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a UFCG poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José de Piranhas, PB, 11 de fevereiro 2017. *2017*

Assinatura: *[assinatura]*

Nome: NOEME TOMAZ DA SILVA

End.: RUA SERRA NOVA Nº. 438.